

# LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO DO ALGARVE CONCELHO DE LAGOA



MÁRIO VARELA GOMES • JOÃO LUÍS CARDOSO • FRANCISCO J. S. ALVES

CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOA

**LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO DO ALGARVE**  
**CONCELHO DE LAGOA**

**MÁRIO VARELA GOMES • JOÃO LUÍS CARDOSO • FRANCISCO J. S. ALVES**



CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOA

1995

## FICHA TÉCNICA

AUTORES: Mário Varela Gomes, João Luís Cardoso e Francisco J.S. Alves.

CAPA E ARRANJO GRÁFICO: Mário Varela Gomes

ILUSTRAÇÃO: Fernando de Almeida (fig. 68); Francisco J. S. Alves (figs. 1, 58, 59, 70); Carlos Pereira Callixto (figs. 43, 66); Helena Figueiredo (fig. 25); Cristina Gaspar (figs. 4, 6, 26, 53); Mário Varela Gomes (figs. 2, 3, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 42, 44, 46, 52, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 63); Ana Machado (figs. 11, 12, 23, 36, 45, 47, 48, 50, 51, 62, 64, 65, 67, 69); Jaime Palhinha (figs. 9, 22, 34, 49); Carlos Tavares da Silva, Antónia C. Soares e Joaquina Soares (figs. 39, 40); Estácio da Veiga (figs. 5, 7, 15, 41).

FOTOCOMPOSIÇÃO, MONTAGEM, IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO: Gráfica Europam Ltd.<sup>3</sup>

Mem Martins, Portugal.

## Índice

Apresentação .....	p. 5
Introdução .....	p. 7
1. O Espaço e o Homem .....	p. 9
1.1. Enquadramento natural .....	p. 9
1.2. As mais antigas presenças humanas .....	p. 11
1.3. Da recollecção à produção de alimentos .....	p. 15
1.4. O fenómeno megalítico .....	p. 16
1.5. Idades dos metais .....	p. 19
1.6. A presença romana e alto-medieval .....	p. 21
1.7. Da Idade Média à Idade Contemporânea .....	p. 23
2. Inventário. Estações, sítios e achados com interesse arqueológico .....	p. 29
3. Bibliografia .....	p. 99

## **Apresentação**

Recordo-me de ter escrito em 1987 que se assistia a uma ruptura com valores tradicionais, ao aparecimento de novos valores, à perda de referências culturais e, cada vez mais, permeabilizamo-nos por valores alheios, surgindo assim a necessidade de desenvolver, a nível da Câmara Municipal de Lagoa, acções de protecção e divulgação do nosso património histórico-cultural, de tal forma que se relacionava a vivificação do património com a necessidade de redescobri-lo e dá-lo a conhecer, considerando da maior importância a actividade editorial, enquanto instrumento privilegiado para a promoção local e regional.

Muitas destas palavras, decorrida uma década, conservam, no contexto presente, a sua ampla actualidade, embora se vislumbre de alguns organismos, e sobretudo de muitas autarquias locais, outra postura. Os cidadãos, por seu lado, também têm vindo a mostrar a sua crescente preocupação e muitos são os que pretendem retomar caminhos, encarando o presente como explicação do passado e este como orientação de futuro, sem contudo assumir revivalismos alheios ao progresso e ao desenvolvimento humano.

A Arqueologia e a História irmanam-se no aprofundamento das ligações culturais ao nosso passado...

Encetou, há alguns anos, a Delegação Regional da Secretaria de Estado da Cultura uma iniciativa que pretendia promover os levantamentos arqueológicos dos diversos concelhos do Algarve, infelizmente não teve sequência que possibilitasse chegar ao Concelho de Lagoa.

Compete também às autarquias promover o conhecimento, proteger e preservar o património histórico-cultural das suas áreas geográficas, procurando uma intervenção sistemática dos valores culturais e, naturalmente, do Património Arqueológico. Este, como outros foram, é um passo mais nesta tarefa que temos de empreender de forma articulada entre estudiosos e as autarquias.

Sentiu o Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lagoa a necessidade de incentivar e patrocinar a retoma daquela iniciativa de Levantamento Arqueológico do Algarve relativamente ao seu Concelho. Tendo contactado o Arqt<sup>o</sup> Mário Varela Gomes, mostrou este, de pronto, a sua disponibilidade para encetar caminhos de colaboração conducentes a esta meritória tarefa. Varela Gomes, profundo conhecedor dos valores arqueológicos do Concelho — há mais de uma vintena de anos que empreendera estudos sobre o Neolítico nesta área geográfica e, nomeadamente, nos sítios da Caramujeira e Areias das Almas. Apesar de um afastamento relativo à edilidade durante quase uma década, continuou a dedicar atenção aos valores arqueológicos do Concelho de Lagoa. Assim, foi com mútuo agrado, penso, que se entabulou um profícuo relacionamento, que esperamos conduza a outros sucessos.

Desta feita empreendeu o Levantamento Arqueológico do Concelho de Lagoa, em colaboração com outros autores, João Luís Cardoso e Francisco J. S. Alves, a quem desejo expressar o mais vivo agradecimento desta autarquia.

Com a edição deste Levantamento Arqueológico do Algarve — Concelho de Lagoa, prestam Mário Varela Gomes e os dois co-autores um inestimável serviço à Arqueologia e à História do Concelho. Este Levantamento não é certamente um estudo definitivo, pleno, mas passará a ser indubitavelmente uma das principais fontes da historiografia local, um marco de consulta imprescindível, encontrando-se elementos que, no momento, se procuraram até à exaustão e constituem peças de extremo valor para explicar desde as mais remotas ocupações deste território até património e marcos arqueológicos ou históricos de séculos passados, mas recentes.

Espera-se, obviamente, que este trabalho e esta publicação possa contribuir para a redescoberta de caminhos de problematização das realidades perenes, influenciando opções culturais, na utilização e disponibilização de recursos, e no ordenamento do território.

Lagoa, Junho de 1995



(José Inácio Marques Eduardo)

O Vereador da Cultura  
da Câmara Municipal de Lagoa

## Introdução

O Concelho de Lagoa, constituído por alvará régio de D. José, datado de 16 de Janeiro de 1773, tinha, então, por termo os lugares de Estombar, Mexilhoeira da Carregaço e Ferragudo, ficando pertença da Casa da Rainha. Actualmente, abrange uma área de 93,6 kms<sup>2</sup>, repartida por cinco freguesias: Carvoeiro, a mais recente, Estombar, Ferragudo, Lagoa e Porches, esta última integrada somente em 1834.

Situado na zona ainda correspondente ao denominado Barlavento do Algarve, o concelho de Lagoa é limitado, a oriente, pela ribeira de Vale de Engenho ou de Porches e, a ocidente, pelo rio Arade, beneficiando a sul, de extensa linha de costa. Podemos, mesmo, dizer que *«jaz todo na costa do mar ouçiano»*, tal como Zurara (1915, 267) situou o Reino do Algarve.

Apesar da sua apreciável riqueza arqueológica, onde se destaca a estação pré-histórica de Caramujeira, descoberta em 1974 e cujos menires são hoje conhecidos do mundo científico, não se têm nele processado trabalhos de investigação que o valorizem. São excepção as pequenas escavações realizadas no Ilhéu do Rosário, em meados do passado século e sob orientação de Estácio da Veiga, em Ferragudo e na Gruta de Ibn Amar (Mexilhoeira), ainda quase inéditas, apesar de terem sobre elas decorrido mais de vinte e cinco anos, ou as breves campanhas verificadas na Caramujeira. De facto, os conhecimentos disponíveis sobre o seu património arqueológico resultam, sobretudo, de alguns achados ocasionais, das prospecções de Estácio da Veiga, das que um de nós procedeu nos anos setenta (M.V.G.), e das agora efectuadas e a que se somaram muitas informações dispersas, tendo em vista a elaboração do presente estudo.

Refira-se, a propósito, a falta de novidades e o extremo laconismo de que enferma o volume, ainda recentemente publicado, da *«Carta Arqueológica de Portugal»* (1992) e que

abrange o concelho de Lagoa, onde, somente, é referida uma pequeníssima parte do seu acervo arqueológico, dado terem sido inventariadas, apenas, vinte e quatro estações.

Devem-se, ainda, contributos importantes, para o conhecimento do passado desta região do Algarve, aos trabalhos de prospecção sub-aquática verificados nos últimos anos, sob orientação de um dos autores (F.A.), de que é pertinente destacar a descoberta do valioso conjunto de canhões da Ponta do Altar.

Também alguns exemplares da arquitectura civil e industrial, dos séculos XVI a XVIII, não tiveram, até ao momento, a valorização devida, e, por tal facto, têm vindo rapidamente a desaparecer, aqui se fazendo o registo dos que, todavia, sobrevivem.

Continuámos a cartografar, conforme aconteceu no *Levantamento Arqueológico do Algarve — Concelho de Vila do Bispo* (Gomes e Silva, 1987), a totalidade das grutas ou furnas. Muito embora muitas delas não tenham proporcionado vestígios arqueológicos, não só emprestam à paisagem inegável e característica beleza, como poderão, uma vez estudadas, oferecer interessantes dados etno-históricos.

De igual modo, foram registados arqueossítios desaparecidos ou ocultos, mas que futuros trabalhos poderão vir a redescobrir.

Mais uma vez, tanto vastas áreas agricultadas como outras urbanizadas obstaram, por certo, a que se detectasse maior número de arqueossítios. E mesmo para alguns dos identificados, a verdadeira dimensão da sua importância só poderá ser avaliada com escavações arqueológicas.

Os resultados agora apresentados contaram com as referências bibliográficas, quase exaustivas, que constam do *Levantamento Arqueológico — Bibliográfico do Algarve* (Gomes e Gomes, 1988), embora tivéssemos de visitar todos aqueles locais, tendo-se percorrido, de carro e, sobretudo, a pé, grande parte do concelho.

Ficámos a dever entusiástica e prestimosa colaboração a Jaime Palhinha, que nos indicou informadores, sítios, materiais ou cedeu levantamentos inéditos por ele pacientemente efectuados ao longo de muitos anos, a Duarte Bigodinho, João Ramos e Carlos Soares, Amigos que nos acompanharam em muitas das visitas e proporcionaram valiosas notícias. Também sem os incentivos e o apoio incondicional do Dr. José Inácio Marques Eduardo, vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lagoa, não teria sido possível levar a cabo o presente trabalho.

## 1. O Espaço e o Homem

### 1.1. Enquadramento natural

O concelho de Lagoa é formado, do ponto de vista geológico, por terrenos de épocas e de natureza diferentes. De norte para sul, a sucessão litostratigráfica observada integra-se na estrutura geológica regional, correspondendo, *grosso modo*, a extenso monoclinal, com vergência para sul, constituído, sucessivamente, por formações de idade cada vez mais recente. Assim, na área em estudo, podem detectar-se, segundo a cartografia geológica mais actualizada (Manupella, 1992), as seguintes unidades litostratigráficas:

- Dolomitos e calcários dolomíticos, do Sinemuriano (Jurássico inferior, J1PA);
- Calcários e dolomitos de Almádena, do Bajociano (Jurássico médio, J2A);
- Calcários com *Anchyspirocyclina lusitanica*, do Kimeridgiano/Titoniano (Jurássico superior, J3A);
- Calcários e margas do Berriasiano — Aptiano (Cretácico inferior, C1);
- Arenitos, calcários e margas do Aptiano (Cretácico inferior, C2);
- Formação carbonatada de Lagos — Portimão, do Aquitaniano — Burdigaliano — Langhiano (Miocénico, MLP);
- Areias e cascalheiras de Faro — Quarteira (Quaternário antigo, Qa);
- Areias de praia (A), aluviões e sapais (Holocénico).

As areias e cascalheiras de Faro-Quarteira, assentes por discordância erosiva na unidade anterior, têm expressão relevante na área do concelho de Lagoa, constituindo depósitos de

cobertura, muito retalhados pela erosão, oferecendo condições propícias ao estabelecimento de povoados abertos neolíticos, quando são representadas por areias soltas, e lavadas, de aspecto dunar. Tal facto deverá reportar-se à evolução pedogénica recente; na verdade, em profundidade, os depósitos consolidam-se, adquirindo características arenítico-conglomeráticas e cores avermelhadas, devido à impregnação de óxidos de ferro, responsáveis pela cimentação observada.

Nalguns locais, os leitos conglomeráticos atingem certa importância, sendo essencialmente constituídos por seixos, de pequeno a médio tamanho, de quartzo ou de quartzito.

Os depósitos mais modernos reconhecidos no concelho de Lagoa, correspondem a aluviões e areias de praia. As primeiras são abundantes na região da vila de Lagoa; trata-se de extensa área estreita e alongada de orientação este-nordeste — sul-sudoeste, desenvolvendo-se a partir da referida povoação, correspondendo ao enchimento de uma depressão pré-existente, de características endorreicas, constituindo, até ao fim da Idade Média, domínio lacustre. As obras de drenagem e secagem então realizadas, ainda hoje bem evidentes, transformaram aquela depressão em fértil zona agrícola. Por fim, as areias de praia acumulam-se em pequenos recôncavos abrigados, costeiros, junto à foz de cursos de água, na maioria de carácter não permanente.

A geomorfologia da região é condicionada pela estrutura monoclinall referida. Assim se explicam as vastas superfícies regulares, e tabulares, sobretudo observadas nos afloramentos miocénicos, pontuadas por pequenas elevações pouco marcadas, embora profundamente escavadas pelos cursos de água, em consequência da natureza carbonatada das rochas que as constituem.

O litoral, em contrapartida, é caracterizado pela acentuada erosão das referidas assentadas miocénicas, que até ele se prolongam, formando arribas verticais, de grande beleza, por vezes atingindo algumas dezenas de metros de desnível sobre o mar. Numerosos e profundos algares, de origem cársica, em comunicação com o mar, acentuam, por abatimento, o recorte costeiro; o recuo assim produzido é testemunhado pelos pináculos isolados no mar, cuja máxima expressão é corporizada pelo grande rochedo conhecido por Pedra do Altar.

As principais características climáticas desta região foram estudadas por F.R. Cunha (1957). O concelho de Lagoa abrange, segundo a classificação climática de Thornthwaite (1948), dois tipos principais: Numa franja correspondente à parte setentrional, e ocupando cerca de 1/3 da superfície total do concelho, predomina *clima sub-húmido seco*, enquanto que a zona média meridional, por seu turno, corresponde a domínio climático *semi-árido* (Cunha, 1957, fig. C-19). A área onde se implanta o concelho de Lagoa, encontra-se abrigada, tanto do «levante» que fustiga sobretudo a orla do Sotavento, como dos ventos de norte, mais activos na costa do Barlavento.

Com uma vasta área ocupada por campinas aproveitadas por regadio, depois da secagem dos pântanos — que poderia ter ocorrido, ao menos o seu início, na época de denominação islâmica — as culturas denunciam características especiais, de natureza sub-tropical mediterrânea, explicadas pela pequena precipitação, uma forte insolação e temperaturas do ar relativamente altas. A proximidade oceânica concorre, por seu turno, para amenizar os rigores do Verão e do Inverno, conduzindo à criação de uma «*verdadeira estufa natural*» (Cunha, 1957, IV), apta à produção hortícola e pomícola, esta última estendendo-se pela

região do Barrocal (nas franjas setentrionais do concelho). Tais condições excepcionais possibilitam, também, a ocorrência de «*outras espécies de clima mais quente (...) que não são exploradas com carácter económico, como sejam a goiabeira, o amendoim, a cana do açúcar, a bananeira e a figueira de pita*» (Cunha, 1957, IV). De realçar que a exploração de cana do açúcar, se bem que de há muito abandonada, parece ter tido na região algum desenvolvimento.

A vegetação é consequência das condições climáticas descritas e, obviamente, da natureza dos solos (predominando os calcários). Embora muito degradada, nos seus aspectos e características primitivas, pela intensa pressão humana, ainda hoje se podem entrever, em zonas não agricultadas e de mais difícil acesso, manchas de vegetação espontânea ou semi-espontânea, em equilíbrio climático. Com efeito, encontram-se na região muitas espécies xerofíticas, sobretudo no litoral e na parte englobada no tipo semi-árido, como sejam as piteiras e a palmeira anã ou das vassouras (*Chamaerops humilis*), única representante em Portugal Continental de uma flora essencialmente tropical. Nesta região encontra-se, também, a amendoeira (*Amygdalus communis*), a figueira (*Ficus carica*) e a alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), espécies igualmente muito resistentes à seca (Cunha, 1957, 427), cultivadas intensivamente até há poucos anos, mas hoje em fase de declínio acentuado, tal como as culturas de regadio, nas várzeas perto do litoral. Apenas a produção de citrinos, recorrendo a técnicas agrícolas modernas, parece documentar, na actualidade, o sucesso das (escassas) produções agrícolas, especialmente na zona do Barrocal.

## 1.2. As mais antigas presenças humanas

Os testemunhos humanos mais remotos, reconhecidos na área do actual concelho de Lagoa, correspondem ao aparecimento de pequenos seixos quartzíticos, bem rolados e achatados, rudimentarmente talhados, em uma ou em ambas extremidades, em geral em uma das faces, recolhidos à superfície e *in situ* de alguns locais da sua orla litoral. Uma das mais importantes dessas ocorrências situa-se na foz da ribeira de Vale de Engenho ou de Porches. Em corte exposto na sua margem direita, sobre a actual praia de Armação de Pêra, a sucessão observada foi a seguinte (de baixo para cima):

C.0 – Substrato miocénico. Siltitos carbonatados de cor amarelada, muito fossilíferos (lamelibrânquios, equinodermes), separados da C.1 por superfície de erosão e abarrancamento.

C.1 – Arenitos de cor rosada, com laivos esbranquiçados; observam-se passagens conglomeráticas sub-horizontais, formadas por seixos de quartzo, mais raramente de quartzito, em geral bem rolados (máximo *ca* 5cms); tem cerca de 4m de espessura e forneceu alguns seixos afeiçãoados (microlusitaniano).

C.2 – Areias soltas de cor amarela-acastanhada. Possui cerca de 1m de potência e ofereceu material lítico, lascado, de arestas pouco erodidas.

C.3 – Areias com raras indústrias — cerâmicas e sílices — atribuíveis ao Neolítico. Formam paleossolo sub-horizontal de coloração acinzentada. Tem 0.30m a 0.50m de espessura.

C.4 – Areias soltas esbranquiçadas, de cor acinzentada, com 0.30m de espessura média, constituindo a superfície do terreno.

O corte descrito, com 25m de cota máxima, oferece grande interesse, por documentar a existência de indústrias paleolíticas arcaicas, coevas do depósito detrítico descrito. Trata-se da formação Qa, as «*Areias e cascalheiras de Faro — Quarteira*», atribuída ao Plistocénico inferior (Manupella, 1992) que integra outras estações do concelho de Lagoa (Alporchinhos, Areias das Almas, Lombos, Caramujeira, Caramujeira-Sul, Vale de Centianes). Este conjunto lítico inscreve-se, pois, entre os representantes das mais antigas indústrias encontradas em território nacional, as quais, por seu turno, pertencem ao grupo dos mais recuados testemunhos humanos em solo europeu, contando com mais de um milhão de anos (Cardoso e Penalva, 1979; Azevedo, Cardoso, Penalva e Zbyszewski, 1979; Penalva, 1979; Cardoso, 1985; 1995).

As indústrias arcaicas, por nós reunidas no concelho de Lagoa, têm equivalente no litoral do Barlavento Algarvio, no concelho de Vila do Bispo. Com efeito, em diversos retalhos de praias elevadas do litoral ocidental, foram recolhidos artefactos em tudo idênticos a estes. A altitude de tais rechãs permitiram atribuí-las ao Pré-Acheulense. Tratar-se-iam, com efeito, de indústrias correlativas de depósitos de idade calabriana, atendendo às cotas em que se situam, comparativamente ao nível do mar actual (a cerca de 125m de altitude, na mais importante ocorrência, Mirouço, 5Kms noroeste de Vila do Bispo). Porém, não poderemos dar demasiada importância à altimetria destes depósitos, como critério de atribuição de idade absoluta, atendendo ao intenso tectonismo da região, com provas evidentes de neotectónica, como a conhecida falha de Fonte do Calhau, a norte de Vila Nova de Milfontes (Andrade, 1937-38, figs 80, 81). A observação da distribuição dos epicentros dos sismos ocorridos na plataforma continental sublinha, igualmente, a instabilidade tectónica da extremidade sudoeste do território (Ribeiro, 1979).

Os depósitos que, no Mirouço (Vila do Bispo), se situam a 125m de altitude, desenvolvem-se, mais a sul, entre Ponta Ruiva e Laredo das Corchas a 95m, o que evidencia a variabilidade devida à referida instabilidade. Já anteriormente, na fachada meridional do Algarve, se recolheram provas conclusivas quanto à falibilidade do método altimétrico, quando tomado como elemento decisivo — quantas vezes único — para a determinação da idade dos depósitos respectivos. Com efeito, nas formações de carácter flúvio-lacustre de Algoz (Silves), a altitudes perfeitamente compatíveis com as tradicionalmente conferidas aos depósitos do último interglaciário, de Riss-Wurm, recolheu-se um conjunto faunístico cujas características paleontológicas indicam idade do início do Plistocénico médio (Antunes, Azzaroli, Faure, Guérin e Mein, 1986). Não espanta, pois, que os depósitos da unidade Qa, antes referida, e onde se recolheram as peças líticas em causa, se prolongassem até ao nível do mar actual, não obstante serem, com todas as probabilidades, do Quaternário antigo, e assim considerados (Manupella, 1992).

Conforme referimos, outros locais forneceram indicações semelhantes, em cortes efectuados para a extracção de inertes, que atingiram camadas de areias consolidadas, de matriz ferruginosa, subjacentes às areias de cor cinzenta-esbranquiçada, soltas, com indústrias neolíticas. Trata-se de equivalentes da C.1 do corte da foz da ribeira de Vale de Engenho e, como ela, integráveis na unidade litostratigráfica Qa; em tais camadas recolheram-se diversos seixos afeiçãoados, de quartzito, *in situ*.

Outros artefactos de ocasião e uso polivalente, talhados uni e bifacialmente, em seixos de quartzito ou quartzo, encontrados sobretudo nas estações de Caramujeira e Areias das Almas, podem ser atribuídos a fases mais evolucionadas do Paleolítico. Ali identificámos raspadores, percutores, núcleos, lascas, etc... Certos núcleos poliédricos e discóides oferecem técnica mustierense, podendo, portanto, pertencer ao Paleolítico Médio.

O registo arqueológico volta a ser importante no Epipaleolítico, como acontece nos vizinhos concelhos de Portimão e de Vila do Bispo. De facto, reconheceu-se conjunto industrial lascado, de características mirenses, cujo início poderá ascender ao final do Paleolítico Superior.

A base de tais indústrias macrolíticas é essencialmente constituída por seixos rolados de grauvaque, de dimensões em regra superiores a 12-15cms. O seu artefacto mais expressivo é o machado mirense, de morfologia variada, cuja forma-tipo possui um gume terminal largo, convexo ou em leque, acentuado pelos estrangulamentos laterais da parte mesial, simétricos e obtidos por bojudagem.

Um estudo tipológico, recorrendo ao maior conjunto até hoje recolhido, proveniente do concelho de Vila do Bispo, foi recentemente realizado (Cardoso e Gomes, 1994), concluindo-se da existência de oito formas diferenciadas, com base em dois processos de análise multifactorial: por ordenação em correspondentes principais e por hierarquização aglomerativa. Acompanha esta peça um instrumental lítico variado, incluindo seixos afeiçãoados de gumes mais ou menos extensos, desde discos, talhados em toda a periferia, até seixos truncados numa das extremidades ou percutores, alguns deles com depressões sobre as faces (motivando a designação de bigornas).

É característica dos artefactos referidos a técnica de lascamento utilizada, o talhe remontante, constituído por levantamentos múltiplos, imbricados (*en gradin*) e sobrepostos, verticais ou sub-verticais, a partir de uma das faces do seixo. Desta forma, os gumes assim obtidos são espessos, bem adaptados aos trabalhos de raspagem de corpos duros, por exemplo, de troncos de árvore, complementando funções desempenhadas pelos machados mirenses. Cremos, com efeito, que uma das tarefas principais daqueles instrumentos — que não seriam segurados na mão, como admitem alguns autores (Pereira e Bicho, 1994, 34), mas sim fixados, como qualquer machado, a cabos de madeira — se destinava, ao menos em parte, ao abate de lenhosas tendo em vista vários fins, sobretudo a desflorestação e a construção de habitações. Só a atribuição de tais peças a função especializada e de carácter largamente dominante, como a proposta, poderá explicar a exuberância com que ocorrem em determinados locais dos concelhos de Vila do Bispo e de Portimão, fazendo deslocar para o Barlavento Algarvio o centro de distribuição de tais indústrias, que anteriormente se julgava no litoral do Baixo Alentejo, a sul do rio Mira.

Neste contexto, o surgimento de tais materiais no concelho de Lagoa é de grande importância, por vir demonstrar a progressão, ao longo da costa meridional algarvia, para nascente,

das «indústrias mirenses», colmatando-se, desta forma, descontinuidade até ao presente existente entre os extremos, ocidental e oriental, do Algarve (Cardoso e Gomes, 1994).

O local onde se recolheu o conjunto mais expressivo é o de Mato Serrão I. Trata-se de uma jazida implantada em encosta suave, de exposição meridional, correspondendo a depósito de areias soltas, de cor cinzenta-esbranquiçada, em parte resultantes da lavagem da formação Qa — «*Areias e cascalheiras de Faro — Quarteira*».

A prospeção superficial revelou escassos fragmentos de cerâmica lisa e grosseira, muito rolados, com grande dispersão, atribuíveis ao Neolítico Antigo. No limite ocidental do terreno visitado, a situação revelou-se mais interessante. Com efeito, mercê de revolvimentos recentes, efectuados em área circunscrita da camada superficial de areias soltas, foi posto a descoberto em cerca de 1.5m<sup>2</sup>, conjunto coerente, provavelmente integrando uma estrutura habitacional, ou «fundo de cabana», constituído por artefactos tipicamente mirenses a que não faltavam os machados (um inteiro e diversos fragmentados). Por outro lado, num pequeno talude do caminho adjacente ao local referido, observou-se, a cerca de 0.20m de profundidade, fiada de pequenas pedras, inclinando ligeiramente para sul, que poderá corresponder a empedrado, coevo da estrutura habitacional referida.

Trata-se, evidentemente, de local que justifica investigação mais detalhada, mediante escavação.

Testemunhos da presença humana epipaleolítica, representados por artefactos de tipologia idêntica aos mencionados, foram também registados ao longo das arribas litorais, talhadas nos calcários miocénicos. Com efeito, o topo destas, frequentemente muito carsificado, conserva, de mistura com os depósitos argilosos residuais (*terra rossa*), seixos bem rolados, de quartzo, quartzito ou grauvaque, ostentando afeiçãoamento, especialmente estes últimos, transformando-os em diversos artefactos de tipologia mirenses, incluindo machados (Ponta do Altar, Lageal, Benagil, Marinha).

É difícil explicar por acções naturais a presença em tais sítios de seixos de grauvaque com dimensões que podem atingir 12-15cms de comprimento. Não admitimos que o transporte litoral tenha sido responsável por tais ocorrências, nem, tão pouco, o transporte fluvial, drenando terrenos paleozóicos, situados muito mais para o interior. Qualquer destes agentes não teria competência para deslocar peças tão volumosas. Deste modo, resta-nos aceitar a hipótese de constituírem manuportos, nalguns casos objecto de transformação em instrumentos diversos.

Em face dos elementos obtidos nas prospeções, verifica-se que, no decurso do Epipaleolítico, grupos humanos ocuparam tanto o litoral como zonas mais afastadas deste (Bemparece, Bemposta, Torrinha, Lobite), sugerindo aproveitamento diferenciado dos recursos naturais disponíveis, talvez de carácter sazonal. Assim, enquanto ao longo do litoral se poderia obter, no decurso de grande parte do ano, moluscos e crustáceos, nas terras do interior, embora não demasiadamente longe do mar, viabilizando o acesso ao litoral, se praticaria economia de recollecção menos especializada, ao longo de todas as estações.

A idade das indústrias mirenses tem sido sobejamente discutida, embora pouco se tenha avançado desde a década de 1940, quando G. Zbyszewski e colaboradores declararam, a propósito dos materiais recolhidos na praia do Telheiro, ao norte do Cabo de S. Vicente: «...il s'agit d'une industrie contemporaine de la dernière série de Milfontes qui établit un passage du Paléolithique aux industries plus récentes d'âge mésolithique» (Formosinho, Vaultier

e Zbyszewski, 1945, 17; Cardoso e Gomes, 1994). Conforme mencionámos, as significativas observações efectuadas no concelho de Lagoa permitem, mesmo, confirmar aquela conclusão.

### 1.3 Da recollecção à produção de alimentos

Se parece incontroversa uma idade sobretudo epipaleolítica, ou, no limite, mesolítica, para as indústrias mirenses, por outro lado aceitamos uma evolução linear e contínua entre o machado mirenses, especialmente o tipo com forma piriforme, e o machado neolítico. Tal facto, que parece adequadamente ilustrado por exemplares de grauvaque, do Barlavento Algarvio, evidenciará a ausência de rupturas na estrutura económica decorrente da lenta adopção da agricultura e da pastorícia.

A ausência de rupturas, ao nível da cultura material, pontualmente sugerida pela evidente transição morfológica do machado mirenses para o machado neolítico primitivo, encontra-se documentada, de modo mais consequente, pelos próprios modelos de povoamento, idênticos tanto no Epipaleolítico/Mesolítico como no Neolítico Antigo, denunciando, deste modo, estádios sociais próximos. Tal aspecto, detectado no concelho de Lagoa, inscreve-se, naturalmente, em um contexto geográfico muito mais vasto, de carácter trans-regional. De facto, ele apenas confirma a situação identificada no concelho de Vila do Bispo (Gomes e Silva, 1987, 17). A realidade económica-social a ela subjacente foi ali caracterizada do seguinte modo: «... em ambos os períodos, formas de economia de largo espectro coexistem e complementam-se, no seio de determinado território, com formas de curto espectro, o que implica situações de nomadismo sazonal e sábia exploração dos níveis mais ricos e de mais fácil acesso existentes em cada um dos ecossistemas desse mesmo território. As primeiras e tímidas formas de produção de alimentos vão-se entrosar, de modo natural, nesse sistema económico sem provocar, durante os alvares do Neolítico, a ruptura com os antigos padrões de relacionamento entre o Homem e o Meio».

Exemplos no concelho de Lagoa do povoamento do Neolítico Antigo não faltam; as condições geomorfológicas dos sítios escolhidos são sempre idênticas. Trata-se, como já acontecia nas jazidas epipaleolíticas/mesolíticas (Torrinha, Lobite, Bemparece 1, Salicos, Mato Serrão I e II, Bemparece, Areias de Alfanzina, Lombos, Caramujeira, Areias das Almas, Areias de Porches, Alporchinhos, etc...), de extensas áreas abertas, correspondendo a encostas suaves sem quaisquer condições naturais de defesa, de substrato arenoso — resultando de lixiviação da formação Qa — assegurando uma boa drenagem. Este vasto território litoral, alojaria comunidades essencialmente igualitárias, baseando a sua organização social em grupos pouco numerosos de escassas dezenas de pessoas, no máximo, podendo, no entanto, circular, ao longo do ano, por diversos locais, consoante os recursos naturais que estes potencialmente pudessem oferecer. É lícito, pois, aceitar que, a par da economia de produção agrícola muito incipiente, a que não será alheio o facto de terem privilegiado a ocupação de solos arenosos, por certo os melhor drenados e mais fáceis de

amanhar, estas comunidades se deslocassem sazonalmente para o litoral, onde, em grande parte do ano, beneficiando do clima benigno da região, facilmente encontrariam, na recolção, as bases elementares da sua subsistência, tal como as suas antecessoras do Epipaleolítico/Mesolítico.

Com efeito, os povoados neolíticos detectados no concelho de Lagoa, distribuem-se ao longo da faixa litoral e junto a pequenas linhas de água doce. Mostram ocupação dispersa, com extensões por vezes vastas (Caramujeira, 25ha; Areias das Almas, 14ha) e neles não se detectaram estruturas perenes. Tais testemunhos indicam não só a grande mobilidade das populações de então, como a sua estreita dependência em relação aos recursos marinhos ou, melhor, aos proporcionados pela interface costeira, onde é sempre maior e mais variado o espectro de bens alimentares. Por outro lado, a serra de Monchique, nomeadamente nas suas zonas mais baixas e onde existiram bosques ricos em caça, ilustrava a estratégia integrada de exploração dos recursos naturais, dado em certas épocas do ano aquele território poder ter sido explorado em alternativa aos recursos proporcionados pelo litoral.

Assim se explicaria o baixo índice de fixação daquelas primeiras populações neolíticas, como a ausência de povoados nas proximidades das necrópoles megalíticas de Monchique, considerado espaço sagrado, onde seriam inumados, individualmente e em sepulturas de tipo cistóide, os mais destacados membros de tais comunidades, nomeadamente a partir do Neolítico Médio.

Quando o habitat se tornou mais estável, dada a crescente importância da agricultura no contexto económico, durante o Neolítico Final, a serra de Monchique quase deixou de ser procurada como espaço funerário, surgindo então os primeiros sepulcros no Barrocal e no Litoral do Barlavento, mostrando enterramentos colectivos. Estes parecem ter sido introduzidos tardiamente, em relação a outras regiões do Sul de Portugal, facto que pode ser explicado pela adopção em época avançada da agricultura e dos laços de coesão por ela provocados, no reforço das relações sociais no seio de cada comunidade humana e inter-grupos. Tal situação explica-se pelo possível insucesso das iniciativas individuais no seio da comunidade agro-pastoril, e pela sobrevivência da agricultura, itinerante, dos primeiros tempos neolíticos, bem como do contexto económico-social a ela associada.

Se os habitats se encontram representados pelas diversas ocorrências referidas, as necrópoles também estão registadas. É exemplo a gruta de Ibn Amar, situada junto ao rio Arade, na sua margem esquerda e perto da povoação de Mexilhoeira da Carregação. Ali foi exumado interessante conjunto de cerâmicas com decoração impressa e incisa, do Neolítico Antigo, acompanhando ou constituindo, elas próprias, oferendas funerárias.

## **1.4. O fenómeno megalítico**

Os trabalhos desenvolvidos por um de nós (M.V.G.) no Barlavento Algarvio, permitem aceitar, embora não sem algumas reservas, que o megalitismo acompanhou todo o Neolítico, desde os seus alvares, nos finais do VI milénio A.C., até à implantação das primeiras sociedades calcolíticas. De facto, apesar de ali quase se desconhecerem monumentos

funerários megalíticos, fora da serra de Monchique, à excepção dos sepulcros tardios de Pedra Escorregadia (Vila do Bispo) e de Alcalar 1 (Portimão), têm vindo a ser descobertos numerosos menires, com formas, dimensões e decorações variadas, nomeadamente nos dois extensos povoados de Caramujeira e Areias das Almas, no concelho de Lagoa, onde se recensearam cerca de meia centena.

Campanhas de prospecção e escavações iniciadas, em 1974, naqueles arqueossítios, demonstraram a sua intensa ocupação, ao longo do tempo. Tais trabalhos seguiram-se à identificação nos finais do ano anterior, do grande menir 1 de Caramujeira, constituído por dois elementos talhados em calcário conífero de cor branca, que se ajustariam perfeitamente, segundo superfícies planas, totalizando 3.17m de altura. Os restantes menires, estelas-menires e bétilos, estes de pequenas dimensões (0.45m), mostram, em geral, decoração formada por faixas verticais de cordões ondulantes, com dois, três ou quatro elementos, como cadeias de elipses, de igual modo dispostas verticalmente e unidas ou não por linha central. As faixas de cordões ondulados alternam, em alguns monumentos, com formas triangulares, também em relevo, adossadas a cinturas fállicas. Certos monólitos mostram covinhas, normalmente de pequenas dimensões, na maioria das vezes abertas quando se encontravam tombados, dado se registarem nas faces expostas.

Um dos menires de Caramujeira (m. 14) oferecia restos de pintura de cor vermelha, formando larga mancha com contornos difusos.

Apenas dois dos monumentos de Caramujeira foram encontrados *in situ*, durante as escavações, jazendo todos os restantes fora de contexto, embora testemunhos então recolhidos afixassem que alguns estavam organizados em conjuntos de três, quatro e cinco elementos, conforme descreveu Estrabão (III.1.4) em relação aos que se erguiam no Cabo de S. Vicente e verificámos em outros pontos do Barlavento (Lagos e Vila do Bispo).

Tanto na Caramujeira como em Areias das Almas, as áreas com maior concentração de espólio correspondiam a um mais elevado número de menires.

As evidências estratigráficas reconhecidas naquelas duas estações arqueológicas indicaram dois horizontes culturais neolíticos, para além de ocupações mais antigas, atribuídas ao Paleolítico e ao Epipaleolítico, conforme atrás se referiu.

O primeiro horizonte neolítico é integrável no estágio cultural que tem vindo a ser denominado por «Neolítico Antigo Final» ou «Evolucionado», incluindo não poucas estruturas de combustão, utensilagem macrolítica e numerosos artefactos de sílex, quartzito, quartzo e cristal de rocha (lamelas, algumas de dorso abatido, furadores, buris, raspadores, núcleos, etc...), assim como enxós, que aproveitam seixos e têm apenas o gume polido, pequenos machados de secção circular ou oval, fabricados em rochas metamórficas, placas sub-rectangulares de arenito, com restos de pintura vermelha, percutores, elementos dormentes e moventes de mós e, ainda, grande número de fragmentos de cerâmica. Estes pertenceram a vasos hemisféricos, esféricos e em forma de saco, sendo alguns munidos de pegas horizontais, maciças, com decoração incisa, ou com dupla perfuração vertical. Por vezes exibem ornamentação plástica, constituída por cordões isolados ou associados entre si, alguns puncionados, horizontais, verticais ou oblíquos. Muitos outros fragmentos mostram, nas superfícies exteriores, decoração incisa e impressa, não cardial, ou associam aquelas duas técnicas, formando linhas horizontais paralelas e métopas. Certos exemplares oferecem impressões sobre o bordo, no exterior, no interior ou na parte superior e, por vezes, em duas daquelas zonas.

Os materiais mencionados encontram estreitas afinidades com os da denominada «*Cultura de las Cuevas*», da Andaluzia Oriental, com alguns exumados em grutas da Estremadura ou nas camadas superiores dos concheiros dos vales do Tejo e do Sado, mas, sobretudo, com os espólios dos povoados do Alentejo Litoral e do extremo Barlavento do Algarve (Cabranosa e Padrão I). Datações radiocarbónicas de restos malacológicos exumados numa estrutura de combustão em Padrão I (Vila do Bispo), indicaram cronologia calibrada, depois de feita a correcção para o efeito de reservatório, da segunda metade do VI milénio A.C.

O segundo horizonte cultural indicado, com paralelos na Estremadura, Alentejo Litoral e na região costeira de Huelva, está representado por fragmentos de vasos hemisféricos e esféricos, sendo abundantes os pertencentes a taças carenadas de fundo convexo. Aquelas primeiras formas apresentam bordo com lábio de secção semicircular, aplanado e, também, espessado no interior ou externamente, mas não «almendrado», como é típico do Calcolítico do Sudoeste. Algumas possuem elementos de preensão oblongos, colocados perto do bordo, surgindo, ainda, decorações impressas e incisas, estas em maioria. Dali provém, também, um fragmento de peso de tear, com forma paralelepípedica e perfuração a meio de um dos topos.

A indústria lítica conta com machados e enxós de pedra picotada/polida, surgindo peças de grandes dimensões, algumas com secção sub-rectangular e artefactos de pedra lascada, nomeadamente núcleos, lamelas, lascas, furadores e raspadores, sendo mais comuns os sobre lasca larga, de sílex, com retoques abruptos. Registaram-se, ainda, elementos dormentes e moventes de mós, os primeiros com típica forma de sela, percutores etc...

Note-se que nos dois povoados não foram encontrados fragmentos de pratos com bordo «almendrado» ou «crescentes», de cerâmica, artefactos caracteristicamente calcolíticos, tal como fragmentos de cadinhos para fundição do cobre, ou objectos neste metal. De igual modo, as pontas de seta, em geral abundantes nos contextos tardo-neolíticos de outras regiões do Ocidente Peninsular, estão ausentes.

A recente revisão dos materiais de ambas estações permite considerar a existência de novo horizonte cultural preenchendo o *hiatus* existente entre os descritos, ou seja, do Neolítico Médio. A este período, mal conhecido da nossa Pré-História, pertenceriam algumas cerâmicas almagradas, possivelmente fragmentos de vasos ovóides, certos exemplares impressos e incisos, como os que mostram uma linha sob o bordo, lamelas de dorso abatido, enxós e machados de secção circular ou oval e, ainda, pequenas placas sub-rectangulares, entre outros materiais.

A grande sobrevivência da ocupação humana nos locais que temos vindo a referir reflectiu-se, ainda, nos menires, dado que as suas decorações oferecem não só distintos graus de erosão, como, pelo menos, em três monólitos de Caramujeira observa-se que elas foram realizadas em momentos distintos e afastados no tempo.

Os menires de pequenas dimensões, por vezes decorados com faixas ondulantes de curvas abertas, incisas ou com pouco relevo, sugerem cronologia mais antiga. Nos monumentos mais recentes, não só se atingem maiores alturas, como as decorações são mais complexas, com faixas largas, compostas por vários cordões ou por grandes elipses, mas, sobretudo, bem em relevo.

Podemos concluir que os menires de Caramujeira e Areias das Almas são reflexo de

actividades sócio-religiosas ali processadas durante todo o Neolítico. Aquelas comunidades humanas terão continuado formas de subsistência estruturalmente herdadas dos últimos caçadores-recolectores holocénicos, onde mariscar, teve, pelo menos, em grande parte do ano, papel determinante. No entanto, entre a costa e a serra de Monchique, o mais vigoroso relevo da região, estendia-se um território com grande variedade de recursos, pelo que a economia de produção de alimentos, suportada pela domesticação de animais e plantas, ter-se-á imposto de modo lento, e a agricultura ali terá sido, até tarde, praticada em pequena escala; a preponderância económica agro-pastoril foi atingida, apenas, com o Calcolítico.

## 1.5. Idades dos metais

Desconhecem-se, por ora, no concelho de Lagoa, estações arqueológicas calcolíticas. Nos inícios deste período operaram-se profundas transformações económicas e sociais, em parte decorrentes da adopção de novos meios de produção, passando-se a praticar a agricultura de arado, extensiva e intensiva, beneficiada pela introdução de novas espécies, e a exploração do cobre. À necessária sedentarização associou-se o sobreproduto económico, permitindo maior interacção comercial e cultural. Os extensos habitats, com ocupação dispersa, do Neolítico Final, localizados nos planaltos de areias, próximos do litoral, como Caramujeira, Areias das Almas e Alporchinhos, deixaram de ser frequentados, pelo menos ciclicamente e como até então acontecia, passando as populações a concentrarem-se nos povoados de cumeada, junto a cursos de água e dos terrenos com boas capacidades agrícolas do *binterland*, circundados por amuralhados que defendiam pessoas e bens. É bom exemplo, deste tipo de assentamento, o povoado de Alcalar, no vizinho concelho de Portimão, junto a monumental necrópole de sepulcros de cúpula, muito embora seja possível que na área hoje abrangida pelo concelho de Lagoa possam, ainda, vir a surgir testemunhos daquele período, nomeadamente em zonas hoje muito urbanizadas ou agricultadas, factores que poderão ter dificultado a sua detecção. Neste sentido, não admirará encontrar tais ocupações em locais como, por exemplo, o cerro onde, pelo menos desde a Idade Média, se instalou a povoação de Estombar e em cuja região se têm exumado artefactos avulsos daquele período.

Aliás, H. Schubart (1971, 211, fig. 7), atribuiu ao Horizonte de Ferradeira, ou seja ao período de transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, que podemos situar nos inícios do II<sup>o</sup> milénio a.C., um pequeno machado plano, de perfil subtriangular, de cobre, dali proveniente e dado primeiramente a conhecer por Estácio da Veiga (1891, 94, 95, est. VIII-1).

Foi, de igual modo, aquele arqueólogo pioneiro quem primeiro detectou, nos finais do século passado, as necrópoles da hoje denominada Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, de Bemparece, Porches Velho e Crastos, a primeira a sudoeste da vila de Lagoa e as duas outras a sudeste, junto ao litoral.

Um outro cemitério, daquele mesmo período, terá existido, segundo informações que recolhemos em 1975, no local onde está instalada a Escola Internacional, não longe daquela vila.

É muito restrita a informação disponível sobre tais necrópoles, sabendo-se, apenas, que as sepulturas eram do tipo cista, estruturadas por lajes dispostas de cutelo, cobertas por outras maiores, formando as câmaras onde jaziam os corpos na posição fetal e em *decubitus* lateral. Também não se detectaram os habitats correspondentes a tais jazidas, conhecendo-se, no entanto, alguns artefactos de cobre/bronze, encontrados casualmente, atribuídos àquela mesma Idade.

No sítio das Fontes Grandes, junto de nascentes que abastecem linha de água subsidiária do Arade, descobriram-se dois grandes machados planos, de cobre/bronze, com largo gume arqueado, que poderão ter constituído um esconderijo ou possível depósito ritual, integrado em cultos relacionados com aquele manancial (Veiga, 1891, 270).

Da zona dos Crastos, onde assinalámos um dos cemitérios referidos, provém uma ponta de seta ou de dardo, com forma lanceolada e espigão não muito longo, conservada no Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

A extensa gruta-santuário, conhecida como Furna dos Mouros ou Gruta de Ibn Amar, ofereceu importante espólio atribuível ao período tardio da Idade do Bronze (Bronze II) e à Idade do Bronze Final (1200-800 a.C.), designadamente um estreito machado plano de cobre/bronze, uma taça com carena baixa e paredes côncavas, muito semelhante às habitualmente encontradas nas necrópoles, fragmentos de outras, com diferentes formas e dimensões, e de vasos, com bordo extrovertido, em geral cozidos em ambiente redutor, com as superfícies bem alisadas, brunidas ou penteadas. Dali provém, ainda, parte de uma taça com grafito, em forma de X no interior do fundo, e de outra, com bordo espessado, de perfil subcircular, contendo rara decoração radial brunida no interior, de cor negra, que contrasta com a cor cinzenta clara das paredes e do fundo. Estes materiais devem ter sido depositados na gruta, constituindo oferendas às divindades aquáticas e ctonianas que, talvez, se acreditasse ali existirem, em especial nas suas nascentes e lagos, conforme julgamos ter acontecido em cavidades subterrâneas da Península de Lisboa ou na Lapa do Fumo, nos arredores de Sesimbra. Outra hipótese, menos provável e que não inviabiliza, totalmente, a apresentada, é a daquelas cerâmicas terem acompanhado enterramentos ali processados, embora o espólio osteológico humano recolhido seja não só muito diminuto como não haja a certeza de ser atribuído ao mesmo episódio cultural.

O espólio proto-histórico, exumado na gruta de Ibn Amar, encontra paralelos no do povoado, aberto e possivelmente de carácter sazonal, de Pontes de Marchil (Faro), onde uma amostra de conchas (*Ruditapes decussatus*), datada pelo radiocarbono, ofereceu cronologia de  $3350 \pm 45$  B.P. que, uma vez corrigida para o efeito de reservatório e calibrada, corresponde a 1261 cal. A.C. (ICEN-648).

Pertence à Iª Idade do Ferro (Período Orientalizante Pleno, séculos VIII-VII) o conteúdo da sepultura, de inumação, descoberta nos finais do século passado, nos arredores de Lagoa, que continha uma xorca de bronze, com doze pendentos, um bracelete aberto, do mesmo metal, cujas extremidades são cabeças de ofídeos, grandes contas de pasta vítrea, de cor negra oculadas a branco, e outras de cor azul ou castanha, material que ingressou no Museu Municipal de Faro, e, ainda, fragmentos de vasos de cerâmica e de armas de ferro que se perderam. Trata-se de acervo com características orientalizantes, por certo ali chegado através do comércio fenício, datável nos séculos VII-VI a.C., muito semelhante aos

provenientes de outras necrópoles, tanto do Algarve, designadamente dos concelhos de Silves e de Lagos, como do Baixo-Alentejo, a que, não raro, estão associadas estelas epigrafadas, contendo a mais antiga escrita do Ocidente Europeu.

Deve, do mesmo modo, ser atribuído à Iª Idade do Ferro, mas possivelmente, a uma fase mais recente — Período Orientalizante Evoluído (séculos VI-V a.C.) — o espeto de assar, de bronze, não muito longo e pouco espesso, de guardas estreitas e empunhadura ligeiramente modelada, com extremidade em pastilha, recolhido aquando das dragagens efectuadas, em 1970, junto à foz do Arade, hoje no Centro de Documentação do Museu de Portimão. Integra o «tipo II» ou «andaluz», sendo semelhante aos provenientes de Fernão Vaz, Azougada e Beja, no Baixo-Alentejo (Silva e Gomes, 1992, 145, 146).

Aquele artefacto poderá ter estado relacionado com assentamento contemporâneo, situado nas proximidades e perto de uma das margens do estuário do Arade, tanto no actual concelho de Portimão (Alto de S. Francisco) como no de Lagoa (Ferragudo), ou com a feitoria fenício-púnica do Cerro da Rocha Branca. Esta situava-se em antiga península, naquele mesmo rio, a cerca de 6Kms para montante e junto ao local onde hoje se ergue a cidade de Silves. Nela se identificou importante ocupação sidérica, de feição semita, remontando ao século VIII, denominando-se, ao tempo da romanização, Cilpes e dando origem àquela cidade, antiga capital do Algarve. Julga-se que o próprio hidrónimo Arade, seja de origem fenícia.

Outros espólios, da Idade do Ferro, foram reconhecidos, por Estácio da Veiga, em Ferragudo, junto à praia da Angrinha, sob construções romanas, onde descobriu uma representação de serpente, de bronze, que guarda o Museu Nacional de Arqueologia.

Também do Ilhéu do Rosário, na confluência do rio Odelouca com o Arade, provêm materiais sidéricos tardios, como cerâmicas pintadas de bandas e fragmentos de ânforas dos primeiros tempos do período republicano (*Dressel 1*). A este mesmo momento foi atribuído o fragmento, com porção de bordo, de ânfora ibero-púnica (forma D de Pellicer), encontrado, em 1982, durante as dragagens efectuadas entre Portimão e Ferragudo (Silva, Soares e Soares, 1987, 208, fig. 5-1).

## **1.6. A presença romana e alto-medieval**

Contrariamente ao que acontecia para as Idades dos Metais, os testemunhos da colonização romana no concelho de Lagoa são bem significativos. Tal ocorrência deve-se à presença de terrenos com boa capacidade agrícola e, sobretudo, à grande riqueza piscícola e em sal do seu litoral, recortado por falésias altas que alternam com enseadas e praias abrigadas, beneficiando, durante todo o ano, de característica amenidade climática. O grande desenvolvimento que então terá experimentado a zona ocidental do actual concelho ficou, ainda, a dever-se à existência do rio Arade, principal via de penetração no *binterland* do Barlavento Algarvio, por onde eram escoados, desde há muito, os produtos das numerosas minerações de cobre situadas na zona de S. Bartolomeu de Messines (Atalaia, Pico Alto, Cumiada, Santo Estêvão, Monte Rosso, etc...), e onde existe ferro em abundância, o que

explica a presença da feitoria de Rocha Branca. Mas o Arade, também originou veigas férteis em ambas margens do seu curso inferior, desenvolvendo largo estuário, com excelentes condições de fundeadouro e portuárias, onde existiram importantes complexos industriais de salga e conserva de peixe. Foi, exactamente, junto à foz que, na actual área do concelho de Lagoa, Estácio da Veiga (1891, 181-187) investigou, na praia da Angrinha, rica *villa*, com sector industrial, servida pelo pequeno curso de água do Vale da Areia.

A norte da ribeira de Ferragudo, onde actualmente se ergue a Fábrica Fialho, descobriram-se novos vestígios romanos e duas raras mós *asinariae*. A cerca de 2kms para montante existem, no Vale da Amargura, importantes ruínas romanas com estruturas ainda visíveis e lagaretas escavadas na rocha, junto das quais existiu extensa necrópole do mesmo período. Ali recolhemos fragmentos de ânforas, com porção de bordo, das formas *Almagro 50*, utilizadas no transporte de produtos piscícolas.

Provém, da mesma *villa*, um fragmento de asa de ânfora do mesmo tipo com a marca, impressa, PARALI, idêntica à encontrada na Quinta das Antas, na Luz de Tavira e, talvez, da mesma oficina que produziu tégulas de Portimões (Portimão) com a marca PARDALI (Pereira, 1974-77, 246, 249).

Mais a montante, o antes referido Ilhéu do Rosário, evidenciou ocupação republicana e ulterior, ali se podendo, ainda, observar alguns restos de compartimentos e um tanque de salga. Dois fragmentos de ânforas recolhidos pertencem à forma *Dressel 1*, dos finais do século II a.C. a meados do século I a.C., sendo utilizadas no transporte de vinho, provindo da Campânia e de outras regiões da Península Itálica.

Perto, em ambas margens do Arade, parece ter havido conjuntos de tanques de salga hoje desaparecidos. Não longe da margem esquerda daquele rio, existiu uma estrada romana que ligaria a antiga Silves à zona de Estombar.

São bem elucidativos da intensa actividade económica processada no estuário do rio Arade, durante o período romano, os materiais exumados no seu leito, pelas dragagens de 1970 e, sobretudo, de 1982, em parte publicados por C. Tavares da Silva, A. Coelho Soares e J. Soares (1987). Nos primeiros daqueles trabalhos foram, ainda, localizadas seis embarcações, embora nenhuma delas possa ser atribuída a tal período.

Entre o material anfórico romano mais recuado, encontram-se fragmentos de *Dressel 1*, nas suas variantes A e B, datáveis dos finais do século II ao primeiro quartel do século I a.C., e de ânforas neopúnicas, da forma *Mañá C2*, suas contemporâneas, provenientes da região de Tânger, onde serviam de embalagem a conservas de peixe. Outros exemplares, quase inteiros, da mesma forma, foram recolhidos durante prospecções subaquáticas, efectuadas sob a orientação de um de nós (F.A.). Fragmentos de cerâmicas campanienses, de origem itálica, das classes A (região de Nápoles) e B (Etrúria), podem situar-se nos séculos III e II a.C.

Diferentes fragmentos de ânforas, descobertos no mesmo local pelas dragagens referidas, pertencem a formas, com origem e funções distintas, abrangendo largo espectro cronológico, desde os finais do século I a.C. (ânforas *Haltern 70*, *Dressel 7-11*) ao século V d.C.. Ali se identificou a ânfora *Dressel 2-4*, que substituiu a *Dressel 1* a partir de 75 a.C. e atinge o século II d.C., e a *Beltran II*, de produção bética dos séculos I-II d.C., utilizada no transporte de conservas piscícolas. Também de fabrico peninsular, da Bética e Lusitânia (Baixo-Sado e Algarve Ocidental), as ânforas *Dressel 14* ou *Beltran IV*, que serviam de embalagem ao

*liquamen*, apreciado molho de peixe, e as *Dressel 20*, apenas produzidas na Bética, mais raras, usadas no transporte de azeite, auferem de cronologia idêntica.

Mais tardias, já do Baixo-Império, abundantes e tendo larga sobrevivência (séculos III-V d.C.), as ânforas *Almagro 50* e *Almagro 51C*, de manufatura algarvia ou do Baixo-Sado, são as mais frequentes no espólio resgatado no estuário do Arade, destinando-se ao armazenamento e transporte de preparados piscícolas, parecem ter sucedido à *Beltran IV*. Um fragmento de asa daquela primeira forma exhibe, impressa, a marca LEVGEN, sendo muito semelhantes às provenientes dos fornos do Martinhal (Vila do Bispo), que deveriam abastecer o Barlavento Algarvio. Ali se fabricaram, a partir da primeira metade do século III, ânforas *Almagro 50*, *51 A-B*, *51C*, e *aff Beltran 65A* (Gomes e Silva, 1987, 67-69; Silva, Soares e Correia, 1990).

Por fim, estão presentes no estuário do Arade fragmentos de ânforas da forma *Beltran 56 (africana grande)*, originárias das províncias romanas de África, sobretudo da região de Tunes, entre a segunda metade do século II e os inícios do século V d.C., podendo terem servido tanto ao transporte de azeite como de conservas.

Nas dragagens do Arade surgiram, ainda, fragmentos de peças de *terra sigillata* itálica, um com a marca (L) CRISPI(VS), sudgálica, hispânica e clara, assim como um exemplar pertencente a prato de *Late Roman C* (forma 3 de Hayes), com origem no Mediterrâneo Oriental e cuja difusão é atribuída aos séculos V e VI d.C. (Silva, Soares e Soares, 1987).

As mesmas dragagens entregaram inúmeras moedas romanas, nomeadamente um *aureus* de Faustina (séc. II d.C.), embora a grande maioria se encontre inédita.

Outros estabelecimentos de preparados piscícolas poderão ter existido ao longo da costa do actual concelho de Lagoa, hoje desaparecidos devido à grande erosão provocada pela acção do mar, conforme documentam as barragens de Presa dos Mouros e a de Ponte dos Mouros, perto da foz das linhas de água que as abasteciam, instaladas em terrenos sem utilidade agrícola. Com aquela última construção poderiam estar relacionadas as desaparecidas cetárias da praia de Armação de Pêra.

Conhecem-se outros assentamentos romanos, dedicados à exploração agrícola dos solos actualmente das classes A e B, em redor dos terrenos baixos e alagadiços, onde existiu vasta lagoa, ou dispersos pela restante área do actual concelho, como demonstram sepulturas e achados avulsos. A economia de então deveria basear-se, nesta região, na complementaridade das actividades agrícolas e piscatórias.

É possível que na ponta da Senhora da Rocha ou nas suas proximidades se erguesse um templo visigótico, cujos materiais foram reutilizados na ermida ainda hoje ali conservada. Note-se, contudo, que no *Foral de Porches*, de 1286, não se especifica, na zona, a existência de qualquer edificação daquele tipo.

## 1.7. Da Idade Média à Idade Contemporânea

A ausência de escavações arqueológicas em povoações medievais como Ferragudo, Estombar, Lagoa, Porches Velho e outras, não têm permitido ampliar os conhecimentos que

sobre elas dispomos, por vezes apenas a partir de curtas referências escritas. Todavia, sabemos que, na área do actual concelho de Lagoa, existiram duas importantíssimas povoações islâmicas, defendidas por castelo: Estombar e Porches.

A primeira, andou sempre muito ligada à história de Silves da qual dependia, como seu dispositivo defensivo avançado, capaz de controlar o espaço que corresponde hoje à parte ocidental do concelho de Lagoa, em especial o estuário do Arade e aquele tracto de costa, onde também se erguiam torres de vigia.

A região de Estombar era então próspera, continuando o mar e o Arade a proporcionarem peixe e sal em abundância, os campos a produzirem cereais e frutos (figos, amêndoa, alfarroba, azeitona), assim como esparto e linho, produtos que dali se exportavam para outros pontos da Península. A riqueza cerealífera ficou bem expressa na quantidade de moinhos que as águas do Arade faziam mover, e cujos testemunhos chegaram até nós, alguns deles de inegável origem medieva sendo, aliás, citados por Edrici, na primeira metade do século XII (Blázquez, 1901, 16). A produção pecuária também desempenhou papel importante na economia da região, não só de bovinos mas, ainda, de ovinos, cuja lã chegou a ser exportada no período islâmico (Iria, 1956, 411).

As instalações de salga e conserva de pescado, outrora sob administração romana, deram origem a pequenas comunidades piscatórias, como Ferragudo e Carvoeiro, onde se continuaria, ciclicamente, a capturar o atum e outras espécies, vendidas frescas, fumadas ou salgadas, ainda em ânforas ou já em barricas de madeira.

Tal actividade, embora mal conhecida, está como que simbolicamente documentada pela grande friteira de ferro, do século XIII, recuperada no mar frente à praia do Carvoeiro. Sabe-se que, no século XVI, existiram armações destinadas à pesca do atum frente a Quarteira, Nossa Senhora da Rocha e Carvoeiro (Magalhães, 1970, 154).

A baleação, que se processava nos mares algarvios durante o período de administração muçulmana e tendo, sobretudo, em vista a obtenção do âmbar cinzento, desempenhou significativo papel económico até, pelo menos, aos finais da Idade Média. De facto, tal actividade é referida nos forais de Silves (1266) e Porches (1286), como em diferentes documentos dos séculos XIV e XV (Iria, 1956, 209, 214, 215, 217, 409).

No foral outorgado a Silves por D. Afonso III (1266), reservam-se para a Coroa as salinas existentes no concelho, por certo as do estuário do Arade (Mexilhoeira), entre outras, documentando significativa actividade económica.

No lado oposto ao que referimos, erguia-se o castelo de Porches, hoje reduzido a alguns paredões que urge restaurar e musealizar, protegendo outra importante comunidade repartida entre as tarefas piscatórias e o amanho das terras. Salinas, possivelmente nos Salgados, junto a Armação de Pêra, e fornos de cerâmica, mostram a sua importância ao tempo da Reconquista, pelo que D. Afonso III o doou, em 1250, ao seu chanceler Estevam Annes e D. Dinis concedeu-lhe foral, em 1286. O topónimo com que é primeiramente denominado, *Castrum Porches*, ainda ali se mantém vivo na pequena povoação de Crastos. Próximo, a poente, encontravam-se os reguengos que o rei naquele documento reserva para a Coroa (Vale de El Rei) (Botão, 1990), também referidos no antigo foral de Silves.

Tal como aconteceu nos assentamentos humanos costeiros, no *hinterland*, onde as *villae* romanas dependiam economicamente da agricultura, mantiveram-se tais explorações embora sob diferente regime administrativo, beneficiando, com a chegada de colonos

muçulmanos, não só de novas espécies frutícolas e hortícolas, como de diferentes modos de trabalhar a terra, nomeadamente processos de captação e armazenamento de água, e de irrigação.

Uma das espécies que, então, terá ali sido plantada, sobretudo nos terrenos de matriz arenosa e próximos do mar, foi a cana-de-açúcar, cujo cultivo se encontra documentado na região (Loulé, Quarteira), até ao século XV (Iria, 1956, 381-383). É possível que tal cultivo se tenha verificado nos reguengos ainda hoje denominados por Vale de El Rei e próximo a Vale de Engenho, quiçá aludindo a instalação transformadora, movida a água e utilizada na indústria açucareira. A mesma função poderão ter tido alguns dos antigos moinhos do Arade.

O lugar de Sesmarias, a sudoeste de Lagoa, com a qual comunicava pelo antigo caminho da Canada, utilizado para o acesso do gado do litoral à Serra (Monchique), indica a existência de terras incultas, depois distribuídas a agricultores, possivelmente utilizadas no cultivo de cereais. A situação de abandono de muitos bons terrenos agrícolas, na posse de mouros forros, designadamente em Lobite, foi denunciada nas Cortes de Elvas (1361), pelo que D. Pedro, ordenou que fossem tratados ou entregues a outros que o fizessem. Apesar de tais medidas e dos privilégios concedidos aos moradores de Silves, por D. Fernando, devido ao despovoamento da zona, a situação parece não se ter alterado, dado que, em 1376, à região chegam cargas de trigo, uma delas através do porto da Mexilhoeira (Estombar), de modo a suprir a sua falta (Iria, 1956, 318).

Nos inícios do século XV (1439) a situação parece não ter mudado substancialmente. Silves tinha então de trocar os seus excedentes em gado por trigo e nos finais do século XVI, segundo Frei João de S. José, mantinham-se muitos campos abandonados, sobretudo os de Lobite. Contudo, durante o século XVI, dali seria exportado vinho, azeite e sal, não só para a Flandres e Inglaterra, como possivelmente para outros destinos da Europa Setentrional (Iria, 1982, 23-25, 28; 1990, 65).

A actual vila de Lagoa seria, ao tempo da concessão do foral de Silves por D. Afonso III (1266), significativo núcleo urbano, possivelmente de origem muçulmana, dado naquele texto serem mencionados os «*reguengos de Lagoa e de Arrochela*», e de neste último local termos identificado (M.V.G.) importante alcaria dos séculos XII-XIII.

Algumas pequenas povoações de população islâmica, de que hoje quase nada resta, foram referidas no «*Livro do Almojarifado de Silves*», do reinado de D. Afonso V (1474), e onde, não raro, são mencionadas propriedades de mouros forros (Quintã, Lobite, Bemposta, etc...).

Lobite, importante centro agrícola, é citado em documento relativo às Cortes de Elvas, no reinado de D. Pedro I (1361), informando o «*Livro do Almojarifado de Silves*» dos seus extensos figueirais e vinhedos nos finais da Idade Média. E é neste período que a povoação de Lagoa ganha importância, exactamente através da agricultura, mas a que não será, também, estranha a sua proximidade com o estuário do Arade, onde se desenvolveu a natural vocação de empório internacional, conforme demonstram os muitos achados provenientes das suas águas.

A Lagos, mas, também, à foz do Arade, a S. Lourenço da Barrosa, fundada em 1463 e depois Vila Nova de Portimão (1504) e a Silves, chegavam, em meados do século XV, produtos vindos de Ceuta e da Madeira e, mais tarde, os proporcionados pelo recente

comércio ultramarino, em geral, mas também os originários tanto da Europa Atlântica como Mediterrânica.

O crescimento de Lagoa, em meados do século XV (1469), reflecte-se em ser considerada «*aldeia*» e de o rei D. Afonso V autorizar Henrique Moniz, alcaide-mor de Silves, a nela construir um ou dois fornos de cozer pão para todos os moradores, beneficiando da «*renda delles*» (Iria, 1990, 137).

De facto, devido ao significativo surto económico experimentado, apesar de alguns períodos de crise, Lagoa contava, em 1577, com trezentos vizinhos, momento em que se acentuam os interesses mercantis baseados na cerealicultura e a que pertence a edificação de não poucas casas que ainda se conservam, demonstrando a existência de aglomerado urbano importante e extenso. É então fundada a igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Luz (1560-70), tal como algumas ermidas das proximidades (S. Pedro) e o convento de Nossa Senhora do Carmo (1550). No entanto, Lagoa não foi visitada por D. Sebastião, quando, em Janeiro de 1573, se dirigiu de Silves para Albufeira, passando por Alcantarilha que contava, na altura, com cento e cinquenta vizinhos (Iria, 1976, 101).

Em 1598, o lugar de Lagoa tinha trezentos e cinquenta vizinhos, conforme comunica ao Papa o bispo do Algarve, D. Fernão Martins Mascarenhas, a propósito de um surto de peste que ali se havia declarado. A crise prolongou-se e em 1601 faltou o trigo e o centeio em Lagoa (Magalhães, 1988, 39, 42). Alguns anos depois, segundo Henrique Fernandes Sarrão (1607), Lagoa teria já quinhentos moradores, deixando expresso que «*este lugar era capaz de ser vila*» (Guerreiro e Magalhães, 1983, 45, 157).

Tanto Frei João de S. José como Henrique Fernandes Sarrão, respectivamente em meados do século XVI ou nos primeiros anos da centúria seguinte, referem, embora sem lhe atribuírem a data de edificação, a importante obra de drenagem das lagoas que deram o nome à povoação, transformando os solos limítrofes em «*terras lavradas*», excelentes para o cultivo de cereais. É bem possível que a mesma, ainda hoje visível, tivesse, então, muitos anos, dado que não é indicada a data precisa da sua construção, entretanto caída no esquecimento.

Também em centros urbanos vizinhos como Estombar e, em menor grau, Porches, notou-se tal desenvolvimento, ali se descobrindo edifícios quinhentistas com as características cantarias chanfradas. A igreja matriz de Estombar, ou de S. Tiago, terá sido erguida na década de 1550-60 e a da Misericórdia um pouco mais tarde (1586), embora em anexo existisse um hospital mandado edificar em 1531. A ermida do Espírito Santo, hoje profanada e no interior da antiga alcáçova, remonta, pelo menos, ao século XVI.

Porches teve igreja matriz em 1560, cujo orago é Nossa Senhora da Encarnação, tendo a poente da povoação existido uma ermida, dedicada a S. Sebastião, destruída pelo terramoto de 1755. Nos finais daquela centúria, contava, apenas, com cinquenta moradores.

A igreja de Ferragudo tem vindo a ser atribuída aos inícios do século XVI (1520), altura em que D. Leonor instituiu a povoação. Esta era defendida por muralha construída entre 1502 e 1538, por ordem do bispo D. Fernando Coutinho, observando-se, ainda em 1617, aquele dispositivo com três torres adossadas.

A Mexilhoeira da Carregação era também uma aldeia a que, em 1495, D. João II deu privilégio de couto. Ali se carregavam, nos finais do século XVI e nos primeiros anos do século seguinte, segundo Henrique Fernandes Sarrão, «*muitos navios e naus de figo para o reino e fora dele*» (Guerreiro e Magalhães, 1983, 156).

A ermida de Santo António, junto à Mexilhoeira, deve pertencer ao mesmo período, enquanto que o cemitério, com túmulos escavados na rocha, da vizinha quinta de S. Pedro, poderá ser algo mais antigo, talvez dos séculos XIII-XV.

Naquela mesma povoação descobriu-se, em 1982, extensa pedreira subterrânea, onde eram extraídas mós para moinhos, de rijo calcário conquífero e, possivelmente, pedra para cal, de modo a abastecer os fornos que sabemos terem existido na região de Estombar, no século XVI (Magalhães, 1970, 182). Na mesma centúria o Algarve exportava cal para o Norte de África, sobretudo para as fortificações portuguesas ali existentes. Perto de Lagoa existem grandes pedreiras a céu aberto (Cercas), de calcários, cuja idade não foi possível determinar. Todavia, desconhecem-se referências escritas a estas explorações, por certo pertencentes à Coroa.

As preocupações com a defesa do território, com longa costa aberta às incursões da pirataria, moura, turca e francesa, ou aos ataques espanhóis aquando da Guerra da Restauração, conduziram a que ao longo dos séculos se construíssem, remodelassem ou restaurassem diferentes fortificações. Uma das mais antigas posições muralhadas do actual concelho de Lagoa, o castelo de Porches, deveria encontrar-se, em meados do século XVI, totalmente arruinado, dado que, em 1559, o capitão Pedro da Silva, sargento-mór de ordenanças de Silves propõe que se construa uma torre, em Nossa Senhora de Porches, após o desembarque de piratas, na praia da Armação de Pêra, em 14 de Julho daquele ano (Iria, 1976, 53-55). Pouco mais de um século depois (1666), piratas mouros mataram o morador de uma quinta dos arredores de Lagoa (Magalhães, 1988, 83) e, em 1718, foi afundado perto do cabo Carvoeiro um navio inglês, carregado com mercadorias, que se destinava a Faro.

A fortificação de Nossa Senhora da Rocha foi provida, nos inícios do século XVII, de muralha abaluartada e cisterna, sendo sucessivamente reparada até ao século XIX, altura em que foi desmantelada a sua artilharia (1840).

No extremo oposto do concelho, à entrada do estuário do Arade, ergue-se, muito alterada, a fortaleza abaluartada de S. João Baptista, edificada em 1643-44, tal como outras do Barlavento Algarvio (Burgau e Ponta da Atalaia no concelho de Vila do Bispo), sendo reequipada em 1654, abandonada em 1861, arrendada a particulares (1822) e, depois, vendida. É mais tardia a fortificação, abaluartada, mandada edificar por Nuno de Mendonça, capitão-general do Reino do Algarve, em 1670-75, sobranceira à praia do Carvoeiro, desactivada em 1861.

A atalaia de Ferragudo, de planta circular, transformada no século XVIII ou no XIX em moinho de vento, cuja verdadeira origem se ignora, pode remontar à Idade Média, talvez ao reinado de D. João I, dadas as preocupações então verificadas com a defesa da costa do Algarve. Não longe, a atalaia da Ponta do Altar, sobre a barra do Arade, parece ser de Idade Moderna, tal como as torres da Lapa e a de Alfanzina ou do cabo Carvoeiro, possivelmente dos reinados de D. Manuel ou de D. João III. Recorde-se que a vizinha cidade de Portimão terá sido muralhada somente no reinado daquele último soberano (*ca* de 1559).

No século XVII assistiu-se ao crescimento dos principais núcleos urbanos da região de Lagoa, tendo sido fundado nos seus inícios, por D. Diogo Vieira Boyo, o convento de S. Francisco no Calvário, junto a Estombar e hoje em ruínas. O convento de S. José, em Lagoa, foi construído em 1710 ou 1713; o retábulo do altar-mór da capela, ainda do século XVIII e recentemente restaurado, provém de Lagos.

No dizer de Joaquim Romero Magalhães (1988, 11), «Entramos no século XVII num Algarve cheio de vitalidade, que sem demoras vence a guerra, a peste e a fome que o afligem de 1596 a 1605».

A prosperidade então verificada conduziu a que Lagoa tivesse, em 1758, mais de dois mil e trezentos habitantes, distribuídos por setecentos e sessenta e oito fogos e a que Estombar, na mesma data, possuísse trezentos e trinta e seis fogos e ali existissem nove moinhos, conforme informou o seu prior, Lourenço de Mello e Cunha. A povoação de Ferragudo, elevada à categoria de freguesia em 1730, tinha, naquela mesma data, apenas, sessenta fogos.

A região de Lagoa, como todo o Barlavento Algarvio, sofreu grandemente com o terramoto de 1755, caindo muitos dos seus templos e principais edifícios. Todavia, a recuperação fez-se com alguma rapidez, sendo a povoação, finalmente, elevada à categoria de vila, através do foral concedido, em 1773, por D. José. Para tal contribuiu o binómio agricultura-pesca que foi, quase desde sempre, o suporte económico do Litoral Algarvio, praticando-se a cerealicultura, a horticultura e a fruticultura, sobretudo de figos, alfarroba, amêndoa, laranja, azeitona e produzindo-se derivados (azeite e aguardente de figo, esta destilada industrialmente, entre 1750-60, no sítio das Fontes). Em Lagoa houve, ainda, em meados do século XVIII, plantações de sumagre, utilizado na curtimenta de couros, assim como se produziu vinho de excelente qualidade (Magalhães, 1988, 163, 227). Junto à costa continuava a explorar-se o sal e a efectuarem-se as campanhas de pesca do atum (Quarteira) e da sardinha, que chegaram quase aos dias de hoje.

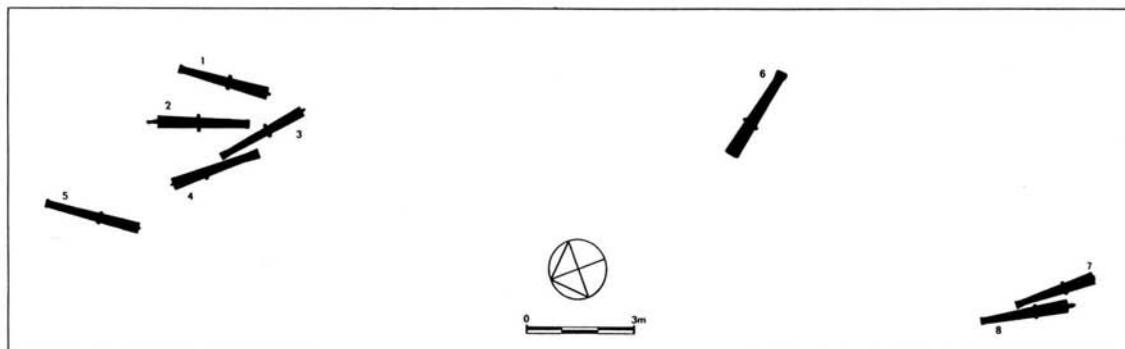


Fig. 1 – Ponta do Altar B. Canhões.

## **2. Inventário. Estações, sítios e achados com interesse arqueológico**

O registo das estações, dos locais e achados com interesse arqueológico, foi feito de poente para nascente e de norte para sul. Todos os arqueossítios foram numerados de 1 a n. Para o seu registo cartográfico utilizaram-se as folhas 594, 595, 603 e 604, da *Carta Militar de Portugal*, à escala 1/25.000, sendo localizados através de coordenadas Gauss.

O concelho de Lagoa, pertence ao distrito de Faro e integra as freguesias de Estombar, Ferragudo, Lagoa, Carvoeiro e Porches, segundo a sua ordenação de poente para nascente.

No inventário a seguir apresentado considerámos os seguintes descritores:

1. Número de ordem, topónimo, tipo de testemunho e freguesia a que pertence.
2. Situação geográfica e ambiente geológico, no caso dos arqueossítios pré-históricos.
3. Coordenadas geodésicas Gauss e folha da *Carta Militar de Portugal* onde se insere.
4. Descrição e trabalhos arqueológicos efectuados.
5. Cronologia.
6. Bibliografia.



Fig. 2 - Inventário de arqueossítios.

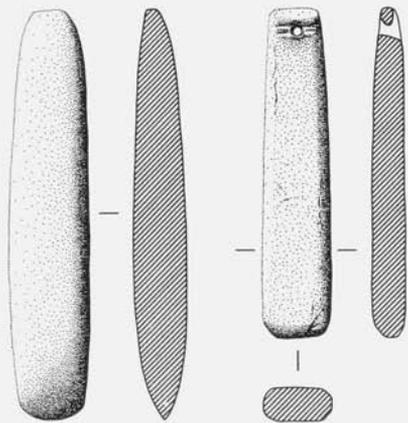


Fig. 3 – Ilhéu do Rosário. Vista de nordeste (RVII/79-27).

Fig. 4 – Ilhéu do Rosário. Artefactos neolíticos.

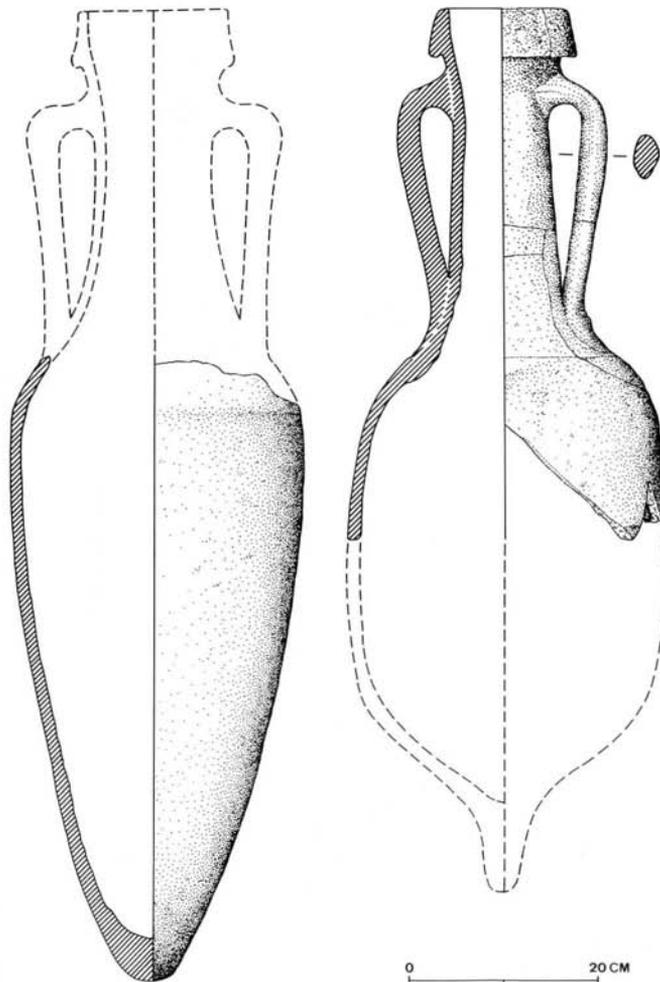
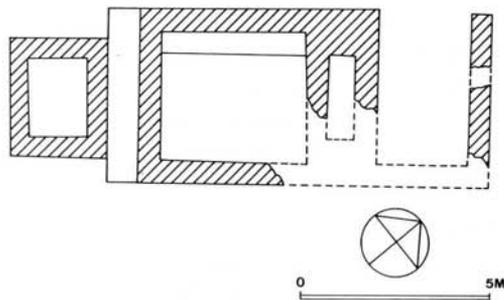


Fig. 5 – Ilhéu do Rosário. Planta das ruínas.

Fig. 6 – Ilhéu do Rosário. Ânforas *Dressel 1*.

- 1.1. ILHÉU DO ROSÁRIO, RUÍNAS DO (ESTOMBAR)
2. Na confluência da ribeira de Odelouca com o rio Arade, a 9Kms da costa. Mede cerca de 100m de comprimento por 40m de largura.
3. W 687 234 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. As escavações dirigidas por Estácio da Veiga, em 1878, descobriram restos de construções romanas e medievais, assim como materiais arqueológicos do Neolítico (machado e pendente) à Idade Média, embora sejam mais frequentes os romanos (*sigillatae*, ânforas, moedas, contas, etc...), nomeadamente os do período republicano. Dali provêm dois grandes fragmentos de ânforas *Dressel 1* (sécs II – I a.C.), utilizadas no transporte do vinho da Campânia, anzóis e uma pequena máscara de sítula, em bronze, entre outros objectos. Ainda se reconhecem ruínas de construções, uma delas com um tanque e possivelmente ligada a complexo romano de salga ou conserva de peixe, e outras que parecem ser da antiga capela, cujo orago era Nossa Senhora do Rosário, onde se conservava um fragmento de cruzeiro, hoje guardado na igreja de Ferragudo.
5. Neolítico, Idade do Ferro, Período Romano e Idade Média.
6. Almeida, 1962, 237; Canana, 1981, 1, 4; Domingues, 1957, 145; Ferreira, 1966-67, 125, 128, 129; Leitão, 1917, 1; Loureiro, 1909, 188; Machado, 1990, 340; Martins, 1969a, 1; Nunes, 1963, 8; Rodrigues, s/d, 237; Saa, 1957, 146; Salgado, 1786, 262, 263, 308; Santos, 1915, 3; Santos, 1972, 188-194; Varela, 1981, 3, 5; Vasconcellos, 1917, 130; 1918, 121-123; 1927, 257-259; Veiga, 1887, 352; Viana, Formosinho e Ferreira, 1953, 131, 132; n/a, 1957a, 1, 6; 1967, 1, 4; 1983ar, 3.

2.1. SENHORA DO ROSÁRIO, MOINHO DA (ESTOMBAR)

2. Junto à margem esquerda do rio Arade, cerca de 500m, a montante, da confluência com a ribeira de Odelouca.
3. W 693 233 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Conservam-se as ruínas e restos do açude.
5. Idade Média ou Idade Moderna (ainda funcionava no século XVIII).
6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Oliveira, 1911, 130.

3.1. TAPADA DA SENHORA DO ROSÁRIO, MOINHO DA (ESTOMBAR)

2. Junto à margem esquerda do rio Arade, cerca de 1Km, a jusante, da confluência com a ribeira de Odelouca, hoje Tapada do Corte.
3. W 687 226 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Conhecem-se ruínas e restos do açude.
5. Idade Média ou Idade Moderna.
6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989.

4.1. FERRARIAS (ESTOMBAR)

2. A cerca de 2.5Kms, nordeste, de Estombar.
3. W 698 223 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Antigas manufacturas de ferro. Talvez aqui se encontrasse o sítio do Algar, registado, em 1862, na Câmara de Lagoa, como mina de «ferro e alguns metaes».
5. Idade Média (?).
6. Inédita.

5.1. FONTES GRANDES, ACHADO DE (ESTOMBAR)

2. A cerca de 1.5Kms, norte, de Estombar.
3. W 689 217 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).

4. Dois machados de bronze, encontrados entre duas pedras, possivelmente constituindo esconderijo ou depósito ritual. Um deles, então na colecção de Pedro Júdice, foi publicado por Estácio da Veiga.

5. Idade do Bronze.

6. Correa, 1924, 31; 1928, 150; Gomes, 1994, 91; Oliveira, 1911, 24, 169; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Rodrigues, s/d, 234; Schubart, 1975, 192; Veiga, 1891, 188.

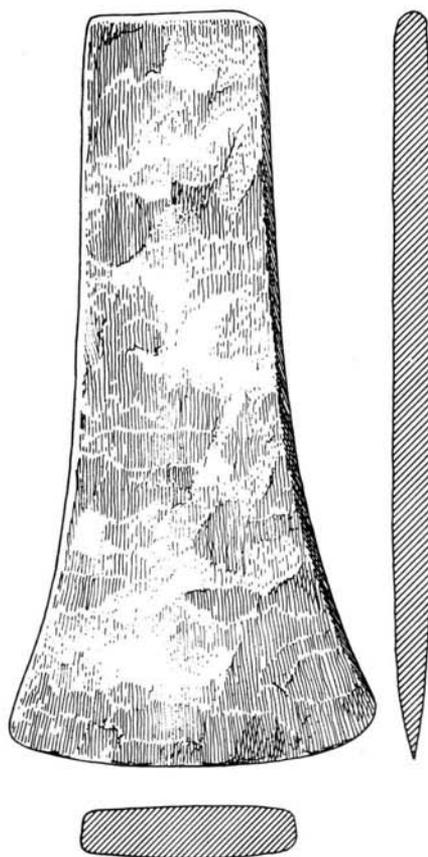


Fig. 7 – Fontes Grande Machado de bronze.



Fig. 8 – Fontes. Moinho Novo (RIV/94-28).

6.1. FONTES, MOINHO VELHO OU MOINHO GRANDE DAS (ESTOMBAR)

2. No sítio das Fontes, a cerca de 500m da confluência da ribeira do Vale da Vila com o rio Arade, na margem esquerda daquela linha de água.
3. W 683 218 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Tinha quatro engenhos e encontra-se em ruínas. Junto mostra um pequeno porto.
5. Idade Média ou Idade Moderna.
6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Oliveira, 1911, 89.

7.1. DESTILARIA (ESTOMBAR)

2. No sítio das Fontes, a cerca de 500m da confluência da ribeira do Vale da Vila com o rio Arade. É possível que se situasse na margem esquerda da ribeira mencionada, junto ao «moinho velho».
3. W 683 218 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).

4. Grande destilaria para aguardente de figo, de Isac Correyolas, equipada com três caldeiras, armazéns, lagar de vinho, de duas varas, casa de habitação e bomba de água. Desmantelada.
5. Idade Moderna (1750-1760).
6. Cardoso, 1758, 661; Lopes, 1841, 144, 145; Magalhães, 1988, 231, 233.

8.1. FONTES, MOINHO NOVO DAS (ESTOMBAR)

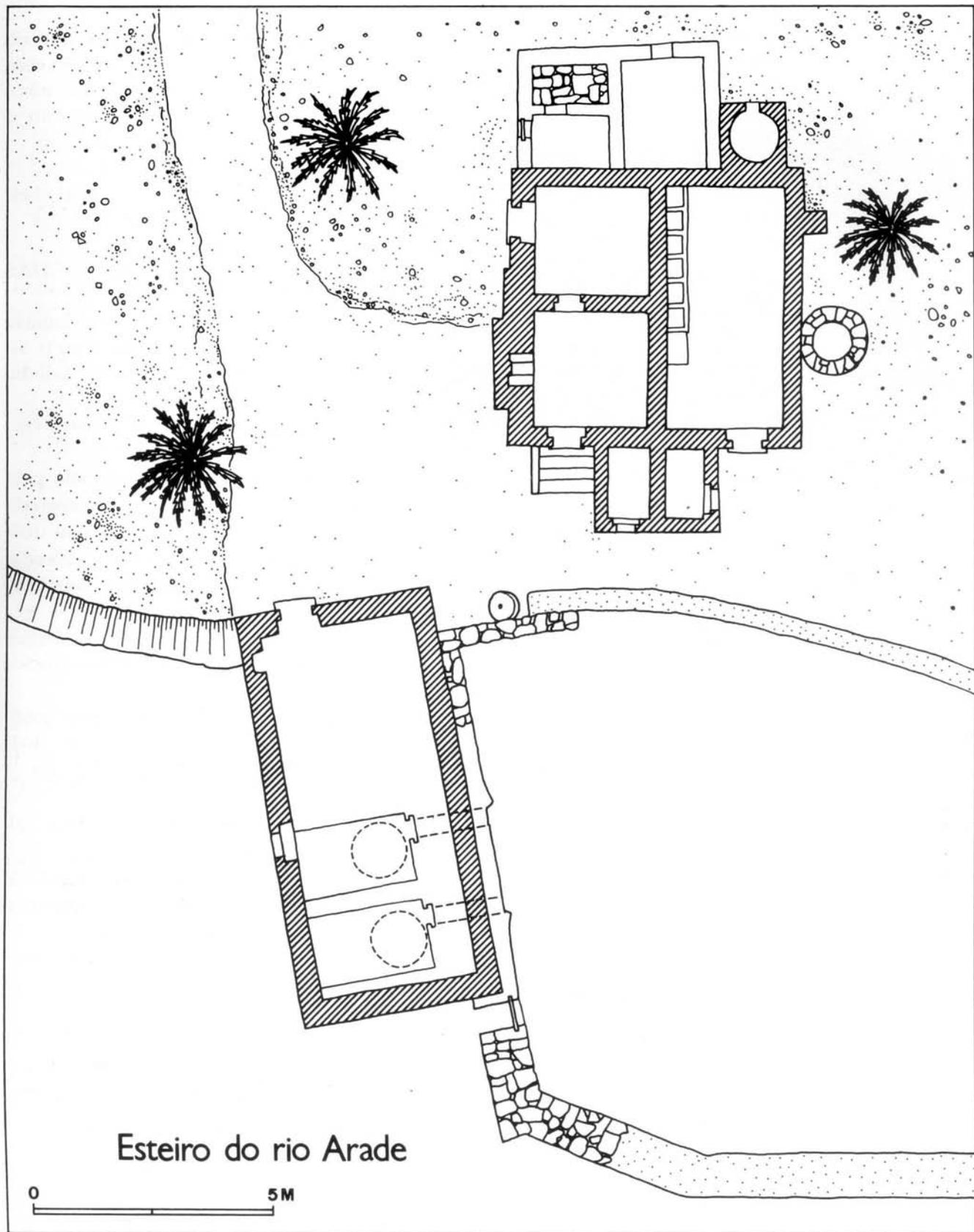
2. No sítio das Fontes, perto da confluência da ribeira do Vale da Vila com o rio Arade, na margem direita daquela linha de água.
3. W 686 218 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício recentemente recuperado, pela Câmara Municipal de Lagoa, e integrado num Parque de Lazer. Tem dois engenhos e encontra-se mencionado no «*Livro do Almoxarifado de Silves*» (1474).

Próximo localizam-se as instalações conhecidas por «*assento da lavoura*».

5. Idade Média.
6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Leal e Domingues, 1984, 55, 101; Mendonça, 1988; Oliveira, 1911, 89.

9.1. S. JOÃO BAPTISTA, ERMIDA DE (ESTOMBAR)

2. A cerca de 1.5Kms, nor-nordeste, de Estombar, na quinta de S. João e a poente de Quintão.
3. W 695 217 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Arruinada pelo terramoto de 1755.
5. Idade Moderna.
6. Cardoso, 1758, 657; Júdice, 1929a, 3; Oliveira, 1911, 88, 138, 163; Sousa, 1915, 38.



Esteiro do rio Arade

0 5M

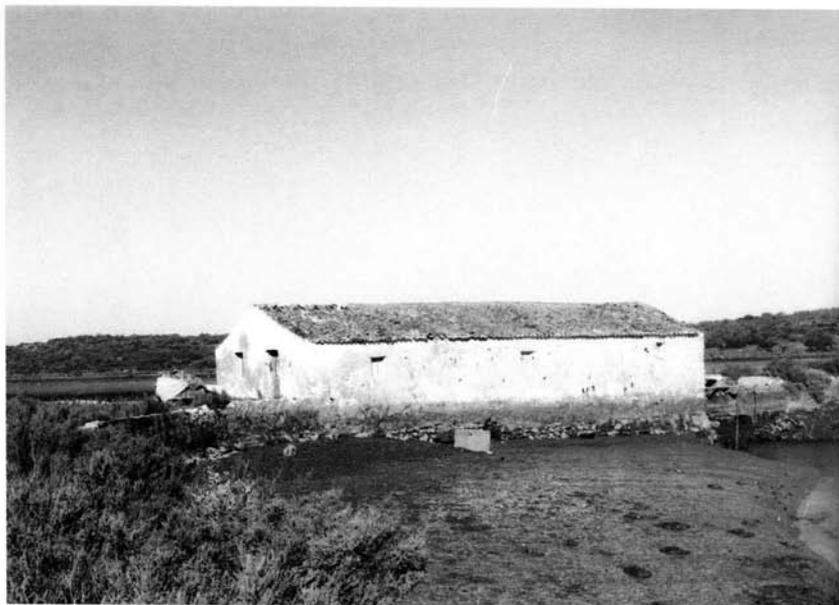
- 10.1. BALERQUES, FÔJO DE (ESTOMBAR)
2. A cerca de 2Kms, nordeste, de Estombar, próximo do monte de Balerques
  3. W 695 216 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade subterrânea, aberta nos calcários miocénicos.
  5. Indeterminada.
  6. Inédita.
- 11.1. CRISTA, MOINHO DA VELHA OU DO (ESTOMBAR)
2. No sítio da Tapadinha (Vale Crevo), junto à margem esquerda do rio Arade, a cerca de 500m, noroeste, do v.g. Fontaínhas.
  3. W 672 217 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Encontra-se em ruínas.
  5. Idade Média ou Idade Moderna.
  6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Oliveira, 1911, 89.
- 12.1. BALERQUES, POÇO DE (ESTOMBAR)
2. A cerca de 1.5Kms, nordeste, de Estombar, junto ao cruzamento de dois caminhos: um que das Fontes conduzia a Lagoa e outro que de Estombar levava a Silves.
  3. W 693 212 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Poço, com boca de planta circular.
  5. Idade Média.
  6. Inédito.
- 13.1. QUINTÃO, ALCARIA DA (ESTOMBAR)
2. No sítio actualmente denominado Quintão, cerca de 2.5Kms, nordeste, de Estombar e a 750m, poente, do Km 4 da E.N. 124-1.
  3. W 710 215 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Referida no *«Livro do Almojarifado de Silves»*(1474) e mencionada como aldeia (Quintão Grande) no *«Diccionario Geographico do Reino de Portugal»* (1758).
  5. Idade Média.
  6. Cardoso, 1758, 1495; Leal e Domingues, 1984, 43, 97.
- 14.1. QUINTÃO, MENIR DE (ESTOMBAR)
2. Num planalto, de areias plio-plistocénicas, com 82m de altura máxima, a cerca de 2Kms, nordeste, de Estombar e a 1Km, poente, do Km 4 da E.N. 124-1.
  3. W 706 212 (C.M.P., 595, Silves, esc.1:25.000, 1979).
  4. Monólito, de calcário de cor branca, com forma subcilíndrica e cerca de 1.30m de altura.
  5. Neolítico.
  6. Inédito.
- 15.1. QUINTÃO, ACHADOS DO (ESTOMBAR)
2. Nos terrenos do antigo morgadio de Quintão, a cerca de 2.5Kms, nordeste, de Estombar.
  3. W 708 212 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Artefactos de pedra polida.
  5. Neolítico.
  6. Marques, 1992, 69, 71; Oliveira, 1911, 168, 169; 1912, 145, 146; Veiga, 1887, 375.
- 16.1. ANTÓNIO ALEIXO, MOINHO DO ALCINDO OU DE (ESTOMBAR)
2. Na margem esquerda do rio Arade, a cerca de 500m, poente, do v.g. Fontaínhas (Vale Crevo).
  3. W 671 213 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Edifício e caldeira ainda bem conservados.
  5. Idade Moderna.
  6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Mendonça, 1988; Oliveira, 1911, 130.

17.1. IBN AMAR, FURNAS DOS MOUROS, GRUTAS DA MEXILHOEIRA OU DE (ESTOMBAR)

2. Sobre a margem esquerda do rio Arade, a 200m, poente, do v.g. Fontainhas e a cerca de 1.5Kms, nor-deste, da Mexilhoeira da Carregação. Cavidades subterrâneas abertas nos calcários miocénicos.
3. W 674 212 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
4. Extensa «gruta santuário», de topografia complexa, com nascentes e lagos, que ofereceu numeroso espólio do Neolítico Antigo (machados, enxós, percutores, mós, lâminas de sílex, cerâmicas, impressas ou incisas, e contas), em alguns casos possivelmente acompanhando enterramentos, assim como cerâmicas da Idade do Bronze Final (formas carenadas, reticula brunida e «penteada») e medievais.
5. Neolítico, Idade do Bronze e Idade Média.
6. Arnaud, Oliveira e Jorge, 1971, 124; Bentes, s/d; Bonnet, 1850, 40; Carrapiço, 1971a, 1, 3; Costa, 1971; Francês, 1963, 1, 7; Gamito, 1988, 27, 31; L., 1978, 1; Machado e Machado, 1945, 214, 215; 1948, 453; Marques, 1992, 65, 67; Marques e Andrade, 1973, 128; Martins, 1969, 10; Oliveira, 1911, 15, 16, 19, 159; Rosa, 1966a, 1, 2; 1970, 94; 1992, 221; Silva e Gomes, 1992, 120; Veiga, 1886, 64-66; 1891, 94; Viana, 1939w, 1, 2; n/a, 1977e, 1; 1985t, 7; 1987m, 7.

18.1. MANUEL ALEIXO, MOINHO DE (ESTOMBAR)

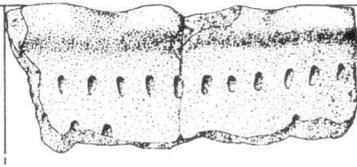
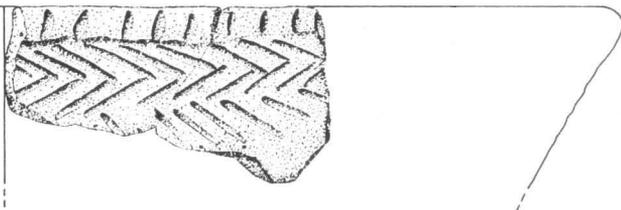
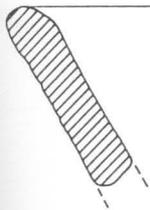
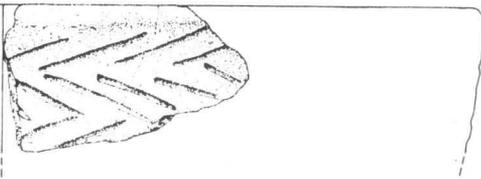
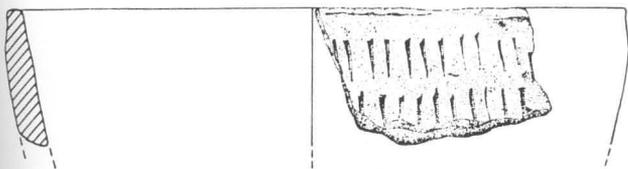
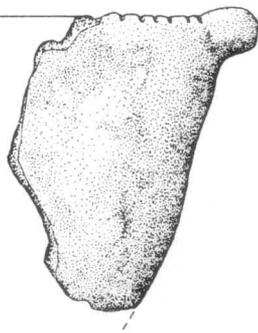
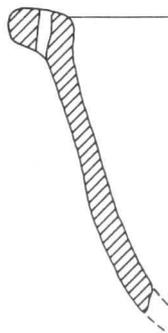
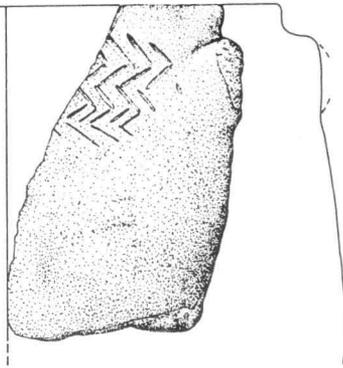
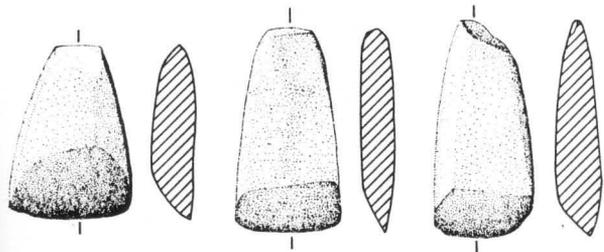
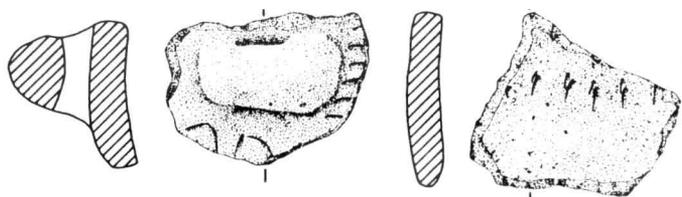
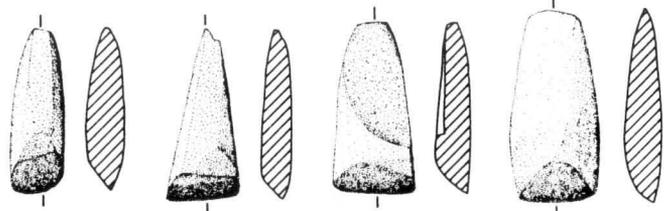
2. Na margem esquerda do rio Arade, a cerca de 500m, sudoeste, do v.g. Fontainhas (Vale de Crevo).



3. W 672 210 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Edifício bem conservado, sendo a caldeira comum com a do moinho referido anteriormente.
  5. Idade Moderna.
  6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Mendonça, 1988; Oliveira, 1911, 130.
- 19.1. MOINHO DO BISPO (ESTOMBAR)
2. Na margem esquerda do rio Arade, a cerca de 750m, sul-sudoeste, do v.g. Fontainhas (Vale Crevo).
  3. W 673 207 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Edifício e caldeira ainda bem conservados. Foi, recentemente, adaptado a habitação de veraneio.
  5. Idade Moderna.
  6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Mendonça, 1988; Oliveira, 1911, 130.

Fig. 10 – Moinho de Manuel Aleixo (R111/95-33).

Fig. 11 – Gruta de Ibn Amar. Espólio do Neolítico Antigo.



0 10CM

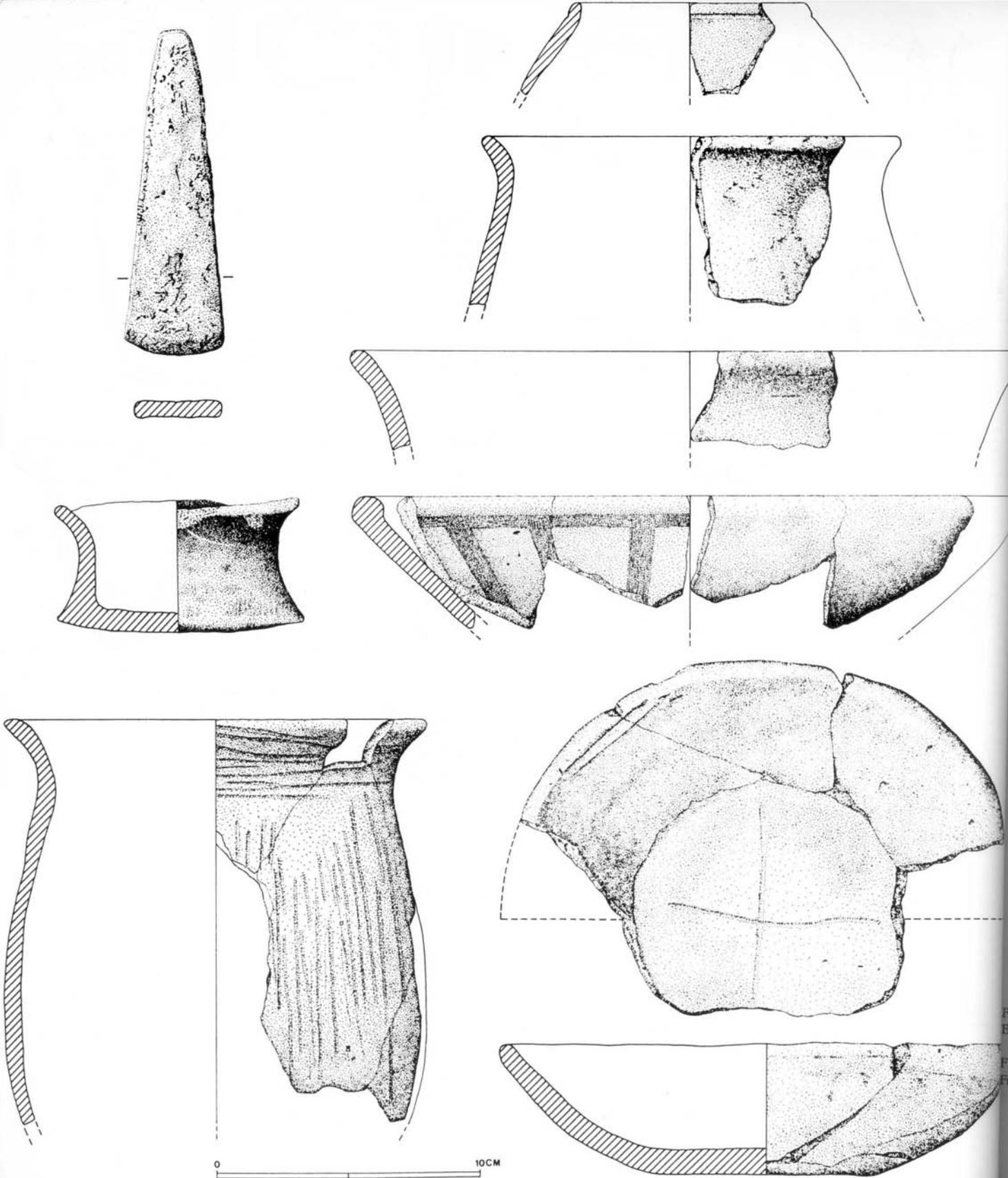


Fig.  
Espc

Fig.  
Frank



20.1. ESTOMBAR-SILVES, VIA DE (ESTOMBAR)

2. Caminho que acompanhava a margem esquerda do rio Arade, passando pelos sítios das Fontes, da Arrochela e de S. Miguel, estes dois últimos já no concelho de Silves.
3. W 690 216 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Conservam-se algumas zonas empedradas e importantes testemunhos de construções medievais em S. Miguel e Arrochela. É referida no *«Livro do Almoxtarifado de Silves»* (1474).
5. Período Romano e Idade Média.
6. Leal e Domingues, 1984, 52, 105; n/a, 1983o, 5.

21.1. MEXILHOEIRA, ARMAZÉM DO SAL DA (ESTOMBAR)

2. Junto às marinhas da Mexilhoeira, a cerca de 800m, sul-sudoeste, do v.g. Fontaínhas.
3. W 672 206 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).

4. Edifício onde se guardava o sal.
5. Idade Moderna.
6. Inédito.

22.1. MEXILHOEIRA, AZENHA DA (ESTOMBAR)

2. Na margem esquerda do rio Arade, junto à povoação da Mexilhoeira da Carregação, possivelmente perto das salinas.
3. W 669 203 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
4. Referida no *«Livro do Almoxtarifado de Silves»* (1474).
5. Idade Média.
6. Botão, 1992, 65; Leal e Domingues, 1984, 54, 11.

23.1. CALVÁRIO, ACHADOS DO (ESTOMBAR)

2. A norte do sítio do Calvário, junto à margem esquerda do rio Arade e a 2Kms, noroeste, de Estombar.
3. W 672 203 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, :G7 è 1979).
4. Encontraram-se, à superfície do terreno, cerâmicas, algumas vidradas.
5. Período Romano e Idade Média.
6. Marques, 1992, 65, 67; Oliveira, 1911, 166.

24.1. SÃO FRANCISCO, CONVENTO DO CALVÁRIO, DE SANTO ANTÓNIO DO PRAXEL OU DE (ESTOMBAR)

2. Numa elevação, com 31m de altura, imediatamente a norte do sítio do Calvário, a cerca de 750m, este-nordeste, de Estombar.
3. W 676 202 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
4. Casa franciscana, fundada nos inícios do século XVII por Diogo Vieira Boyo, sepultado na capela-mór da sua igreja. Numa capela lateral encontra-se a sepultura do capitão João Alistão de

Fig. 12 - Gruta de Ibn Amar. Espólio da Idade do Bronze.

Fig. 13 - Convento de São Francisco. Frontaria (RIV/94-30).

Almeida Coutinho (1758), já profanada. Ali existiam seis painéis de azulejos com representações da Via-Sacra.

Foi arruinada pelo terramoto de 1755, depois reconstruída, sendo abandonada em 1828-30. Encontra-se em avançado estado de degradação.

5. Idade Moderna (séculos XVII-XVIII).
  6. Adragão, 1985, 149; Azevedo, 1898, 146; Cardoso, 1758, 653; Costa, 1712, 4; Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Iria, 1956, 58; Leal, 1873b, 72; Linha, 1984, 4, 8; Mourinho, 1983c, 3; Oliveira, 1911, 87, 91, 164-167; Rosa, 1977b, 5; 1990, 27; Santos, 1942i, 3; Valadares, 1958, 1, 2; n/a, 1983x, 24.
- 25.1. SÃO FRANCISCO, RUÍNAS E ACHADOS DO CONVENTO DE (ESTOMBAR)
2. Junto ao local onde se erguem as ruínas do antigo convento de Santo António ou de S. Francisco.
  3. W 673 203 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Vestígios de estruturas, acompanhados por fragmentos de cerâmica comum e de *terra sigillata*.
  5. Período Romano.
  6. Marques, 1992, 65, 67; Oliveira, 1911, 87, 166.
- 26.1. VALE DA AMARGURA, RUÍNAS DO (ESTOMBAR)
2. Num cabeço com 32m de altitude, a 500m, poente, de Estombar.
  3. W 678 201 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Ruínas, de construções várias e lagaretas escavadas em afloramento rochoso. Próximo, foi encontrada uma necrópole, com cerca de duzentas sepulturas. Recolheram-se dois fragmentos de ânforas, com porção do



bordo, da forma *Almagro 50*, datáveis na primeira metade do século III.

5. Período Romano e Idade Média.
  6. Azevedo, 1898, 146; Bonnet, 1850, 96; Marques, 1992, 69; Mourinho, 1966a, 2, 4; Oliveira, 1911, 32-40, 166-168; Sá, 1906, 198; Santos, 1972, 127; Viana, 1939ab, 1, 2; n/a, 1983o, 5.
- 27.1. VALE DA AMARGURA, JAZIDA DO (ESTOMBAR)
2. A sudoeste de um cabeço com 32m de altitude, a 500m, poente, de Estombar.
  3. W 677 201 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Reconheceram-se, à superfície do terreno, artefactos, de grauvaque, com talhe de características «languedocenses» e um machado de tipo mirenses.
  5. Epipaleolítico.
  6. Inédita.

Fig. 14 – Vale da Amargura, Lagaretas (RIV/94-36).

- 28.1. ESTOMBAR, AVALÇOS DE (ESTOMBAR)
2. Na povoação e nos terrenos circunvizinhos.
  3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Artefactos de diferentes períodos, nomeadamente machados de pedra polida e de bronze. Destaca-se um conjunto de contas de vidro policromas, de Idade Moderna, publicado por Estácio da Veiga.
  5. Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze, Período Romano, Idade Média e Idade Moderna.
  6. Alarcão, 1988, 182; Chaves, 1955, 140; Correa, 1924, 31; 1928, 150; Domingues, 1945, 70, 279; Gamito, 1988, 27; Gomes, 1994, 91; Marques, 1992, 69; Mourinho, 1983, 3; Rodrigues, s/d, 234; Rosa, 1975, 136, 138; Schubart, 1971, 211; 1975, 192; Veiga, 1887, 371; 1891, 94, 95, 188; Viana, 1960-61, 8.



Fig. 15 – Estombar. Colar.  
(esc. 1/4)

- 29.1. ESTOMBAR, AZENHA DE (ESTOMBAR)
2. Na ribeira de Vale Formoso ou de Estombar, junto à «malhada do mar».
  3. W 679 203 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Regista-se um aforamento de 1376, sendo referida no «livro do Almoxtarifado de Silves» (1474). O prior Lourenço de Mello da Cunha mencionou, em 1758, nove moinhos na zona de Estombar.
  5. Idade Média.
  6. Cardoso, 1758, 670; Botão, 1992, 63; Iria, 1956, 318; Leal e Domingues, 1984, 55, 101.
30. ESTOMBAR, CASTELO DE (ESTOMBAR)
2. Zona alta da povoação de Estombar, próximo do largo Dr. José Lapa Mendes Manuel.
  3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Fortaleza em taipa, hoje quase completamente destruída, de que ainda se reconhecem os restos de uma torre, de planta quadrangular, medindo 5m de lado, e o arranque dos panos de muralha a que se encontrava adossada. Foi tomada, por D. Sancho I, em 1189, e por ele doada ao convento de Alcobaça, sendo, depois, conquistada, em 1243, por D. Paio Peres Correia. Os vinhos de *Estumbar* ou *Estombre* são referidos, em 1398, nas Cortes do Porto.
  5. Idade Média (muçulmano).
  6. Alegria, 1986, 264; Adragão, 1985, 149; Almeida, 1947, 442; Callixto, 1991, 1618; Chaves, 1924, 10, 11; Cruz, 1960, fig. 1; Domingues, 1960, 344; 1967a, 1, 4; 1971, 194, 197; Gomes, 1993, 40; Gouveia, 1928, 3, 10; Guerreiro e Maga-

lhães, 1983, 66, 67, 75, 156, 157; Iria, 1956, 99, 107; 109, 251; 1982, 77, 114; Leal, 1873b, 73; Linha, 1984, 4, 8; Lopes, 1841, 294; Machado, 1978, 249; Marques, 1992, 77; Mourinho, 1966a, 2, 4; 1983a, 3; 1983b, 3; Oliveira, 1911, 21, 56-58; Santo Agostinho, 1792, 86, 92; Santos, 1937d, 1; 1942b, 1; Vasconcellos, 1938e, 3; 1938f, 3; Vieira, 1911, 13; n/a, 1898g, 389, 390; 1949c, fig. 1; 1957c, 1, 4; 1987m, 7.

31.1. ESTOMBAR, FORNO DE (ESTOMBAR)

2. Na povoação de Estombar, em uma casa.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Construção cujas características se desconhecem, aforada no reinado de D. Afonso V, conforme o «*Livro do Almojarifado de Silves*» (1474).
5. Idade Média.
6. Botão, 1992, 65; Leal e Domingues, 1984, 54, 55.

32.1. S. TIAGO, IGREJA MATRIZ OU DE (ESTOMBAR)

2. No largo da Igreja, no centro da povoação de Estombar.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Templo construído na década de 1550-60, arruinado pelo terramoto de 1755. Oferece planta rectangular, constituída por três naves, de quatro tramos definidos por arcos, de volta perfeita e assentes em colunas, com capitéis de ordem dórica, sendo coberto por tecto de madeira. A frontaria é flanqueada por duas torres simétricas, posteriores a 1755, abrindo-se ao centro, o portal, de estilo manuelino. A fachada voltada a sul mostra portal, com verga de arco



quebrado, e na oposta observa-se portal de verga simples.

A capela-mór e as colaterais têm as abóbadas e as paredes revestidas por azulejos, datados de 1719 a 1743, representando cenas evangélicas do Antigo e do Novo Testamento. Sobre o arco da capela-mór, observa-se um outro painel de azulejos representando a Ascensão. Um silhar de azulejos envolve toda a nave e outros azulejos circundam os arcos dos tramos que a dividem.

As duas primeiras colunas, atribuíveis ao século XVI, junto ao interior da porta principal, têm os fustes decorados com figuras antropomórficas em relevo, representando membros do clero, da nobreza, populares e músicos, segurando os instrumentos respectivos. A capela-mór guarda retábulo de talha dourada, realizado por Custódio Mesquita, em 1709, onde se reconhecem as imagens de S. Tiago e de S. José.

Fig. 16 – Estombar. Igreja Matriz de S. Tiago (RVI/94-14).



17 - Estombar. Igreja de São João. Pormenor de coluna decorada (RVI/94-11).

Seis capelas laterais (Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Santíssimo Sacramento, Senhor Jesus Crucificado, Santo António e das Almas) guardam retábulos de talha dourada, do século XVIII, alguns contendo imagens dos oragos, em madeira policroma. A capela do Senhor Jesus Crucificado foi construída em 1589 e mostra medalhões com os bustos de S. Pedro e S. Paulo.

Este templo conserva, ainda, outras imagens e alfaias litúrgicas, nomeadamente um crucifixo indo-português, de marfim, do século XVII.

É, desde 1984, Imóvel de Interesse Público (dec. nº29/84).

5. Idade Moderna e Idade Contemporânea.
  6. Aavv, 1976, 238, 239; Adragão, 1985, 149; C. 1958, 3; Cardoso, 1758, 651; Correia, 1984, 21-41; 1987, 30, 49, 53, 64, 65, 69, 73, 79, 80; Costa, 1712, 4; Francês, 1963, 7; Franco, 1929, 44; Júnior, 1877a, 1, 3; Lameira, 1988, 36; 1992, 23-81; Leal, 1873b, 72; Linha, 1984, 4, 8; 1993, 15; Lopes, 1841, 294; 1993, 15; Mourinho, 1966, 4, 5; 1976, 6; Oliveira, 1911, 86, 89, 91, 110, 132-136; Proença, 1927, 269; Ramos, 1990, 42, 43; Rosa, 1990, 26, 27; 1992, 288, 293; Santos, s/d, 170; Simões, 1949d, 1, 4; Smith, 1940, 135-159; Sousa, 1915, 37; Valadares, 1958c, 1; 1958h, 1, 2; n/a, 1957a, 1, 6; 1957c, 1, 4; 1957e, 1, 4; 1965a, 1; 1983ap, 3.
- 33.1. MISERICÓRDIA, IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO OU DA (ESTOMBAR)
2. Na rua da Misericórdia.
  3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).

4. Edifício de planta rectangular, com nave única, coberta por abóbada de berço, fundado nos finais do século XVI (1586), e sacristia anexa onde funcionou um hospital. Este foi mandado edificar, em 1531, pelo escudeiro Diogo Pincho, conforme inscrição ali conservada na verga de uma porta.

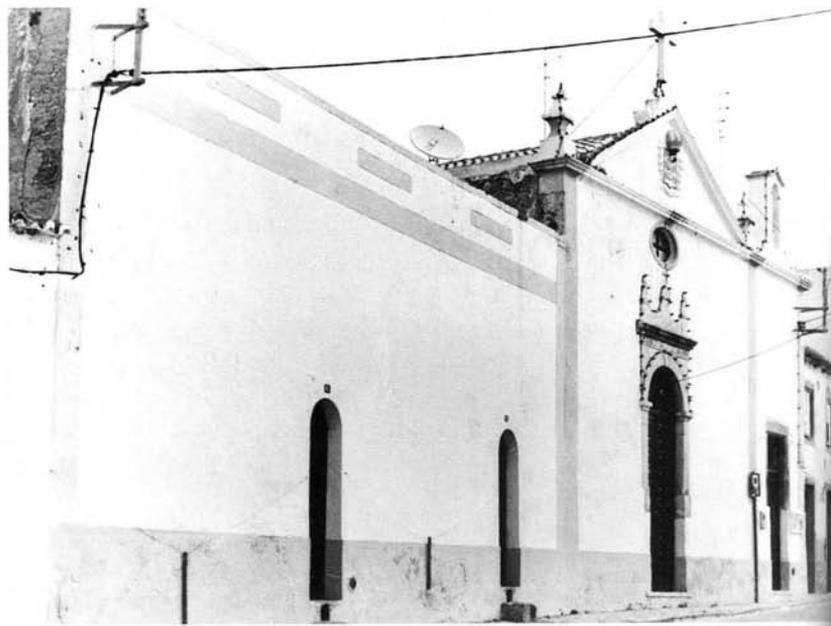
Foi reparado em 1677, sendo arruinado pelo terramoto de 1755 e novamente reerguido.

A fachada, encimada por frontão triangular e pinaculado, conserva porta quinhentista, sob óculo, sendo o campanário do século XVIII (1754).

Tanto o arco triunfal como a capela-mór, oferecem pinturas do século XVIII (1767). Na capela-mór, observa-se retábulo, de talha dourada, dos inícios do século XVIII.

Guarda algumas imagens religiosas, de madeira, do século XVII, assim como oito bandeiras e nove varas de mando, daquela mesma centúria.

5. Idade Moderna.
6. Adragão, 1985, 149; Cardoso, 1758, 655, 656; Correia, 1987, 66, 67, 73; Lameira, 1988, 35; 1992, 82-87; Linha, 1984, 4, 8; Mourinho, 1983, 3; Oliveira, 1911, 88, 91, 137, 138; Pinto e Pinto, 1968, 315-331; Sousa, 1915, 37; Valadares, 1958b, 1, 3; 1958i, 1, 2.



### 34.1. ESPÍRITO SANTO, ERMIDA DO (ESTOMBAR)

2. Na povoação de Estombar, no largo do Castelo, nº4.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício de um só piso. Resistiu ao terramoto de 1755 e ali se instalou em 1911, a escola primária. Conserva portal de cantaria chanfrada.

Segundo a tradição teria sido habitação dos bispos de Silves.

5. Idade Moderna.
6. Cardoso, 1758, 657; Júdice, 1929a, 3; Oliveira, 1911, 88, 91, 108, 145; Sousa, 1915, 40.

Fig. 18 – Estombar. Igreja Misericórdia (RVI/94-3).

Fig. 19 – Estombar. Solar Gaivões (RIII/95-32).

35.1. GAIVÕES, SOLAR DOS (ESTOMBAR)

2. Na povoação de Estombar, na esquina da rua do Remexido com a rua João Gaivão.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Casa de dois pisos, com origem no século XVI e grandemente remodelada no século XVIII. Conserva, no interior, capela. Oferece, num anexo, porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
5. Idade Moderna.
6. Oliveira, 1911, 145; Sequeira, s/d, 62.

36.1. POÇO VELHO (ESTOMBAR)

2. Frente à casa da Família Gaivão.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Poço público, com planta circular, reconstruído recentemente.
5. Idade Moderna (séc.XVI).
6. Inédito.

37.1. ESTOMBAR, CASA «MANUELINA» DE (ESTOMBAR)

2. No largo Dr. José Lapa Fernandes Manuel, nº 12.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício térreo com portal, em cantaria, de arestas chanfradas.
5. Idade Moderna (séc. XVI).
6. Inédita.

38.1. ESTOMBAR, CASA «MANUELINA» DE (ESTOMBAR)

2. Na rua Mouzinho de Albuquerque, nº 27.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício térreo, com duplo beirado, porta, em cantaria da região, de arestas chanfradas, e janela decorada com estuques (séc. XVIII?).
5. Idade Moderna (sécs XVI e XVIII).
6. Inédita.

39.1. ESTOMBAR, CASA «MANUELINA» DE (ESTOMBAR)

2. Na rua Mouzinho de Albuquerque, nº 20.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício térreo, com duplo beirado, porta em cantaria da região, de arestas chanfradas, e janela.
5. Idade Moderna (séc. XVI).
6. Inédita.

40.1. ESTOMBAR, CASA «MANUELINA» DE (ESTOMBAR)

2. Na rua da Misericórdia, nº 20.
3. W 685 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas, integrada em edifício de época ulterior.
5. Idade Moderna (séc. XVI).
6. Inédita.

Fig. 20 – Estombar. Poço Velho (RIV/94-31).

Fig. 21 – Estombar. Casa da rua Mouzinho de Albuquerque (RVI/94



- 41.1. LOBITE, ALCARIA DE (LAGOA)
2. A cerca de 1Km, norte, de Lagoa.
  3. W 725 198 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Povoação, possivelmente de origem muçulmana dada a existência, no século XVI, de grande número de muros forros. É citada em documentos da chancelaria de D. Pedro I (1357-1367), nomeadamente nas Cortes de Elvas (1361), e no «*Livro do Almoxtarifado de Silves*» (1474), como *Lobre*, *Loubrete* ou *Loubite*. Hoje reconhecem-se ali, apenas, algumas ruínas.
  5. Idade Média e Idade Moderna.
  6. Botão, 1992, 68; Guerreiro e Magalhães, 1983, 45; Iria, 1956, 305, 309, 349; 1982, 23-25; 1983, 142, 144; Leal e Domingues, 1984, 43-52, 61-68, 95-101; Marques, 1984, 248, 249, 281; Oliveira, 1911, 161.
- 42.1. CALHAU, PORTO DA MEXILHOEIRA OU DO (ESTOMBAR)
2. Junto ao rio Arade, na extremidade poente da povoação da Mexilhoeira.
  3. W 666 202 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cais, medindo cerca de sete metros de largura e catorze de comprimento. Referido, em 1758, como «*hum porto com praça, que lhe chamão o Calhão, junto do rio de Vila Nova*».
  5. Idade Moderna.
  6. Cardoso, 1758, 662; Iria, 1956, 306; 1983, 132, 133; Oliveira, 1911, 90.
- 43.1. MEXILHÃO, ACHADOS DE (ESTOMBAR)
2. No sítio do Mexilhão, na Mexilhoeira da Carregação.
  3. W 664 199 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Recolheram-se vários artefactos de pedra polida.
5. Neolítico.
6. Oliveira, 1911, 20, 157.
- 44.1. SANTO ANTÓNIO, ERMIDA DE (ESTOMBAR)
2. Na povoação de Mexilhoeira da Carregação, num cerrinho sobranceiro ao rio Arade.
  3. W 666 202 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Construída no século XVI, perto do local onde se situava o solar da família Alistão, tendo sido mandada edificar, segundo a tradição, por um dos seus membros. Foi arruinada pelo terramoto de 1755. Conserva, na capela-mór, retábulo de talha dourada, de meados do século XVIII, com imagens, do mesmo século, como a do padroeiro, e uma sepultura.
  5. Idade Moderna e Idade Contemporânea.
  6. Cardoso, 1758, 657; Lameira, 1988, 35; 1992, 88-93; Leal, 1873d, 205; Linha, 1984, 4, 8; Mourinho, 1967, 3; Oliveira, 1911, 88, 149, 150; Sousa, 1915, 38; Valadares, 1958b, 1, 4; 1958i, 1, 2.
- 45.1. ALISTÕES, SOLAR OU CASTELO DOS (ESTOMBAR)
2. Perto da ermida de Santo António, na Mexilhoeira da Carregação.
  3. W 665 202 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Casa fortificada, da família dos Alistões, hoje arrazada.
  5. Idade Moderna (século XVIII).
  6. Oliveira, 1911, 157-159.
- 46.1. JÚDICES, SOLAR DOS (ESTOMBAR)
2. No largo António Joaquim Júdice, na Mexilhoeira da Carregação.

3. W 673 200 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Edifício, de dois pisos e águas-furtadas, onde moraram os descendentes do curso Paulo André Júdice.
  5. Idade Moderna.
  6. Mesquita, 1982, 1, 9; Sequeira, s/d, 62.
- 47.1. MEXILHOEIRA DA CARREGAÇÃO, PEDREIRA SUBTERRÂNEA DA (ESTOMBAR)
2. Na rua D. João II, sob edifícios e quintais anexos.
  3. W 669 200 (C.M.P., 594, Mexilhoeira Grande, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Conjunto de galerias e salas, descobertas em 1982, com 0.90m a 1.20m de largura e com 0.80 a 1.80m de altura. Ali se encontraram grandes mós, para moinhos de maré ou fluviais.
5. Idade Moderna (?)
  6. Linha, 1984, 4, 8.
- 48.1. S. SEBASTIÃO, ERMIDA DE (ESTOMBAR)
2. A cerca de 250m, poente, da povoação de Estombar, em antiga propriedade de Pedro Júdice, denominada quinta de S. Sebastião.
  3. W 680 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Templo, arruinado pelo terramoto de 1755, de que resta pouco mais do que o micro-topónimo «igreja».
  5. Idade Moderna.
  6. Júdice, 1929a, 3; Oliveira, 1911, 88, 138, 160; Sousa, 1915, 38.

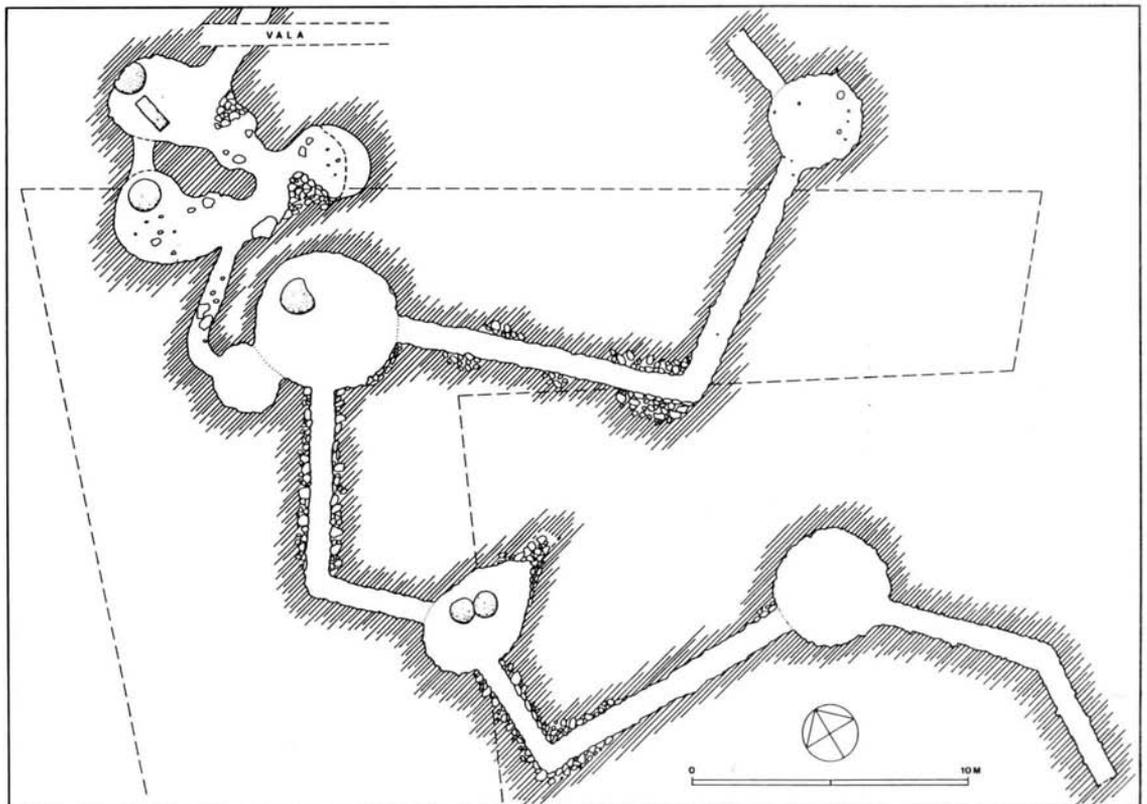


Fig. 22 – Mexilhoeira. Planta de pedreira subterrânea.

49.1. S. SEBASTIÃO, NECRÓPOLE DE (ESTOMBAR)

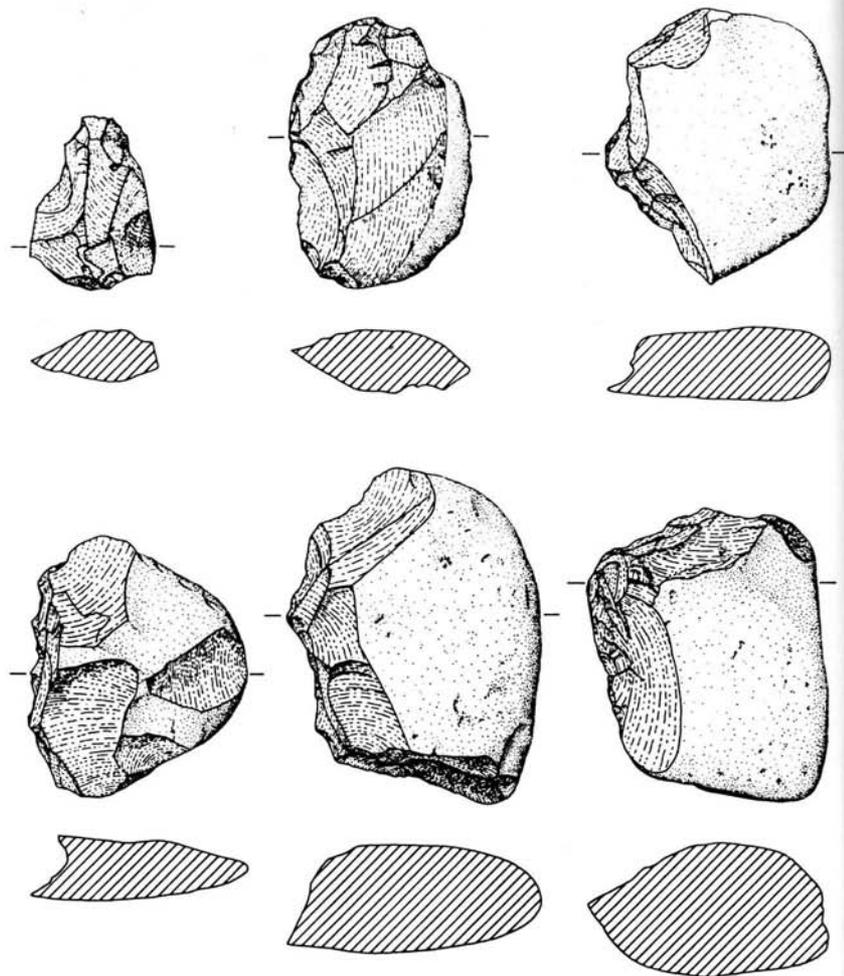
2. A cerca de 250m, poente, da povoação de Estombar, em uma elevação com 21m de cota, a norte das instalações agrícolas da quinta de S. Sebastião.
3. W 680 200 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Necrópole, onde se encontraram vários esqueletos, inumados em *decubitus* dorsal, com os braços ao longo do corpo ou dobrados, sobre o ventre, desprovidos de qualquer estrutura de protecção.
5. Idade Média (?)
6. Inédita.

50.1. TORRINHA, JAZIDA DA (LAGOA)

2. Extenso planalto, de areias quaternárias, com 72m de altitude, a 500m, poente, do Km 5 da E.N. 124-1, e a 1.5Kms, noroeste, de Lagoa.
3. W 708 203 (C.M.P., 595, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
4. Recolheram-se artefactos de pedra lascada, mós e fragmentos de cerâmica neolítica.

Os artefactos lascados, de talhe «languedocense» ocorriam sobre complexo argilo-arenoso, consolidado e de cor avermelhada, de idade plistocénica, muito provavelmente provenientes da base das areias holocénicas.

As indústrias encontradas utilizam seixos, predominantemente de grauvaque, estando presentes, no entanto, seixos de xisto silicioso, muito fino, e lascas de cherte. Descobriram-se raspadores, de talhe uni ou bifacial, um deles mostrando denticulado, uma ponta sobre lasca e uma raspadeira nucleiforme.



5. Epipaleolítico e Neolítico.
6. Inédita.

51.1. LOBITE, JAZIDA DE (LAGOA)

2. A cerca de 1Km, norte, de Lagoa e a 300m, a nascente, do Km 6.5 da E.N. 124-1.
3. W 719 198 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).

Fig. 23 - Torrinha. Artefactos de pedra lascada.

4. Terreno de areias plistocénicas, onde se recolheram artefactos de pedra lascada e elementos de mós.  
Reconheceu-se estratigrafia, formada por duas unidades bem diferenciadas. A inferior, assente em complexo argilo-arenoso, de cor vermelha e bem consolidado, é constituída por areias soltas de cor castanha, contendo artefactos com talhe de tipo «languedocense», sobre seixos de grauvaque. A superior, de areias soltas, da mesma cor, mas de tom mais escuro, entregou um núcleo de quartzo leitoso e resíduos de talhe, de sílex, assim como pequenos fragmentos de cerâmica. Provém desta zona, mas em local hoje pertencente ao concelho de Silves, um grande vaso do Neolítico Antigo, provido de quatro pequenas asas verticais, da colecção M. Bentes, de Ferragudo.
  5. Epipaleolítico e Neolítico.
  6. Bentes, s/d; Veiga, 1887, 373, 374.
- 52.1. CERCAS, PEDREIRAS DE (LAGOA)
    2. A cerca de 200m, norte, das casas da quinta das Cercas, 1Km, nordeste, de Lagoa.
    3. W 724 199 (C.M.P., 604, Silves, esc. 1:25.000, 1979).
    4. Duas profundas explorações, em poço, abertas nos calcários miocénicos.
    5. Idade Moderna (?)
    6. Inéditas.
  - 53.1. PARCHAL, SALINAS E ARMAZÉNS DO SAL DO (ESTOMBAR)
    2. Na margem esquerda do rio Arade, junto ao Km 328 da linha férrea, entre as povoações de Parchal e de Mexilhoeira da Carregação.
    3. W 659 196 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Antigas salinas e grande armazém, junto ao rio, para depósito do sal.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédito.
- 54.1. QUINTA DE S. PEDRO, NECRÓPOLE DA (ESTOMBAR)
    2. Na quinta de S. Pedro, a sudeste de Mexilhoeira da Carregação.
    3. W 665 197 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
    4. Contaram-se onze sepulturas escavadas na rocha, hoje desaparecidas.
    5. Idade Média.
    6. Oliveira, 1911, 163.
  - 55.1. COTOVIO, JAZIDA DE (ESTOMBAR)
    2. Área planáltica, de areias quaternárias, a cerca de 500m, sul, de Estombar, a 300m, norte, do v.g. Cotovio e a 3Kms, poente, de Lagoa.
    3. W 685 193 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
    4. Encontraram menires de calcário, hoje desaparecidos, assim como artefactos de pedra (núcleo, percutores, raspadores, etc ...) e cerâmicas.
    5. Epipaleolítico e Neolítico.
    6. Inédita.
  - 56.1. BEMPOSTA, JAZIDA DE (LAGOA)
    2. Zona planáltica, com 60m de altitude, com areias quaternárias, a cerca de 1.5Km, noroeste, de Lagoa, e a sul de um caminho que conduzia a Estombar.
    3. W 703 193 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
    4. Reconheceu-se sequência estratigráfica, constituída por três níveis, sendo o inferior formado por complexo argilo-arenoso, de cor vermelha, a que se sobrepunham areias, pouco consolidadas, de cor castanha clara, que

ofereceram artefactos de talhe «languedocense». Recolheram-se algumas peças unifaciais, sobre seixos de grauvaque (raspador e pico). O nível superior era formado por areias, soltas, de cor castanha mas de tom mais escuro.

5. Epipaleolítico.
6. Inédita.

57.1. BEMPOSTA, ALCARIA DE (LAGOA)

2. A cerca de 1Km, noroeste, de Lagoa, junto a um antigo caminho que conduzia a Estombar.
3. W 705 194 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Povoação, possivelmente de origem muçulmana, citada no «*Livro do Almojarifado de Silves*» (1474), de que restam apenas ruínas dispersas.
5. Idade Média e Idade Moderna.
6. Leal e Domingues, 1984, 47, 63, 67.

58.1. VALA (LAGOA)

2. A cerca de 2Kms, este-nordeste, de Lagoa.
3. W 718 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Frei João de S. José, na sua «*Corografia do Reino do Algarve*» (1557), referindo-se à povoação de Lagoa escreveu: «*tomou o nome de ãa grande lagoa de água empoçada que tinha diante de si, a qual se vazou e enxugou depois por certas abertas que lhe fizeram em torno e pelo meio, não sem grande indústria e gasto...*». Segundo Henrique Fernandes Sarrão (1607), «*Pelas lagoas acima tem terras de pão muito grossas, e no cimo delas está um cano feito de pedra e cal de muito custo, com suas bocas por cima, largo que cabe por ele um homem em pé, e corre muito espaço de terra; este cano se fez por causa das águas, que vinham dar em ãa lagoa,*



*que se aproveitou para se desviarem por esse cano as águas para outra parte.*

Actualmente, a denominada «vala», reconhece-se, embora a céu aberto, por grande extensão e a nascente de Lagoa.

5. Idade Moderna (século XVI ?).
  6. Magalhães, 1970, 21, 22; Guerreiro e Magalhães, 1983, 45, 157.
- 59.1. PARDAIS, POÇO DOS PARDAIS (ESTOMBAR)
2. Junto ao antigo caminho que de Estombar levava a Ferragudo, a cerca de 2Kms, nordeste, daquela última povoação.
  3. W 673 189 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Poço com boca de planta circular.
  5. Idade Moderna (séc. XVI?)
  6. Inédito.
- 60.1. S. PEDRO, ERMIDA DE (ESTOMBAR)
2. A cerca de 2Kms, este-nordeste, de Ferragudo e a 750m, poente, do v.g. Cotovio.

Fig. 24 – Estombar. Ermida de S. Pedro (RIV/94-35).

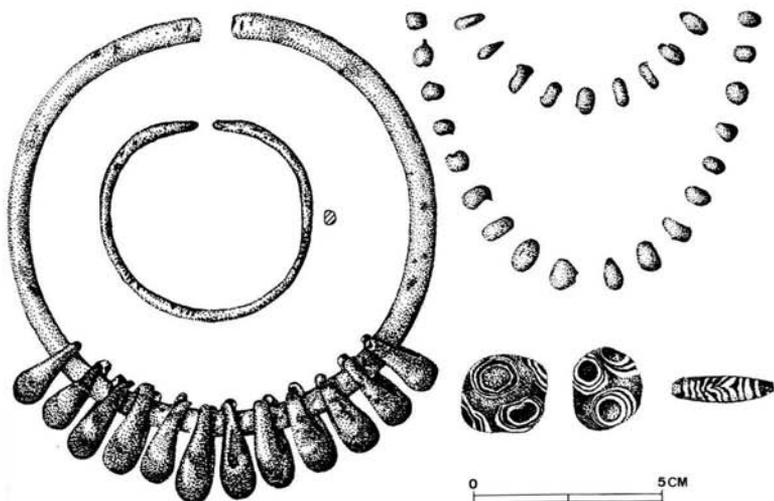
Fig. 25 – Lagoa. Espólio de sepultura da I.ª Idade do Ferro.

Fig. 26 – Lagoa. Fivela tardoromana.

3. W 676 188 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Pequeno templo de planta rectangular, coberto por abóbada de canhão, parcialmente arruinado, pelo terramoto de 1755, e reconstruído.
5. Idade Moderna (séc. XVI).
6. Cardoso, 1758, 657; Oliveira, 1911, 88, 138, 162, 163; Rosa, 1992, 285, 286; Sousa, 1915, 38.

#### 61.1. LAGOA, ACHADOS DE (LAGOA)

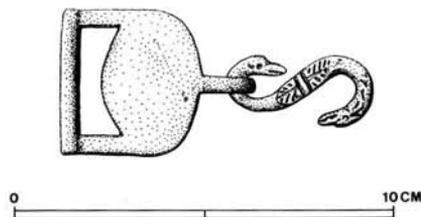
2. Na vila de Lagoa e nos terrenos em seu redor.
3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Têm-se encontrado numerosos artefactos de pedra polida, de cobre ou bronze, assim como sepulturas, em locais indeterminados. Uma, da Iª Idade do Ferro, continha xorca com doze pendentos, bracelete, com as extremidades em forma de cabeça de ofídeo, três contas de pastra vítrea, de cor negra oculadas a branco, dezoito



de cor azul e nove de cor castanha, espólio que se conserva no Museu Municipal de Faro, assim como um fragmento de peça de ferro e outro de vasilha de cerâmica. Uma outra, romana, entregou uma vasilha de terra *sigillata* e um anel de bronze.

Lagoa era, no século XVI, importante povoação, contando, em 1577, com trezentos vizinhos. Em 1758, segundo o Pe Inácio de Sousa, tinha 768 fogos e 2299 habitantes.

5. Neolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Período Romano, Idade Média e Idade Moderna.
6. Beirão, 1986, 38; Beirão e Gomes, 1980, 14, 33; Botelho, 1903, 212, 214; Botto, 1899, 10, 12, 28, 38; Branco, 1937, 2; Cardoso, 1758, 85; Casimiro, 1987c, 5; Chaves, 1962, 1, 4; 1972, 1, 4; Ferreira, 1964b, 95; Formosinho, Ferreira e Viana, 1953-54, 195, 196; Gomes e Domingos, 1983, 294, 296, 297; Guerreiro e Magalhães, 1983, 45, 157; Iria, 1956, 193; Júdice, 1929, 3; 1929a, 3; 1929b, 3; Marques, 1992, 77; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Rosa, 1975b, 136; Santos, 1972, 127; Silva e Gomes, 1992, 150; Vasconcellos, 1918, 111; 1919-20, 100, 101; 1927, 247; 1927-29b, 177; Veiga, 1887, 374; 1891, 96; Viana, 1955b, 553; Viana, Ferreira e Formosinho, 1954, 45, 46; n/a, 1898g, 389.



62.1. NOSSA SENHORA DA LUZ, IGREJA MATRIZ OU DE (LAGOA)

2. No centro da vila de Lagoa, com a frontaria voltada para o largo dos Combatentes da Grande Guerra.
3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Templo edificado em 1560-70. Oferece três naves de cinco tramos e cobertura de madeira, suportada por colunas toscanas, assentes sobre plintos. As capelas laterais são cobertas por cúpulas em calote. Foi abalado pelo terramoto de 1722 e, depois, quase arrasado pelo de 1755. Da construção primitiva, conserva, nas traseiras, um pequeno portal. A frontaria é barroca, embora o portal principal seja de estilo neo-clássico. A sua reedificação só se concluiu em 1814.

A capela-mór exibe retábulo, em talha dourada e policroma, da segunda metade do século XVIII, com imagem de madeira, ricamente estofada e com 1.60m de altura, de Nossa Senhora da Luz, atribuída à oficina de Machado de Castro. É ladeada pelas imagens de S. João Baptista e de S. Sebastião. Mostra dois retábulos colaterais, em talha dourada, e outros nas capelas laterais (Senhor Crucificado e das Almas). Na sacristia pode observar-se arcaz em madeira do Brasil, do século XVIII, algumas imagens, paramentos e alfaias litúrgicas, dos séculos XVIII a XIX (Nossa Senhora da Cruz, Menino Jesus). O coro alto guarda, também, um bom conjunto de esculturas religiosas dos séculos XVII e XVIII.

5. Idade Moderna e Contemporânea.
6. Aavv, 1976, 306; Adragão, 1985, 149; Cabrita Júnior, 1940, 44; Cardoso, 1758, 85, 86; Correia, 1984, 32; 1987, 51, 52, 64, 67, 69; Costa, 1712, 4; Júdice, 1929,



3; Lameira, 1992, 149-233; Lopes, 1841, 292; Proença, 1927, 269; Rosa, 1978, 6; 1990, 45; 1992, 280, 286, 288; Reis, 1967, 327; Sousa, 1915, 40; Valadares, 1958b, 1, 3; 1958j, 1, 4; 1959, 1, 2; n/a, 1723a, 31; 1948h, 1, 4; 1984c, 1.

Fig. 27 - Lagoa. Igreja da Nossa Senhora da Luz (RVII/94-23).

Fig. 28 - Lagoa. Igreja da Nossa Senhora da Luz. Pormenor do portal da traseiras (RVII/94-8).

63.1. MISERICÓRDIA, IGREJA DE NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO OU DA (LAGOA)

2. Na praça da República, em Lagoa.
3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício, do século XVII, de planta rectangular, com cobertura de madeira e telhas. A fachada mostra frontão, pinaculado, com a coroa real.

A capela-mór conserva retábulo, em talha dourada, dos finais do século XVII.

As paredes encontram-se revestidas por azulejos, dos séculos XVII-XVIII, com frisos de açafates floridos, enquadrados por folhagem. Sofreu reparos após o terramoto de 1755. O tecto é de madeira, em forma de masseiras.

Guarda algumas imagens religiosas de madeira, dos séculos XVII e XVIII, assim como oito bandeiras.

Em anexo, funcionou o Hospital da Misericórdia, referido em 1758, e reabilitado em 1864. Também ali existiu um pequeno cemitério, onde eram sepultados os pobres. O hospital ardeu em 1900.

5. Idade Moderna.
6. Aavv, 1976, 306; Adragão, 1985, 149; Cardoso, 1758, 87, 90; Goodolphim, 1897, 197, 198; Júdice, 1929a, 3; Lameira, 1922, 234-240; Pinto e Pinto, 1968, 247-259; Rosa, 1990, 46, 47; Sousa, 1915, 40; Valadares, 1958b, 1, 3.

64.1. S. JOSÉ, CONVENTO E CAPELA DE (LAGOA)

2. Na zona norte da vila de Lagoa, junto à rua Joaquim Eugénio Júdice.
3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício de dois pisos, com claustro, cisterna e torre-mirante sobre arco, fundado em 1710 ou 1713. Na porta da capela, sob a torre-mirante, encontra-se escrita a data de 1738.

Casa carmelita, serviu de recolhimento de mulheres e crianças do sexo feminino. Resistiu ao terramoto de 1755, sendo desactivada em 1911.

A capela-mór apresenta retábulo, de talha dourada, do século XVIII, vindo da capela do Compromisso Marítimo de Lagos, há cerca de cinquenta anos e ali adaptado, pelo escultor-restaurador Carlos Soares, entre 1989 e 1993.

A torre conserva, ainda, um sino dos finais do século XVIII (1794).

5. Idade Moderna (século XVIII).
6. Adragão, 1985, 149; Almeida, 1970, 171; Cardoso, 1758, 86; Iria, 1956, 58; Júdice, 1929, 3; Linha, 1984, 4, 8; Rosa, 1984b, 1, 4; 1992, 238, 239; Sousa, 1915, 40; Valadares, 1958d, 1, 4; 1958j, 1, 4; Vidal, 1938, 343-352; 1938a; n/a, 1983i, 3, 4; 1984h, 8.

Fig. 29 - Lagoa. Igreja de Nossa Senhora da Luz. Portal e traseiras (RVII/34-6).

Fig. 30 - Lagoa. Igreja da Misericórdia (RVII/94-3).

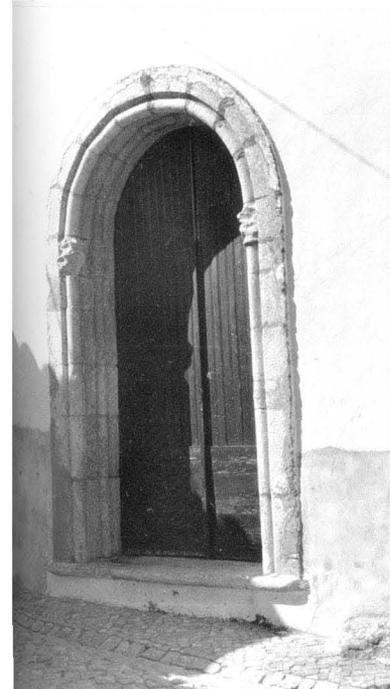




Fig. 31 – Lagoa. Convento  
S. José (RVII/94-6). (35)

- 65.1. NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ, ERMIDA DE (LAGOA)
2. No local onde hoje se erguem os Paços do Concelho.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Conservam-se, ainda, vestígios arquitectónicos, como um tecto, em abóbada, e decorações florais.
  5. Idade Moderna.
  6. Adragão, 1985, 149; Cardoso, 1758, 87; Júdice, 1929a, 3; Linha, 1984, 4, 8.
- 66.1. ESPÍRITO SANTO, CAPELA DO (LAGOA)
2. Na rua do Espírito Santo, em Lagoa.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1.25.000, 1979)
  4. Templo, destruído pelo terramoto de 1755 e cujo espaço foi profanado. Ali se conserva parte do aparelho da primitiva porta de ingresso.
  5. Idade Moderna.
  6. Cardoso, 1758, 87.
- 67.1. LAGOA, PASSO DA PAIXÃO (LAGOA)
2. Na rua C. João Bernardo.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Passo, com nicho e frontão em relevo.
  5. Idade Moderna (séc. XVIII).
  6. Inédito.
- 68.1. LAGOA, PASSO DA PAIXÃO (LAGOA)
2. No largo Dr. Guerra Júdice.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Passo, com nicho e frontão em relevo.
  5. Idade Moderna (séc. XVIII).
  6. Inédito
- 69.1. LAGOA, PASSO DA PAIXÃO (LAGOA)
2. Na rua Luís de Camões.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Passo, com nicho e frontão em relevo. Um quarto passo encontrava-se no largo Alves Roçadas.
5. Idade Moderna (séc. XVIII).
6. Inédito.
- 70.1. LAGOA, PELOURINHO DE (LAGOA)
2. Localizava-se na antiga praça do Pelourinho, tendo sido demolido anteriormente a 1808, quando ali foi içado o estandarte real e aclamado D. João VI.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Desconhecem-se outras informações.
  5. Idade Moderna (séc. XVIII).
  6. Branco, 1937d, 2; Chaves, 1962, 1, 4; 1972, 1, 4; Iria, 1941, 79.
- 71.1. LAGOA, PORTA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na rua Alexandre Herculano, nº 15, antiga rua de S. João.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Porta, em cantaria da região, com as arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 72.1. LAGOA, PORTA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na rua do Saco.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Porta, em cantaria da região, com as arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 73.1. LAGOA, CASA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na rua Teófilo Braga.

3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Casa térrea, com porta, em cantaria da região, de arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 74.1. LAGOA, PORTA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na rua Dr. Sebastião Pinto, nº14.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 75.1. LAGOA, CASA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na rua Sacadura Cabral.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Conservam-se algumas paredes e dois vãos de porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 76.1. LAGOA, PORTA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na rua Fernando Martins.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 77.1. PESSANHA, CASA DA FAMÍLIA (LAGOA)
2. Na rua Comendador Teófilo Trindade, nº 17.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Casa, com dois pisos, mostrando o lintel de uma das portas a inscrição «PESSANHA \* 1735».
  5. Idade Moderna.
  6. Inédita.
- 78.1. LAGOA, CASA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. No beco António Pinto.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Conservam-se algumas paredes e dois vãos de porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 79.1. LAGOA, PORTA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na rua António Pinto.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Vão de porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 80.1. LAGOA, PORTA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na travessa situada entre as ruas Coronel Figueiredo e António Pinto.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Vão de porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 81.1. LAGOA, PORTA «MANUELINA» DE (LAGOA)
2. Na travessa perpendicular à rua Visconde de Lagoa, nº 18.
  3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).



Fig. 32 – Lagoa. Casa da Família Pessanha (RVII/94-25).

Fig. 33 – Lagoa. Casa da rua Pinheiro Chagas (RVII/94-15).

4. Vão de porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
5. Idade Moderna (séc. XVI).
6. Inédita.

#### 82.1. CASA «MANUELINA» DE (LAGOA)

2. Na rua Pinheiro Chagas, nº 19, e esquina com a rua Eça de Queiroz.
3. W 715 188 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Edifício térreo, com porta em cantaria da região, de arestas chanfradas e tendo a verga decorada com gomos.
5. Idade Moderna (séc. XVI).
6. Inédita.

#### 83.1. FÁBRICA FIALHO, ACHADOS DA (FERRAGUDO)

2. A cerca de 250m, norte, de Ferragudo, em terrenos da antiga Fábrica Fialho.
3. W 656 180 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Encontraram-se, entre outros materiais,

dois elementos dormentes e um movente, de pedra, pertencentes a moinhos movidos por burros (*molae asinariae*), hoje guardados no Centro de Documentação do Museu de Portimão.

5. Período Romano.
6. Inéditos.

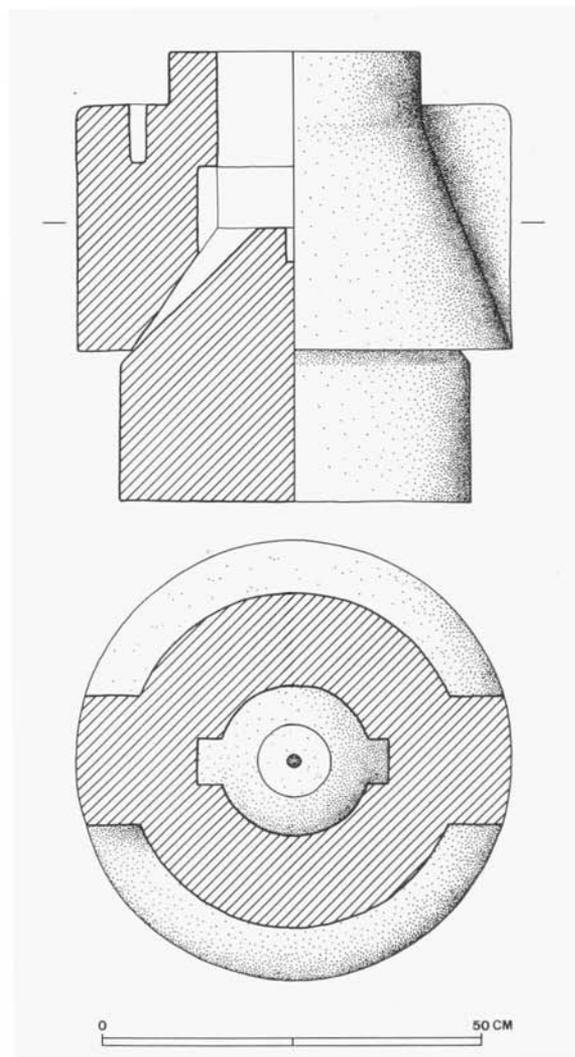


Fig. 34 – Ferragudo. Fábrica Fialho. *Mó asinaria*

84.1. QUINTA DOS POÇOS, POÇO DA (ESTOMBAR)

2. Junto ao caminho que, de Ferragudo, conduzia a Estombar ou a Lagoa, a cerca de 1Km, nascente, daquela primeira povoação.
3. W 665 179 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Poço, com boca de planta circular.
5. Idade Moderna (séc. XVI ?).
6. Inédito.

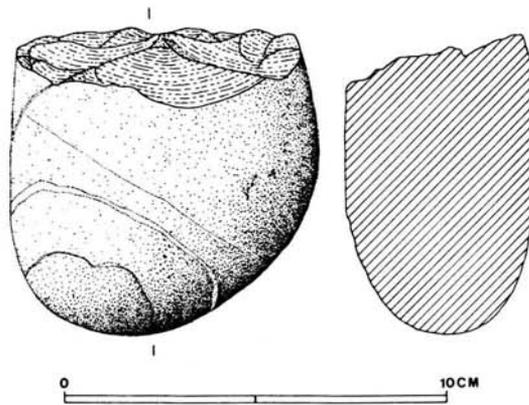


Fig. 35 – Bemparece 1. Seixo afeiçoado.

85.1. BEMPARECE, NECRÓPOLE DE (LAGOA)

2. A cerca de 1Km, sudoeste, de Lagoa.
3. W 697 178 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. A necrópole de cistas, com forma sub-quadrangular. Algumas continham cerâmicas e machados de cobre/bronze.
5. Idade do Bronze.
6. Gamito, 1988, 27; Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, 64; Marques, 1992, 77; Rodrigues, s/d, 234; Rosa, 1975b, 136, Schubart, 1975, 142; Veiga, 1891, 95, 96.

86.1. BEMPARECE 1, JAZIDA DE (LAGOA)

2. Cabeço, com 63m de altitude, de areias quaternárias, a cerca de 500m, sudoeste, de Lagoa.
3. W 707 182 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Reconheceram-se dois níveis arqueológicos, ambos de matriz arenosa, solta, o mais antigo contendo seixos afeiçoados de talhe «languedocense» (raspador, percutor) e lascas de grauvaque, enquanto que o mais recente entregou fragmento do elemento, movente, de mó manual e cerâmicas.
5. Epipaleolítico e Neolítico.
6. Inédita.

87.1. BEMPARECE 2, JAZIDA DE (LAGOA)

2. Cabeço, com 62m de altitude, de areias quaternárias, acerca de 1.5Kms, sudoeste, de Lagoa.
3. W 704 176 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Foram encontrados artefactos de pedra lascada, de grauvaque, com talhe «languedocense». As condições geológicas são semelhantes a Bemparece 1.
5. Epipaleolítico.
6. Inédita.

88.1. BEMPARECE 3, JAZIDA DE (LAGOA)

2. Vertente planáltica, suave e voltada a sul, de areias quaternárias, a cerca de 1Km, sudoeste, de Lagoa e 500m, sul, de Bemparece 1.
3. W 707 180 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Foram encontradas estruturas de combustão, a cerca de 1m de profundidade, artefactos de pedra lascada (raspadores, «disco» e núcleo poliédrico) e cerâmicas, entre elas o fragmento de uma taça carenada, assim como o elemento dormente de uma mó manual. No local explora-se, actualmente, areia.
5. Epipaleolítico e Neolítico.
6. Inédita.

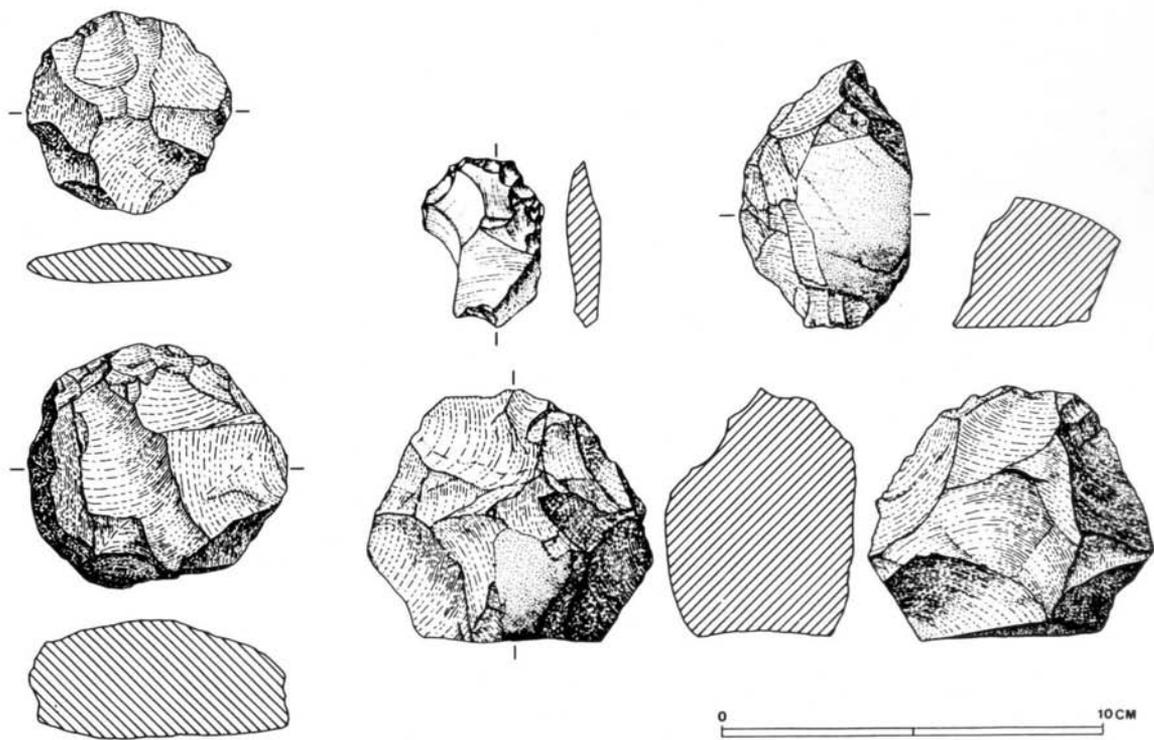
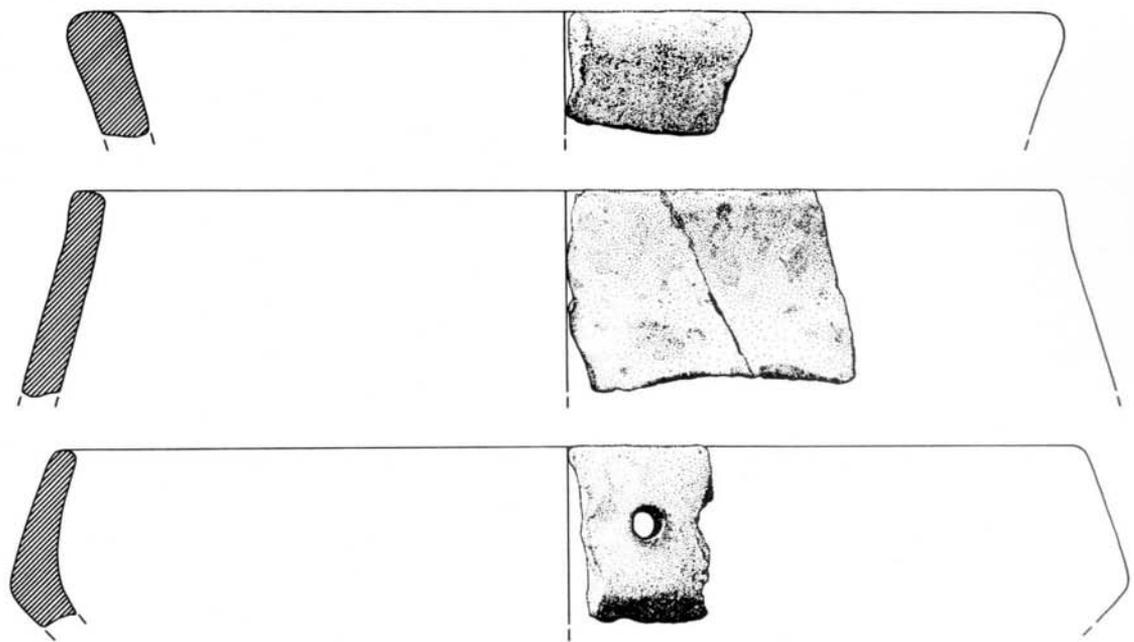


Fig. 36 – Bemparece 3. Espólio cerâmico e lítico.

- 89.1. NOSSA SENHORA DO CARMO, CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO OU DE (LAGOA)
2. A 1Km, este-sudeste, da povoação de Lagoa, ao Km 53 da E.N. 125.
  3. W 729 183 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Casa de carmelitas descalços, fundada em 1550, por Pedro Fernandes, escrivão da Câmara da rainha D. Catarina. Foi destruída pelo terramoto de 1755, dela se conservando as ruínas e um pequeno portal.
  5. Idade Moderna.
  6. Cardoso, 1758, 86; Botto, 1899, 16; Costa, 1712, 4; Guerreiro e Magalhães, 1983, 45, 157; Iria, 1956, 58; Júdice, 1929, 3; Júnior, 1877, 3; Linha, 1984, 4, 8; Santa Maria, 1718, 388-390; Santos, 1942j, 4; n/a, 1723a, 31.
- 90.1. ESCOLA INTERNACIONAL, NECRÓPOLE DA (LAGOA)
2. Na propriedade onde hoje se ergue a Escola Internacional, a norte do Km 54.3 da E.N. 125 e a cerca de 2.5Kms, este-sudeste, de Lagoa.
  3. W 743 181 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Necrópole de cistas.
  5. Idade do Bronze.
  6. Inédita.
- 91.1. CABEÇOS, JAZIDA DE (LAGOA)
2. Na zona poente de um relevo, com 99m de cota, onde se encontra implantado o v.g. Cabeços, a 250m, sudeste, do Km 54, da E.N. 125, e a 200m da E.N. 1154.
  3. W 743 176 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Resto de depósito de areias quaternárias, assente sobre argilas consolidadas, de cor vermelha, onde se recolheram fragmentos de cerâmica, um raspador, lascas de quartzito e um pedaço do elemento movente de mó manual.
5. Neolítico.
6. Inédita.
- 92.1. CABEÇOS, MINERAÇÕES DE (PORCHES)
2. Zona a cerca de 1Km, noroeste, de Porches, também conhecida como Ferrarias, próximo do sítio de Redores.
  3. W 755 185 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Restos de minerações a céu aberto. A mina foi, ainda, registada na Câmara de Lagoa, em 1862, como contendo «ferro argentiífero». Nas proximidades existe um poço antigo, denominado «poço velho».
  5. Idade Média (?)
  6. Oliveira, 1912, 147.
- 93.1. S. SEBASTIÃO, ERMIDA DE (PORCHES)
2. Em local indeterminado, a poente da povoação de Porches.
  3. W 763 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Templo arruinado pelo terramoto de 1755, hoje desaparecido.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Cardoso, 1758, 1496; Oliveira, 1912, 72, 136-138; Sousa, 1915, 42.
- 94.1. NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO, IGREJA MATRIZ OU DE (PORCHES)
2. Na povoação de Porches.
  3. W 764 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1978).
  4. O templo actual, de uma só nave, foi remodelado em 1882 sob plano do Pe A. José Nunes da Glória, no local onde existiu uma igreja erigida em 1560 e da qual conserva a capela-mór. Esta é coberta por abóbada de nervuras, apoiadas em seis mísulas, mostrando, no fecho, florão com a Cruz de Cristo.



Fig. 37 - Porches. Casa da Chaminé (RVII/94-33).

Fig. 38 - Porches. Casa com grande chaminé (RIII/95-27)

Tem quatro capelas laterais, com paredes revestidas por azulejos do século XVIII e a capela-mór conserva retábulo, de talha dourada, daquela mesma centúria, mas com imagem, da padroeira, do século XIX.

A capela do Santíssimo Sacramento oferece retábulo, de madeira, dourado e polícromo, do séc. XIX.

Este templo guarda, ainda, a pia baptismal primitiva, um cadeiral do século XIX, algumas imagens sacras dos séculos XVIII e XIX, assim como alfaias litúrgicas.

5. Idade Moderna e Idade Contemporânea.
6. Aavv, 1976, 447; Adragão, 1985, 152; Cardoso, 1758, 1495; Guerreiro e Magalhães, 1983, 157; Lameira, 1988, 82; 1992, 295-267; Leal, 1873f, 204; Linha, 1984, 4, 8; Lopes, 1841, 295; Mateus, 1973a, 1, 4; Oliveira, 1912, 103-

-107; Rosa, 1990, 69, 70; Sousa, 1915, 41, 42, 71; Valadares, 1958b, 1, 3; 1958j, 1, 4.

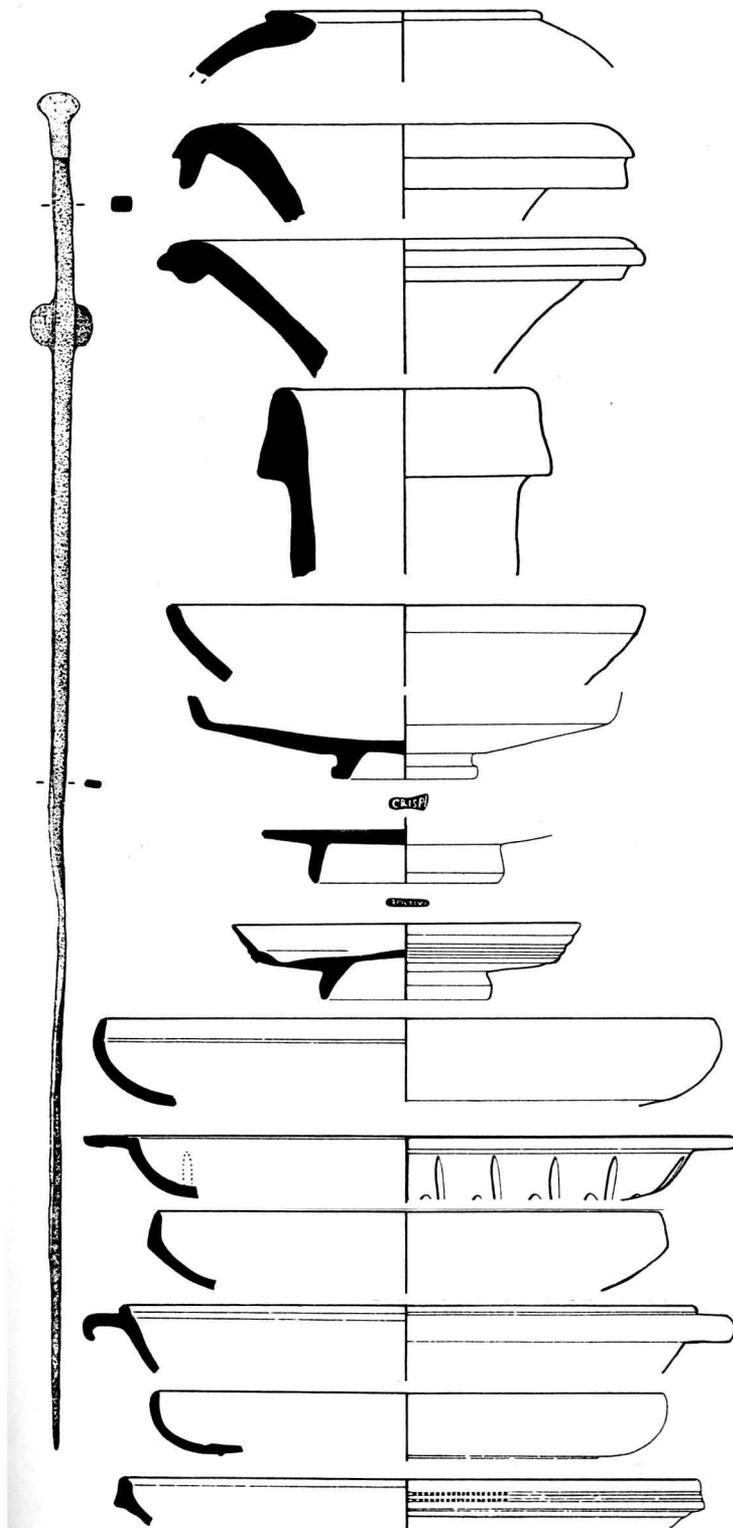
- 95.1. CABRITAS, SOLAR DOS (PORCHES)
  2. Na rua da Lagoinha, nº 7, e rua João Silva, nº 2, em Porches.
  3. W 764 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Edifício com dois pisos e duas frentes urbanas.
  5. Idade Moderna.
  6. Oliveira, 1912, 120; Sequeira, s/d, 62.
- 96.1. CASA DA CHAMINÉ (PORCHES)
  2. Na rua da Chaminé, em Porches.
  3. W 764 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Casa térrea, com porta e uma janela de cada lado, mostrando grande chaminé decorada, em relevo, que ostenta a data de 1793.
  5. Idade Contemporânea (séc. XVIII).
  6. Inédita.

- 97.1. PORCHES, PORTA «MANUELINA» DE (PORCHES).
  2. Na rua da Chaminé, nº8, em Porches.
  3. W 764 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Restos de porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.

- 98.1. PORCHES, PORTA «MANUELINA» DE (PORCHES)
  2. Na rua António Joaquim Cabrita, nº 2, em Porches.
  3. W 764 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Porta, em cantaria da região, com arestas chanfradas.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.

- 99.1. PORCHES, CASA MANUELINA DE (PORCHES)
2. Na rua da Alagoinha, nº 12, em Porches.
  3. W 764 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Casa térrea com porta de cantaria, da região, com arestas chanfradas, decorada, na base, com motivos fitomórficos.
  5. Idade Moderna (séc. XVI).
  6. Inédita.
- 100.1. PORCHES, CASA COM CHAMINÉ (PORCHES)
2. Rua, nas traseiras da igreja matriz.
  3. W 764 179 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Casa térrea, com enorme chaminé, decorada com relevos semelhantes aos da sua congénere da rua da Chaminé.
  5. Idade Contemporânea (séc. XVIII).
  6. Inédita.
- 101.1. AREIAS DE PORCHES, JAZIDA DE (PORCHES)
2. Planalto, com cerca de 91m de altitude máxima que se desenvolve, por cerca de 1Km, a nascente e a sudeste de Porches.
  3. W 773 178 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Terrenos, de areias quaternárias, contendo indústrias de pedra lascada.
  5. Epipaleolítico.
  6. Inédita.
- 102.1. FERRAGUDO, MOINHO DE (FERRAGUDO)
2. Na ribeira de Ferragudo, junto à confluência com o rio Arade.
  3. W 656 176 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Desaparecido, a caldeira situar-se-ia no pequeno esteiro, hoje atravessado por uma ponte.
5. Idade Moderna.
6. Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989.
- 103.1. FERRAGUDO, POVOAÇÃO DE (FERRAGUDO)
2. Sobre a margem esquerda do Arade, junto à confluência da ribeira de Ferragudo com aquele rio.
  3. W 655 175 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. São frequentes os achados, na povoação e em terrenos anexos, de machados de pedra polida e de bronze.
- A povoação, instituída pela rainha D. Leonor em 1520, era protegida por muralha, construída entre 1502 e 1538, por ordem do bispo D. Fernando Coutinho. Em 1617 ainda conservava um lanço de muralha, defendido por três torres adossadas. Em 1749 subiu à categoria de freguesia.
5. Neolítico, Idade do Bronze, Idade Média e Idade Moderna.
  6. Adragão, 1985, 83, 84; Callixto, 1991, 109, 193-195; Cardoso, 1758, 297; Domingues, 1945, 69; Ferreira, 1983, 52; Gamito, 1983, 343, 347; Guerreiro e Magalhães, 1983, 156; Martins, 1990; Oliveira, 1911, 24; Veiga, 1887, 37; 1891, 95, 181, 182.
- 104.1. ARADE, ACHADOS DO (FERRAGUDO)
2. Provenientes de toda a bacia dragada em 1970 e em 1982, entre o forte de Santa Catarina e as extremidades dos molhes que protegem a barra do Arade.
  3. W 651 162 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Encontraram-se, entre muitos outros

Fig. 39 – Rio Arade. Espeto bronze e cerâmicas(esc. 1:25.000)



materiais, um espeto de bronze, da 1ª Idade do Ferro, fragmentos de ânforas ibero-púnicas, cerâmicas campanienses, fragmentos de ânforas e de outras cerâmicas romanas, um *aureus* de Faustina(séc. II d.C.), cerâmicas, moedas e muitos outros materiais medievais ou modernos.

5. Idade do Ferro, Período Romano, Idade Média e Idade Moderna.
6. Alves, 1986, 132, 140; Matos e Alves, 1987; Silva, Soares e Soares, 1987.

105.1. FERRAGUDO, CANHÃO DE (FERRAGUDO)

2. Foi encontrado no rio Arade, a cerca de 10m dos cais antigos, junto a Ferragudo.
3. W 653 176 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Canhão cuja tipologia se desconhece.
5. Idade Moderna.
6. Inédito.

106.1. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, IGREJA MATRIZ OU DE (FERRAGUDO)

2. Na parte alta da povoação, com a fachada voltada para o rio Arade.
3. W 655 175 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Edifício, fundado no século XVI(1520), atingido pelo terramoto de 1755.

Oferece planta rectangular, com cobertura de madeira e telhas. A capela-mór conserva retábulo, de talha dourada, do século XIX. Dois retábulos colaterais e quatro laterais, de talha dourada e policroma, foram construídos no mesmo século.

Na sacristia, além de imagens religiosas, de madeira, encontra-se um fragmento de cruzeiro do século XVI, de pedra calcária da região, com as





Fig. 40 - Rio Arade. Fragmentos de ânforas romanas.

Fig. 41 - Ferragudo. Praia da Angrinha. Serpente de bronze.

representações de Nossa Senhora, numa face, e de Cristo Crucificado, na outra, proveniente do Ilhéu do Rosário, assim como um conjunto de ex-votos, ou «milagres», pintados em madeira ou lata, com temática marítima, dos séculos XVIII e XIX.

5. Idade Moderna e Idade Contemporânea.
  6. Adragão, 1985, 85; Cardoso, 1758, 298; Corte-Real, 1994; Iria, 1973, 19-27; 1984, 320, 321; Lameira, 1992, 97-145; Leal, 1837b, 169; Lopes, 1841, 296; Martins, 1990, 46-49; Sousa, 1915, 39; Valadares, 1958b, 1, 3; Vasconcellos, 1927, 265; n/a, 1932c, 2.
- 107.1. FERRAGUDO, TORRE DE (FERRAGUDO)
2. Na parte mais alta da povoação de Ferragudo.
  3. W 656 175 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Ruínas de atalaia, de planta circular, transformada em moinho e muito adulterada.
  5. Idade Média (séc. XV).
  6. Callixto 1991, 196; Martins, 1990, 43-45.
- 108.1. VALE DA AREIA, FURNA DO (FERRAGUDO)
2. A sul de Ferragudo, junto à praia da Angrinha.
  3. W 655 171 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Cavidade natural, aberta nos calcários miocénicos, hoje coberta por areias provindas das dragagens efectuadas em 1970.
  5. Indeterminada.
  6. Machado e Machado, 1945, 215; 1948, 454.
- 109.1. PRAIA DA ANGRINHA, RUÍNAS E ACHADOS DA (FERRAGUDO)
2. Na margem esquerda do rio Arade, a 250m, sul, de Ferragudo e na base da colina onde se ergue o Forte de S. João ou Castelo do Arade.
  3. W 654 171 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Restos de edifícios, alguns com mosaicos e estuques pintados, e de tanques para salga de peixe. Um nível pré-romano entregou, entre outros materiais, uma serpente de bronze. Foram, ainda, encontradas uma moeda de bronze, cunhada no reinado de Nero, peças de vidro e várias cerâmicas.
  5. Idade do Ferro e Período Romano.
  6. Alarcão, 1973, 197; 1988, 184; Chaves, 1914, 293; Fabião, 1992-93, 236, 249; Fabião e Carvalho, 1990, 50; Ferreira, 1983, 52; Figueiredo, 1948, 18; Gomes, 1986a, 61; Iria, 1950, 730; Marques, 1992, 73, 75; Martins, 1990, 16; Mascarenhas, 1978, 10; Oliveira, 1911, 24; Pereira, 1976, 168; Rosa, 1975b, 138; Santos, 1971, 135-138; Silva e Gomes, 1992, 155; Vasconcellos, 1913, 520; Veiga, 1891, 181-187; n/a, 1932c, 2; 1983p, 11; 1983u, 24.
- 110.1. S. JOÃO BAPTISTA, CASTELO DO ARADE OU FORTE DE (FERRAGUDO)
2. Sobre a falésia, na margem esquerda da barra do Arade, a cerca de 500m, sul, de Ferragudo.
  3. W 654 171 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Construído em 1643-1644, no local onde parece ter existido uma torre de vigia. Foi seu primeiro governador o capitão Francisco da Costa Barros. Fortificação abaluartada, reequipada em 1654, encontrando-se em ruínas em 1669 e em 1861, tendo sido

arrendada, trinta e um anos depois, ao poeta, professor e diplomata, Joaquim José Coelho de Carvalho, à família do qual foi vendida em 1896. Passou, ulteriormente, para a posse do ex-ministro Francisco Vieira Machado, em cuja família se conserva.

É, desde 1974, Imóvel de Interesse Público (dec. nº 735/74).

5. Idade Moderna e Idade Contemporânea.
6. Adragão, 1985, 84; Almeida, 1947, 443, 444; Azevedo, 1963, 41-44; Bello, 1957, 1, 4; 1960, 2, 6; Callixto, 1989, 216; 1991, 103-188; Cardoso, 1758, 650; Chaby, 1869, 300; Dias, 1902, 41; Domingues, 1955b, 1; F., 1957, 1; Gameiro, Piscarreta e Palhinha, 1989; Guedes, 1988, 79, 122, 212; Guerreiro e Magalhães, 1983, 43, 152; Lapa, 1959, 30, 54; Leal, 1873, 124; Lencastre, 1994; Linha, 1984, 4, 8; Lopes, 1841, 259; 1993, 14; Marques, 1992, 73, 75; Martins, 1990, 45, 46; Noronha, 1921, 1, 2; 1921a, 2; Oliveira, 1911, 86; Pinto, 1894, 68; Proença, 1927, 271; Ribeiro, 1921, 2; Santos, 1942j, 4; 1945a, VIII; Simão, 1953, 4, 5, 8; Vasconcellos, 1918, 129; 1921o, 1, 2; 1927, 264; Vieira, 1911, 53; n/a, 1856, 369; 1932c, 2; 1938e, 1; 1946i, 1; 1966b, 8; 1975b, 84.

111.1. MORGADO DAS CAVALARIAS, CAPELA DES. JOSÉ OUDO (LAGOA)

2. A cerca de 2Kms, a sul, de Lagoa e a poente do Km 9.1 da E.N. 124-1.
3. W 710 167 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Templo, com planta rectangular e portal, de cantaria da região, com verga trilobulada. No interior conserva restos de pinturas florais a fresco. Resistiu ao terramoto de 1755 e as

casas que lhe ficam anexas são ulteriores.

5. Idade Moderna (séc. XVI).
6. Cardoso, 1758, 87, 90; Rosa, 1984b, 4; 1992, 239.

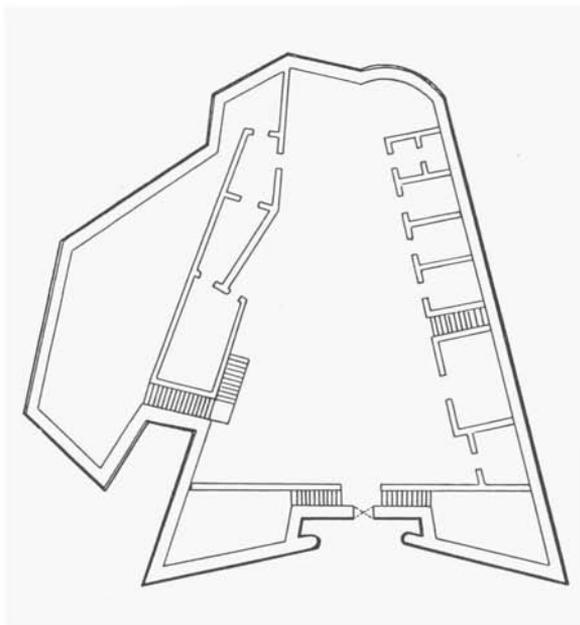


Fig. 42 – Ferragudo. Forte de S. João (RIII/94-9).

Fig. 43 – Ferragudo. Forte de S. João. Planta.



Fig. 44 - Morgado das Cavalarias.  
Capela de S. José (RV/94-12).

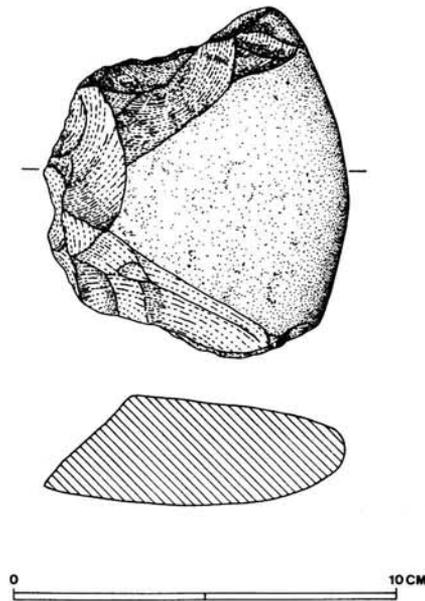


Fig. 45 - Lombos. Seixo afeiçoado.

112.1. MATO PINHEIRO, MENIR DE (LAGOA)

2. A cerca de 1.5Kms, sudeste, de Lagoa, imediatamente a sul do canal de irrigação e perto de um poço.
3. W 724 174 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Monólito, talhado em calcário de cor branca, de que se conserva o volume proximal. Mostra decoração constituída por faixa ondulante, de cordões paralelos, em relevo. Foi depositado no Centro Cultural de S. José, em Lagoa.

Na mesma zona encontrou-se um percutor de quartzito.

5. Neolítico.
6. Lagoa, 1995, 12.

113.1. POÇO PARTIDO, NECRÓPOLE DE (LAGOA)

2. Perto das ruínas de um moinho de vento, a cerca de 500m, nordeste, do Km 1 da E.N. 1273 e a 2Kms, sudeste, de Lagoa.
3. W 723 165 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1: 25.000, 1979).
4. Conjunto de sepulturas, estruturadas por lajes, contendo, ainda, ossos humanos.
5. Período Romano (?).
6. Inédita.

114.1. LOMBOS, JAZIDA DE (LAGOA)

2. Planalto, de areias quaternárias, com 89m de altitude, a cerca de 3Kms, sudeste de Lagoa, a nordeste da Caramujeira, e a 500m, poente, da E.N. 1154.
3. W 743 167 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Recolheram-se, à superfície do terreno, artefactos de pedra lascada, sobre seixos de grauvaque, com talhe de tipo «languedocense» (raspadores, núcleos, percutores), assim como cerâmicas, algumas com decoração plástica (constituída por cordões em relevo, por vezes decorados com impressões), artefactos de pedra polida e elementos de mós manuais. Foram, ainda, descobertos três bétilos, de calcário, com forma subcónica, encontrando-se um deles exposto no Museu Municipal de Arqueologia de Silves.
5. Epipaleolítico e Neolítico Antigo/Médio.
6. Inédita.

115.1. POÇO SANTO, RUÍNAS DE (PORCHES)

2. Zona a cerca de 1.5Kms, sudoeste, de Porches, sobranceira à ribeira do Vale de Engenho.

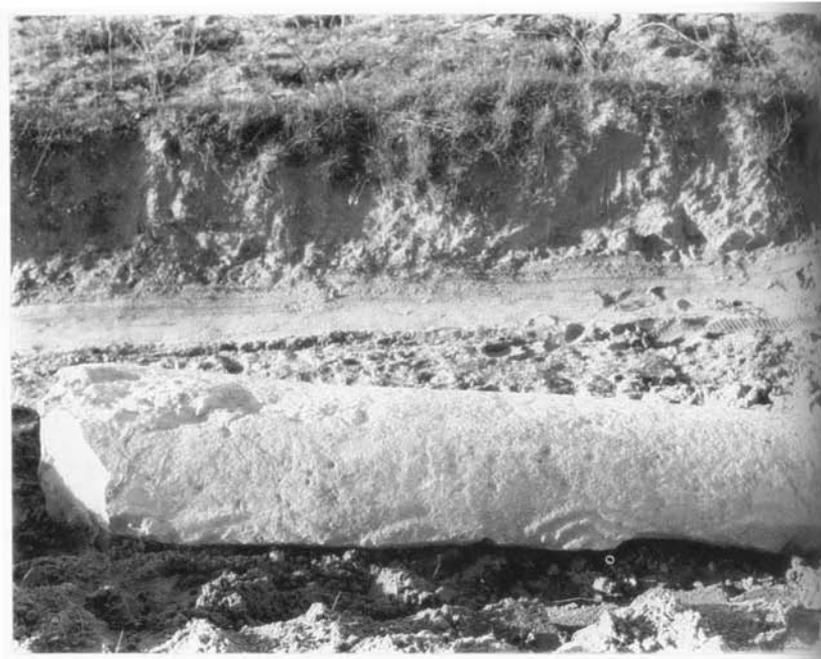
3. W 755 168 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Ruínas, sepulturas e materiais arqueológicos vários.
  5. Idade Média e Idade Moderna.
  6. Inédita.
- 116.1. AREIAS DAS ALMAS, POVOADO E MENIRES DE (PORCHES)
2. Planalto, de areias pliocénicas, com 91m de cota máxima, a cerca de 1Km, sudoeste, de Porches e a poente da E.N. 530.
  3. W 759 169 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Extensa área de habitat, descoberta em 1975 (M.V.G.), onde se recolheram numerosos materiais, líticos e cerâmicos, e se identificaram estruturas de combustão e menires, talhados em calcário, sendo muitos deles decorados. Oferecem diferentes dimensões, desde pequenos monumentos, de aspecto betilóide, a um monólito com 2.10m de altura.

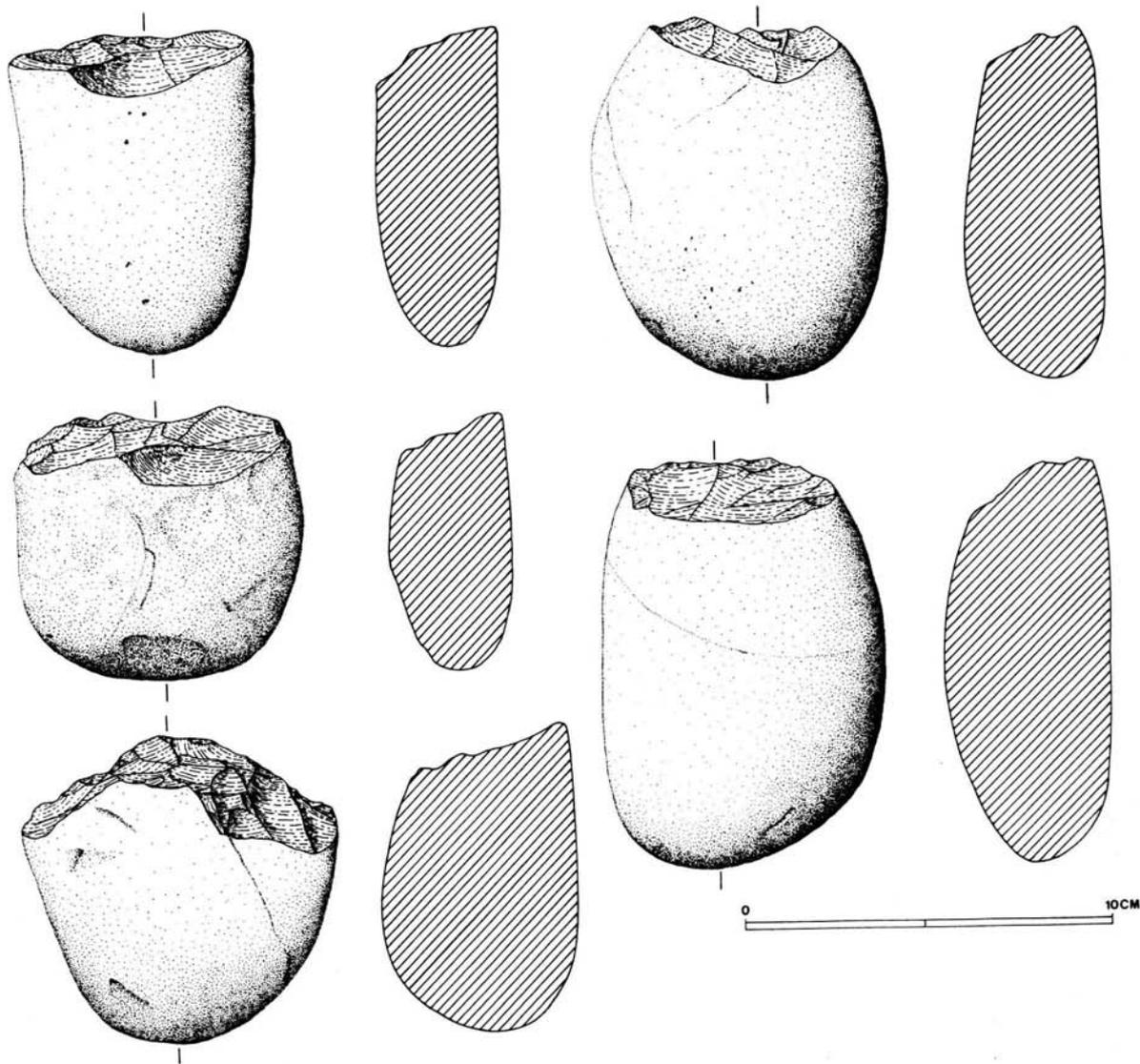
Os materiais líticos remontam ao Paleolítico e atingem o Neolítico Final, enquanto que as cerâmicas demonstram a ocupação deste arqueossítio desde o Neolítico Antigo (impressas, incisas e com decoração plástica) até ao Neolítico Final (taças carenadas e vasos de bordo espessado).

Foram observadas sequências estratigráficas, cujas características gerais são as seguintes: Na base encontra-se um complexo argilo-arenoso, de cor avermelhada, consolidado. Na sua parte superior recolheram-se seixos de quartzo, quartzito e grauvaque, de talhe rudimentar, em geral com arestas boleadas. Sucede-se estrato de areias, menos compactas, de cor castanha

clara, contendo materiais do Neolítico Antigo e Médio. Por fim, a camada mais alta da sequência, representada por areias de cor castanha mais escura e menos compactadas, entregou artefactos do Neolítico Final.

5. Paleolítico, Epipaleolítico e Neolítico.
6. Beirão e Gomes, 1986, 1232; Gomes, 1983, 137; 1983a, 386, 398; 1986; 1989, 247, 248, 266; Gomes e Monteiro, 1979b, 20; Gomes, Monteiro e Serrão, 1976a, 6, 7; 1978, 33, 40; Marques, 1992, 81-83; Monteiro e Gomes, 1979, 355-379; 1981, 79, 80, 84; Vicente e Martins, 1979, 119, 120.





117.1. ARADE 5, NAVIO (FERRAGUDO)

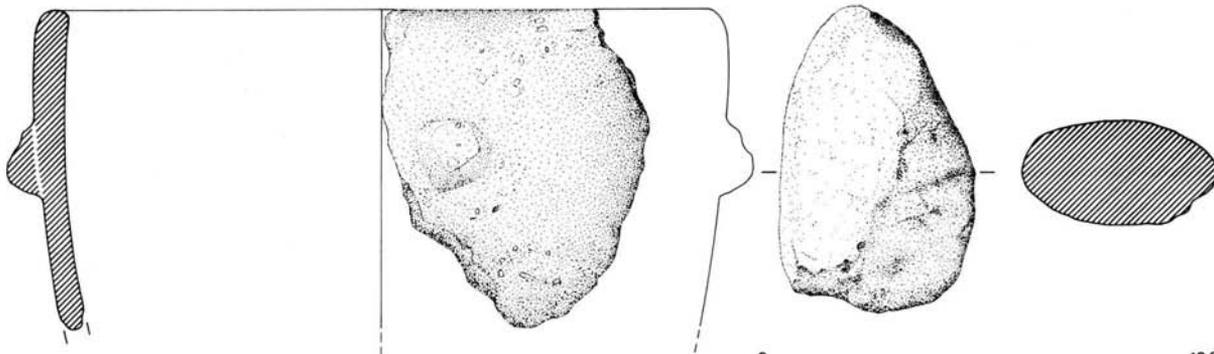
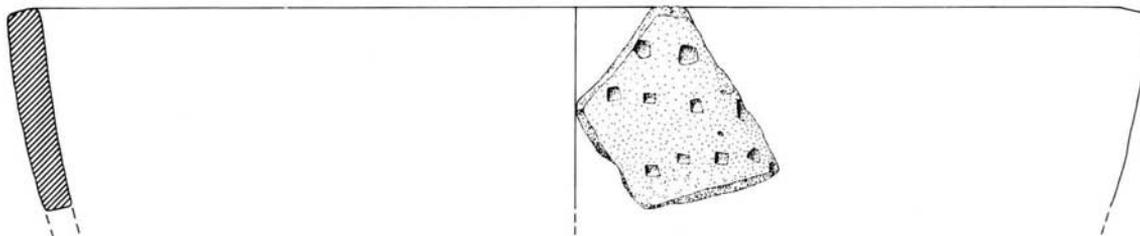
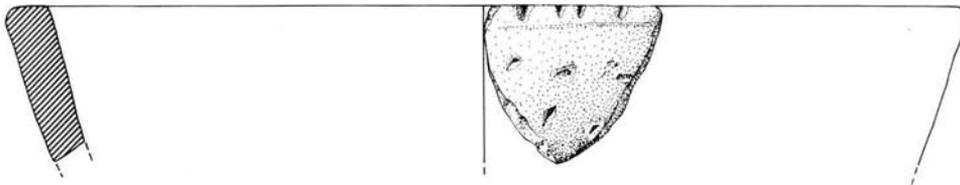
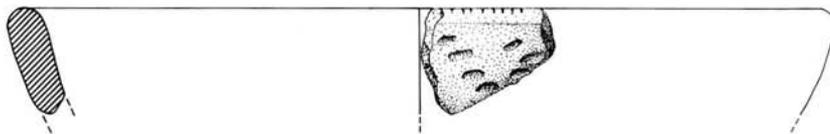
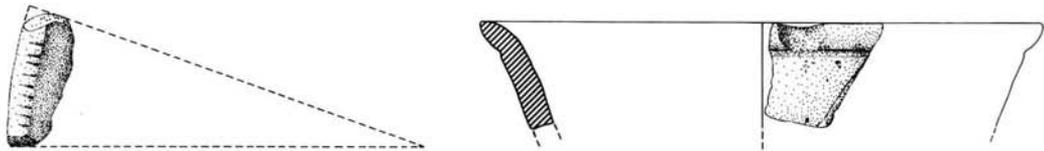
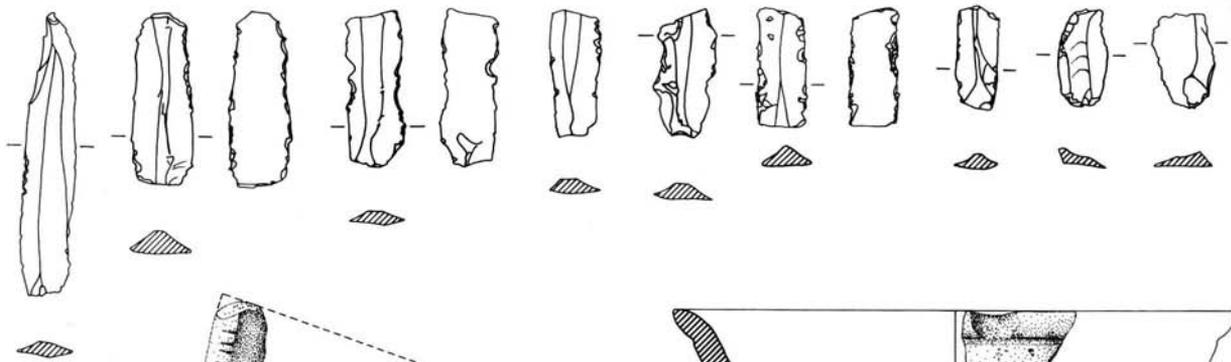
2. A meio do rio Arade, à latitude do forte de Santa Catarina.
3. W 651 167 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Navio, de madeira, cuja tipologia se desconhece, descoberto aquando das dragagens de 1970.
5. Idade Média ou Idade Moderna.
6. Inédito.

118.1. ARADE 4, NAVIO (FERRAGUDO)

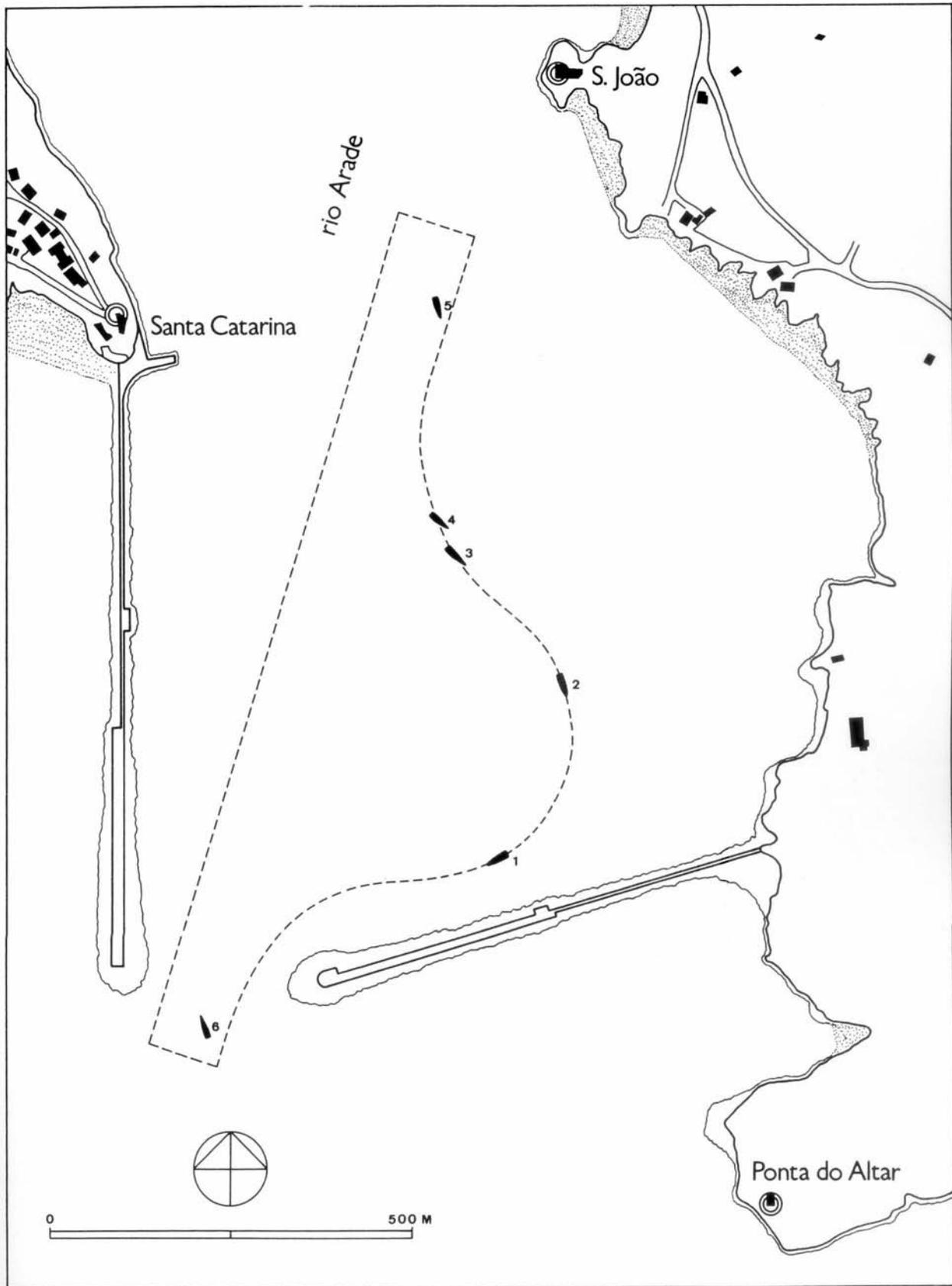
2. A cerca de 60m, norte, do navio Arade 3.
3. W 652 166 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Navio, de madeira, cuja tipologia se desconhece, descoberto aquando das dragagens de 1970.
5. Idade Média ou Idade Moderna.
6. Inédito.

Fig. 46 - Areias das Almas.  
Menir 1 (RXVII/77-28).

Fig. 47 - Areias das Almas.  
Seixos afeixoados.



0 10 CM



1-6 - Areias das Almas.  
 Sítios do Neolítico Antigo.

1-6 - Navios do rio Arade  
 dragados em 1970.

- 119.1. ARADE 3, NAVIO (FERRAGUDO)
2. A cerca de 250m, noroeste, do navio Arade 2.
  3. W 652 165 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Navio, de madeira e de que se desconhece a tipologia, descoberto aquando das dragagens de 1970.
  5. Idade Média ou Idade Moderna.
  6. Inédito.
- 120.1. ARADE 2, NAVIO (FERRAGUDO)
2. Na foz do rio Arade, no interior do molhe, a 400m, sudoeste, da praia Grande.
  3. W 654 164 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Navio, de madeira, com casco de forro trincado, descoberto aquando das dragagens de 1970.
  5. Idade Média ou Idade Moderna.
  6. Matos e Alves, 1987.
- 121.1. MOLHE, CEPO DO (FERRAGUDO)
2. Na foz do Arade, não longe da parte montante do molhe situado a nascente.
  3. W 656 161 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Cepo da âncora, de chumbo, do «tipo com cavilha mediana», medindo cerca de 2m de comprimento e recuperado em 1970.
  5. Período Romano.
  6. Alves, Reiner, Almeida e Veríssimo, 1988-89; 133, 152, 153.
- 122.1. MOLHE, CANHÃO DO (FERRAGUDO)
2. Jazia nas proximidades do arranque do molhe, do lado nascente, da foz do Arade.
  3. W 656 161 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Canhão de bronze, de tipologia desconhecida, recuperado, em 1970, pelo comandante da draga que então operava no local.
5. Idade Moderna.
6. Inédito.
- 123.1. ARADE 1, NAVIO (FERRAGUDO)
2. Na foz do rio Arade, no interior do molhe, 750m, sudoeste, da praia Grande.
  3. W 652 160 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Navio, de madeira, seccionado transversalmente, descoberto em 1970, aquando da dragagem. Uma amostra de madeira foi datada, pelo radicarbono, apresentando intervalo para calibração, a 2 *sigma*, de 1489-1605 cal. D.C. (GrN-7978).
  5. Idade Moderna (sécs XVI-XVII).
  6. Alves, Blot, Kermorvant, Lorin e Matias, 1990; Alves, Soares e Cabral, 1993, 155, 156; Alves, Soares, Cabral, Gomes e Ribeiro, 1994, 410, 413; Matos e Alves, 1987.
- 124.1. ARADE 6, NAVIO (FERRAGUDO)
2. Jazia à entrada da barra do Arade, quase entre as extremidades dos dois molhes.
  3. W 649 158 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Navio, de madeira, cuja tipologia se desconhece, descoberto aquando das dragagens de 1970.
  5. Idade Média ou Idade Moderna.
  6. Inédito.
- 125.1. PONTA DO ALTAR, ATALAIA DA (FERRAGUDO)
2. Na extremidade da falésia, sobre a barra do Arade e a cerca de 2Kms, sul, de Ferragudo.

3. W 655 155 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Restos de torre de vigia, em alvenaria.
5. Idade Moderna.
6. Adragão, 1985, 84; Almeida, 1947, 445, 446; Iria, 1956, 107; Loureiro, 1909, 189; Marques, 1992, 73, 75.

126.1. PONTA DO ALTAR, JAZIDA DA (FERRAGUDO)

2. Restos de depósito plistocénico, muito erodido à superfície, na zona da Ponta do Altar, a cerca de 2Kms, sul,

de Ferragudo. O substrato é constituído por calcários miocénicos.

3. W 658 156 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Recolheram artefactos de pedra lascada, sobre seixos de grauvaque e de quartzo, nomeadamente raspadores, um deles de talhe «languedocense» e outro denticulado, percutores, um fragmento de núcleo e restos de talhe.
5. Epipaleolítico.
6. Ferreira, 1983, 52.

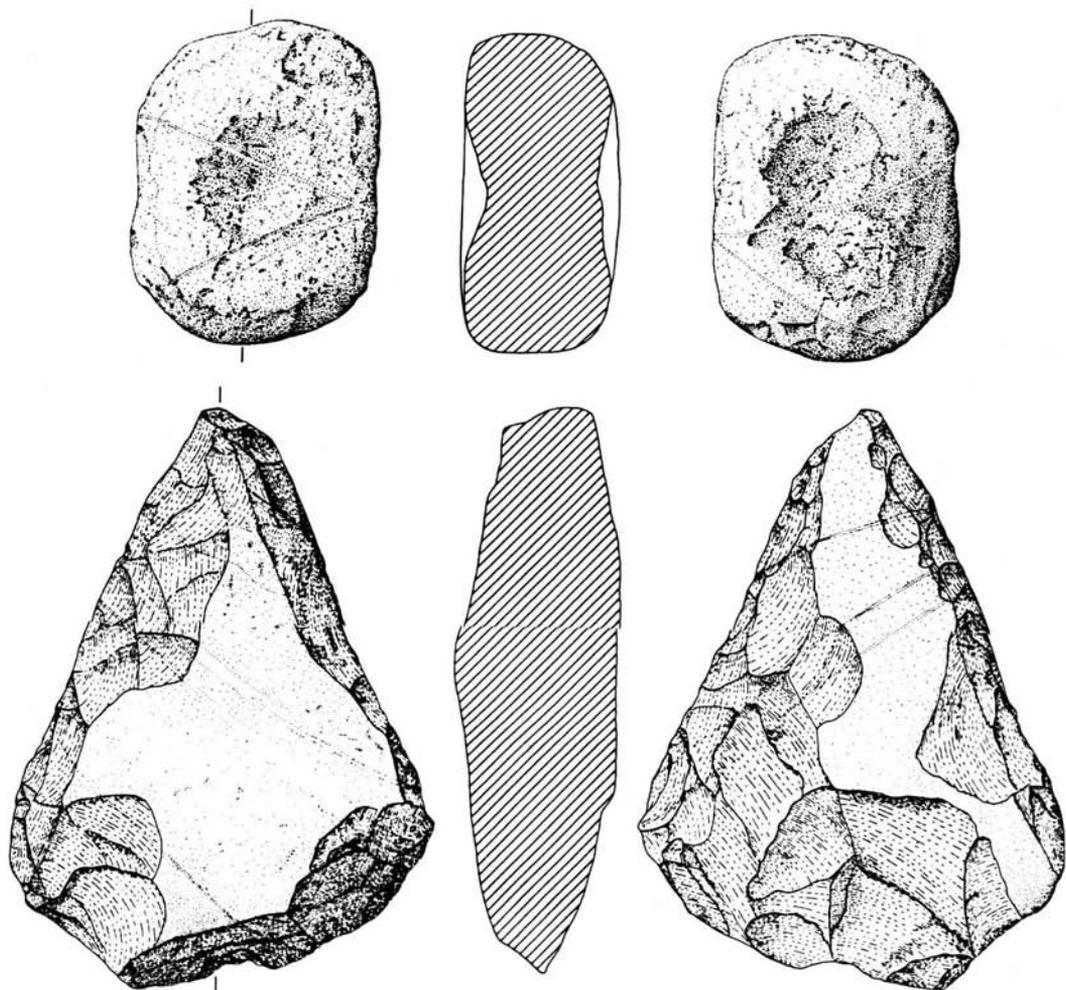
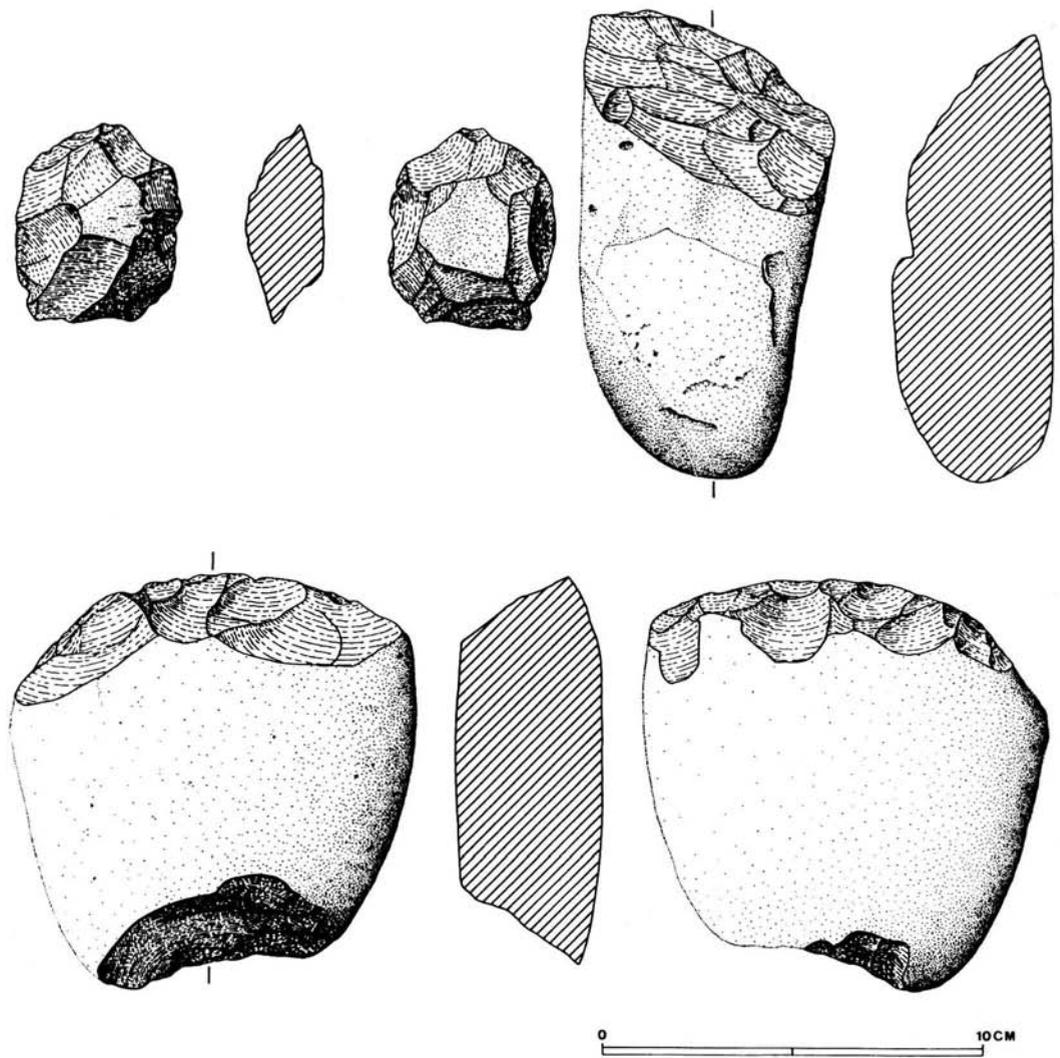


Fig. 50 - Mato Serrão 1.  
Artefactos mirenses.

- 127.1. MATO SERRÃO 1, POVOADO DE (CARVOEIRO)
2. Terrenos de areias soltas, plio-cénicas, a cerca de 3.5Kms, sudoeste, de Lagoa e a 500m, sudeste, do v.g. Pias.
  3. W 693 161 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Reconheceu-se nível, «empedrado», com indústrias de pedra lascada, de tipo «languedocense». Foi encontrada, numa área restrita, a associação integrando um machado «mirense», dois fragmentos de outros, assim como raspadores e percutores, moventes e um núcleo. Predominam os artefactos de grauvaque, embora estejam presentes outros talhados em arenitos grosseiros, quartzito e sienito nefelínico. Nos níveis superiores recolheram-se cerâmicas neolíticas.
  5. Epipaleolítico e Neolítico.
  6. Inédita.
- 128.1. MATO SERRÃO 2, POVOADO DE (CARVOEIRO)
2. Cabeço, com 72m de altitude, de areias soltas, holocénicas, a cerca de 3.5kms, sul-sudoeste, de Lagoa e a 1Km, sudeste, do v.g. Pias.
  3. W 698 158 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Foram encontradas cerâmicas, algumas almagradas, um percutor/movente, um dormente de mó manual e restos de talhe, de sílex e quartzito. Um dos fragmentos de cerâmica pertenceu a grande vaso, com bordo espessado internamente, muito semelhante a outro de Caramujeira.
  5. Neolítico.
  6. Inédita.
- 129.1. CARAMUJEIRA, POVOADO E MENIRES DA (LAGOA)
2. Extenso planalto de areias plio-  
-pliocénicas, com 91m de cota máxima, situado de ambos lados da E.N. 1154, 1Km, norte, do v.g. Caramujeira e a cerca de 4Kms, sudeste, de Lagoa.
  3. W 748 162 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Habitat disperso, descoberto em 1974 por M.V.G. e Jorge Pinho Monteiro, onde se recolheram artefactos paleolíticos e epipaleolíticos (bifaces, raspadores, lascas), assim como do Neolítico Antigo, Médio e Final: cerâmicas, machados e enxós de pedra polida, percutores, mós, lamelas, lâminas, furadores e raspadores de sílex, etc... Os fragmentos de cerâmica oferecem formas e decorações características daquelas três fases do Neolítico. Os mais antigos pertenceram a recipientes com aspecto de saco, exibindo decorações plásticas, incisas ou impressas, destacando-se, entre os mais recentes, as taças carenadas, com fundo hemisférico e as de bordo espessado (Neolítico Final).

Este arqueossítio entregou vinte e cinco menires, muitos deles decorados, de variadas formas e dimensões, desde pequenas peças, betilóides, a outras estelares, até ao espesso bilíto, com 3.50m de altura que se encontra hoje exposto no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Um daqueles monólitos conservava, ainda, raros restos de pintura de cor vermelha.

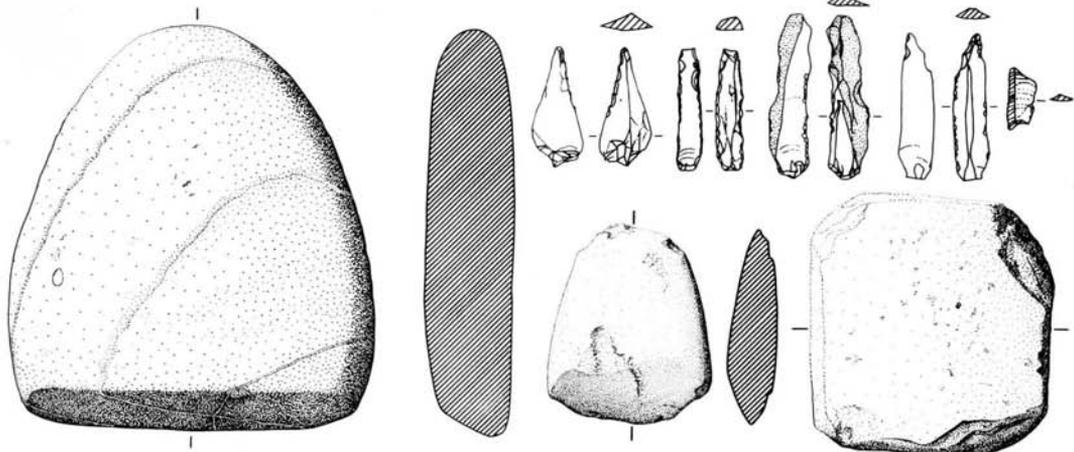
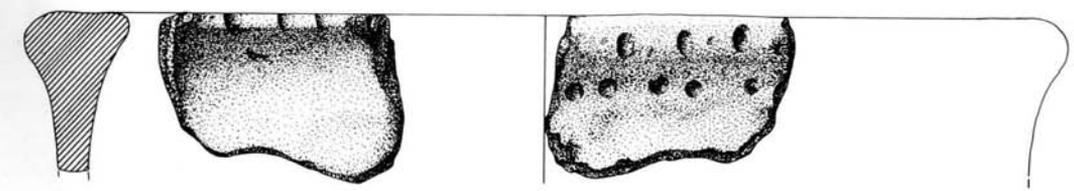
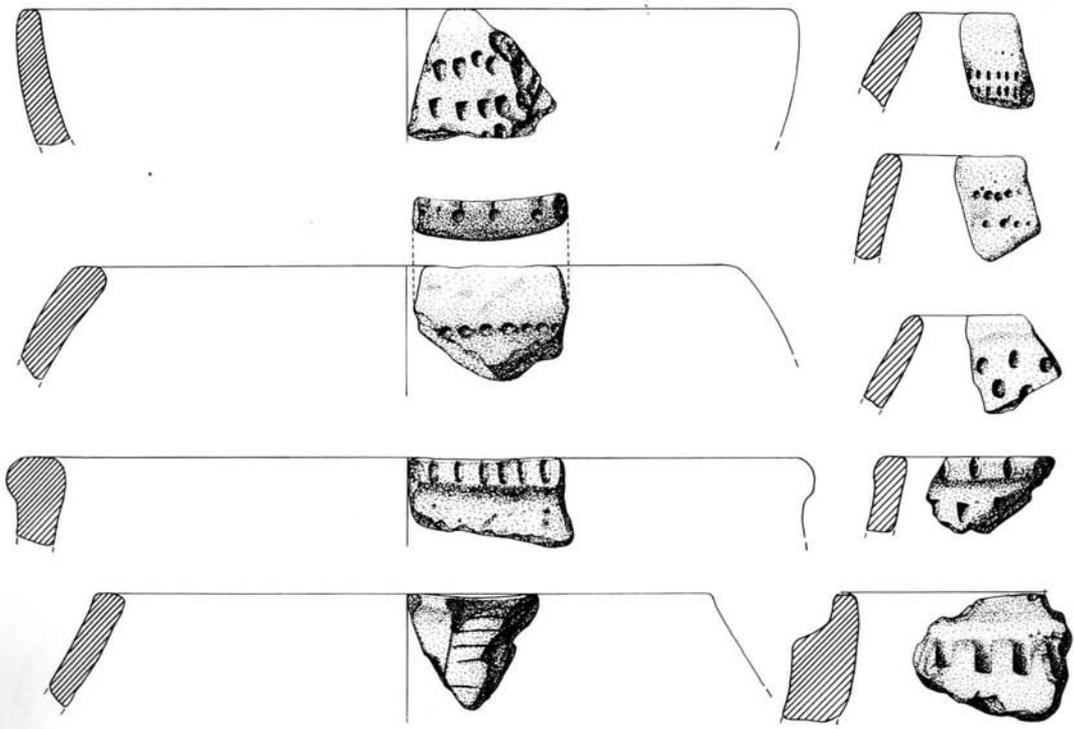
Escavações dirigidas por um de nós (M.V.G.), Jorge Pinho Monteiro e



- Eduardo da Cunha Serrão, em 1975, e apenas pelo primeiro em 1976, ali detectaram níveis estratigráficos, os mais antigos integrando estruturas de combustão, atribuídas ao Neolítico Antigo.
5. Paleolítico, Epipaleolítico, Neolítico Antigo/Médio e Neolítico Final.
  6. Arnaud, 1978, quadro I; Beirão, 1986, 20; Beirão e Gomes, 1986, 1232; Devignes, 1993, 78, 85; 1994, 46-48; Gamito, 1983, 337, 343; Gomes, 1983, 137; 1983a, 386, 388-390, 393, 398; 1989, 246, 248, 251, 254, 266; Gomes e

Monteiro, 1976, 6; 1976a, 7; 1976b, 4; Gomes, Monteiro e Serrão, 1976, 7-24; 1976a, 4-10; 1978, 33-72; Gonçalves, 1981b, 179; Guilaine, 1994, 349; Marques, 1992, 63, 77, 79; Miguel, 1984-85, 160, 161; Monteiro e Gomes, 1979, 355-374; 1981, 80-84; Montjardin, 1987, 109-117; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Silva, Soares e Penalva, 1985, 14; Vicente e Martins, 1979, 119; Vilaça, 1988, 25, 78; Zbyszewski, Ferreira, Sousa, North e Leitão, 1977, 64, 71; n/a, 1976g, 5; 1976k, 1; 1979, 6, 7.

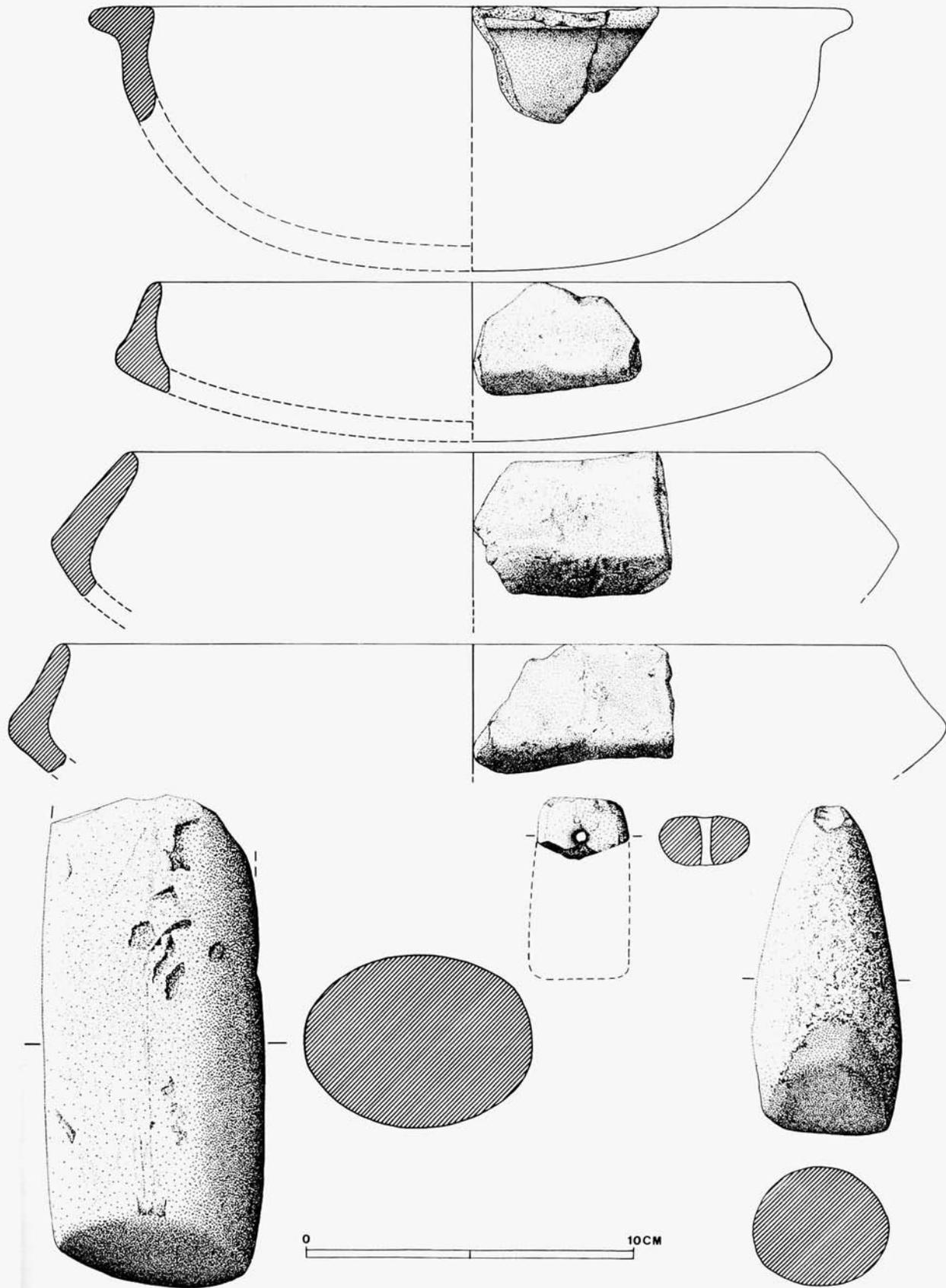
Fig. 51 – Caramujeira. Artefactos líticos lascados.



0 10CM

Fig. 52—Caramujeira. Artefactos do Neolítico Antigo.

Fig. 53—Caramujeira. Artefactos do Neolítico Final.





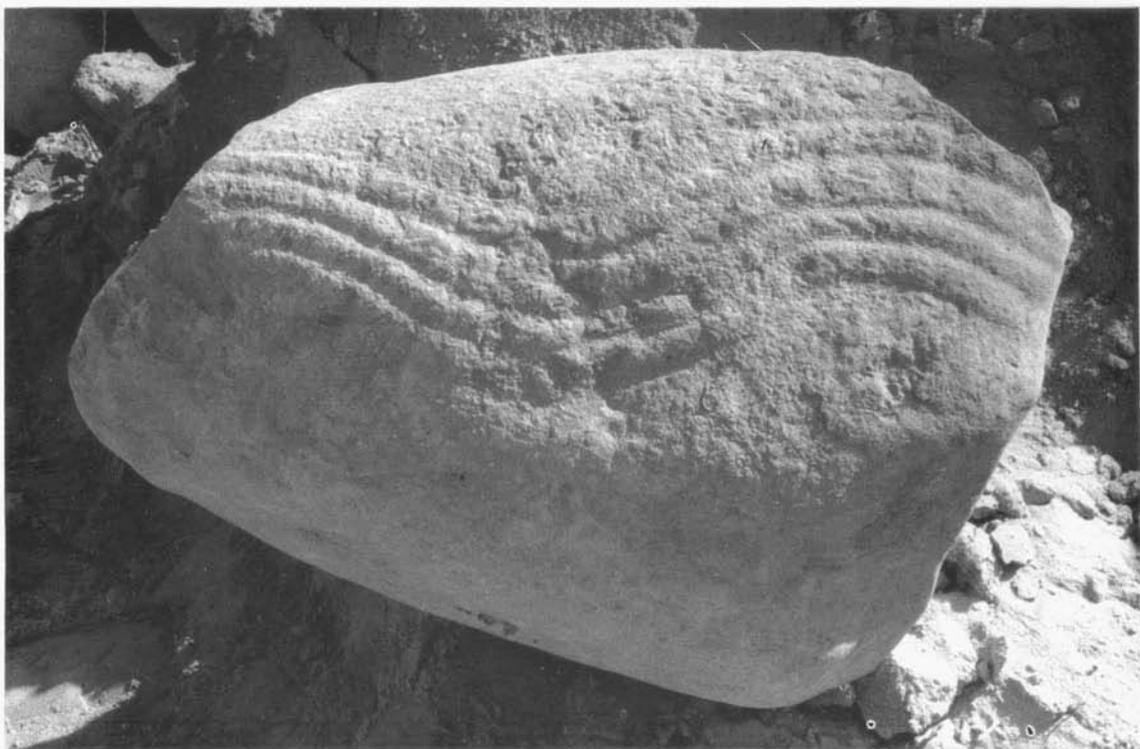
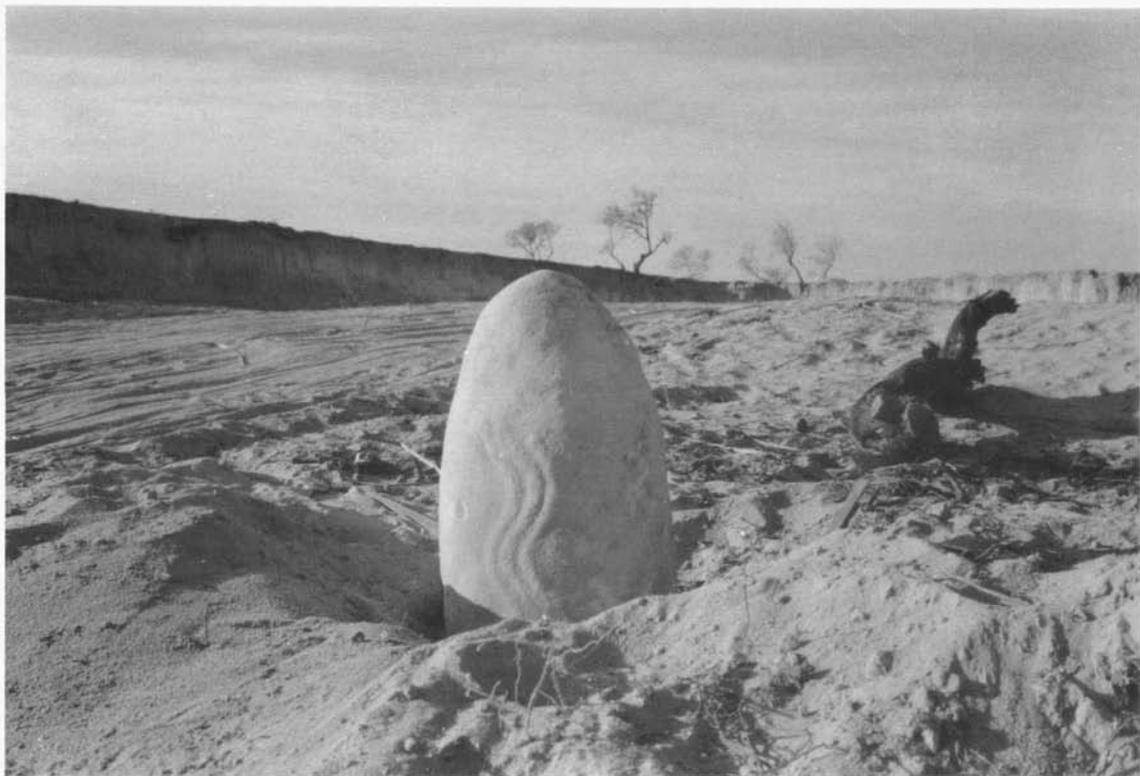


Fig. 54 - Caramujeira. Menir 1  
(III/76-20).

Fig. 55 - Caramujeira. Menir 16  
(XXIII/75-7).

Fig. 56 - Caramujeira. Menir 15  
(XXIV/75-10).

- 130.1. CARAMUJEIRA-SUL, POVOADO DE (LAGOA)
2. Área planáltica, de areias plio-plistocénicas, com encosta suave voltada a sul, a 250m, poente, do Km 2.5 da E.N. 1154 e a cerca de 4.5Kms, sudeste, de Lagoa.
  3. W 752 156 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Reconheceu-se sucessão estratigráfica idêntica à observada em Caramujeira, tendo-se recolhido, na superfície de contacto das areias vermelhas consolidadas, da base, alguns seixos de quartzito, de forma ovóide achatada, bem rolados pelo mar responsável pela acumulação daqueles materiais (cota de 60-75m). Na base da camada seguinte, constituída por areias, pouco compactas e de cor castanha clara, identificaram-se alguns artefactos de grauvaque, de quartzito e de microsienitos, com características «languedocenses». A parte superior daquele estrato ofereceu cerâmicas lisas do Neolítico Antigo e Médio. A camada superficial não entregou materiais característicos.
  5. Paleolítico, Epipaleolítico e Neolítico.
  6. Inédita.
- 131.1. RAMALHEIRO, ALCARIA DO (PORCHES)
2. A cerca de 1.5Kms, sudoeste, de Porches, perto do Poço Santo.
  3. W 757 167 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Restos de ruínas e abundantes fragmentos de cerâmica, designadamente medievais portuguesas.
  5. Idade Média e Idade Moderna.
  6. Mateus, 1973a, 1, 4.
- 132.1. PORCHES VELHO, NECRÓPOLE DE (PORCHES)
2. No local conhecido por Porches Velho, a cerca de 2Kms, sul-sudoeste, de Porches e a 750m, poente, da E.N. 530.
  3. W 761 161 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Sepulturas, de forma trapezoidal, estruturadas por lajes.
  5. Idade do Bronze.
  6. Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, 64; Marques, 1992, 81; Mateus, 1973a, 1, 4; Oliveira, 1912, 19; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Rodrigues, s/d, 234; Santos, 1972, 128; Schubart, 1975, 192; Veiga, 1887, 376, 377; 1891, 97; n/a, 1976k, 1.
- 133.1. PORCHES VELHO, RUÍNAS E ACHADOS DE (PORCHES)
2. A cerca de 2Kms, sul-sudoeste, de Porches e a 750m, poente, da E.N. 530.
  3. W 761 161 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Povoação possivelmente de origem muçulmana. Teve foral outorgado, em 1286, por D. Dinis e confirmado por D. Pedro, mas no reinado de D. Fernando foi integrada no «Termo de Silves», perdendo o título de vila.
- Segundo aquele documento ali já existiam fornos de olaria. No local têm-se encontrado restos de edifícios, sepulturas e objectos variados.
- Recolheram-se, à superfície do terreno, fragmentos de loiça, nomeadamente de pratos e escudelas, esmaltadas de cor branca, de alguidares, vidrados a verde, de painéis e infusas de cerâmica comum, etc..., assim como moedas, uma delas cunhada no reinado de D. Fernando.

5. Período Romano, Idade Média e Idade Moderna.
  6. Adragão, 1985, 152, 153; Alarcão, 1988, 184; Almeida, 1947, 443, 444; Botão, 1990; Cardoso, 1758, 1495; Domingues, 1945, 281; 1960, 344; Guerreiro e Magalhães, 1983, 157; Iria, 1956, 111, 112; Lopes, 1841, 299; Marques, 1992, 81, 82; Oliveira, 1912, 139-143; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Rosa, 1975b, 136; Sousa, 1915, 41; Veiga, 1891, 96; n/a, 1985b, 4; 1987m, 7.
- 134.1. VALE DO OLIVAL, ACHADOS DO (PORCHES)
2. Zona planáltica, de areias plio-plistocénicas e com 58m de cota, sobranceira à margem direita da ribeira de Porches. A cerca de 1Km, este-nordeste, do v.g. Alporchinhos e a 500m, ponte, da E.N. 530-1.
  3. W 781 159 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Encontraram-se numerosos artefactos de pedra polida.
  5. Neolítico.
  6. Gomes, 1958, 89, 90.
- 135.1. PONTE DOS MOUROS, BARRAGEM DA (PORCHES)
2. No vale do Olival ou ribeira de Porches, a cerca de 1Km da sua foz, entre os concelhos de Lagoa e de Silves.
  3. W 785 160 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Restos de paredão, em *opus incertum*, conservando um contraforte do lado da margem direita, onde se encontra melhor conservado. É possível que esta barragem estivesse relacionada com as desaparecidas cetárias da praia de Armação de Pêra.
5. Período Romano.
  6. Canana, 1981, 1, 4; Cardoso, 1990, 91, 92, 98, 99; Gomes, 1958, 89; Marques, 1992, 63, 81, 82; Oliveira, 1898, 237, 238; 1912, 157, 158; Quintela, Cardoso e Mascarenhas, 1988, 21-23, 26, 27.
- 136.1. PONTA DO ALTAR B, NAVIO DA (FERRAGUDO)
2. A poente da Ponta do Altar, frente à praia do Pintadinho, entre seis e nove metros de profundidade.
  3. W 655 155 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
  4. Restos do naufrágio de grande navio, possivelmente de nacionalidade espanhola, descoberto em 1992. Entre o espólio recolhido detectou-se um núcleo de oito canhões de bronze, um outro de ferro e uma âncora daquele mesmo metal.  
Foram, ainda, recuperadas moedas de prata (reais) e de cobre, projecteis de chumbo, fivelas, etc...  
Quase todos os canhões, de bronze, deste conjunto excepcional, em que seis são do «tipo colubrina bastarda» e dois do «tipo camelete», ostentam as armas reais de Espanha, incluindo no seu centro o escudo português. Um deles, datado de 1590, refere Filipe II e um outro, o mais recente, datado de 1606, menciona Filipe III. Três destes canhões têm gravado o nome do conhecido fundidor Fernando de Ballesteros que trabalhou em Lisboa. Desconhecem-se, por ora, tanto o nome desta embarcação como a data precisa do seu afundamento.
  5. Idade Moderna (primeira metade do séc. XVII)
  6. Alves, 1993; 1993a; 1994.

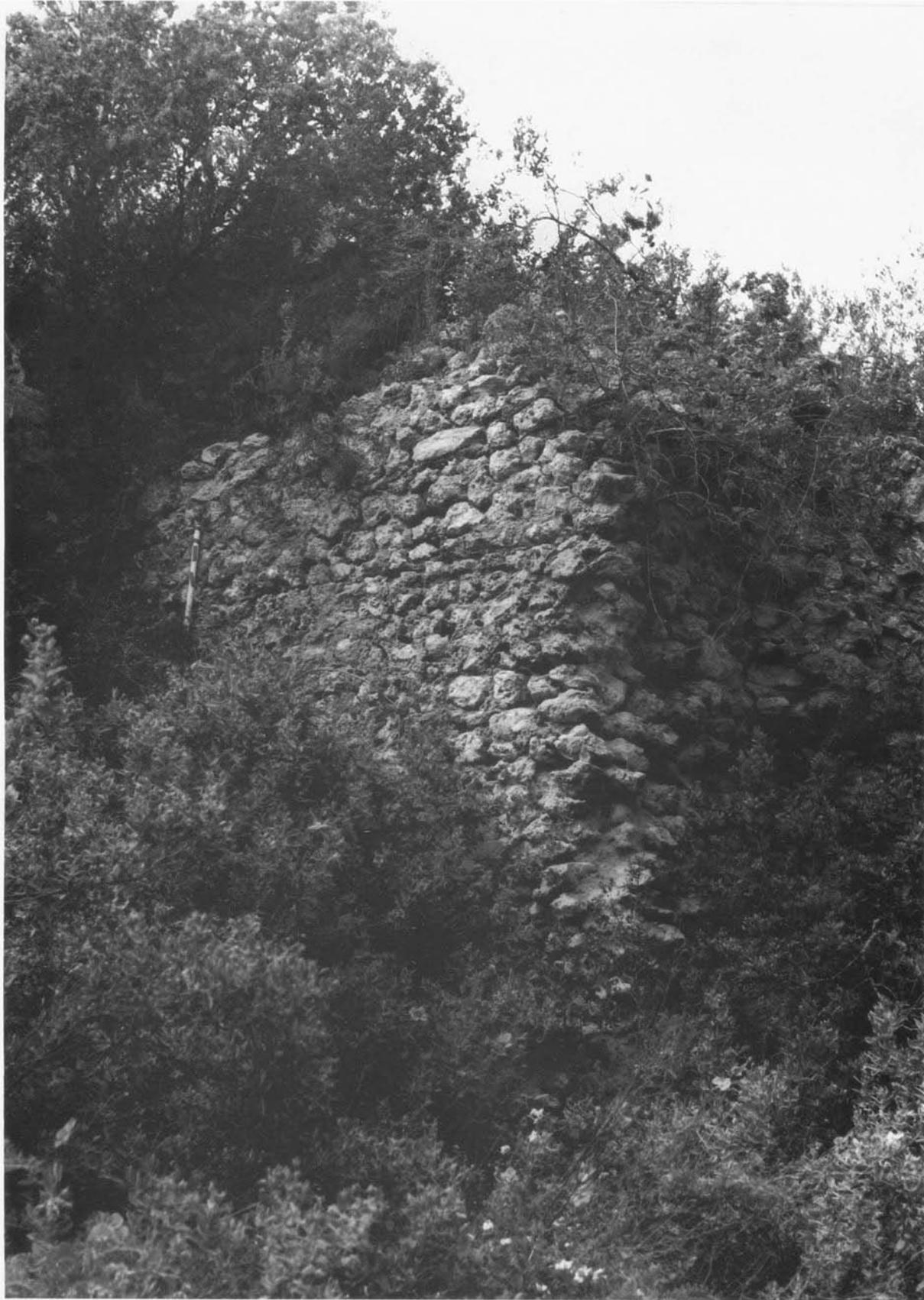


Fig. 57 – Barragem de Pa  
dos Mouros (RIV/94-3).

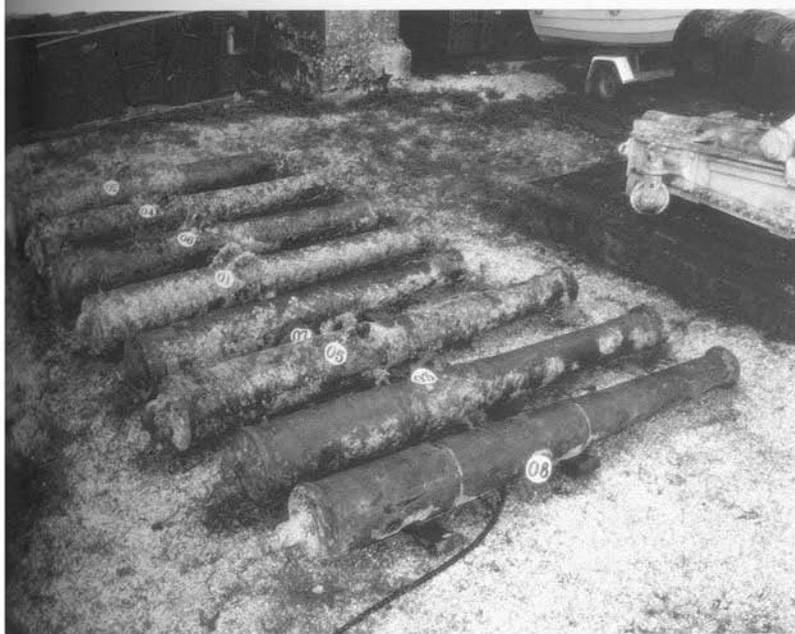


Fig. 58 - Ponta do Altar B.  
Canhões *in situ*.

Fig. 59 - Ponta do Altar B.  
Canhões no Museu Nacional  
de Arqueologia.

137.1. PONTA DO ALTAR A, NAVIO DA  
(FERRAGUDO)

2. A nascente da Ponta do Altar, frente à praia dos Caneiros, perto do Leixão da Gaiivota, entre cinco e dez metros de profundidade.

3. W 658 154 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Conjunto de canhões e balas, de ferro, detectado nos inícios dos anos setenta. Uma das bocas do fogo encontra-se depositada no jardim da Capitania do Porto de Portimão.
5. Idade Moderna (séculos XVII-XVIII).
6. Inédito.

138.1. LAPA, TORRE DA (FERRAGUDO)

2. Na antiga quinta da Torre, sobranceira ao mar, perto do Vale da Lapa. Também conhecida como atalaia da Torre.
3. W 671 152 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Atalaia, em ruínas, com planta circular, medindo 5m de diâmetro na base.
5. Idade Moderna (séc. XVII).
6. Almeida, 1947, 446; Callixto, 1991, 195-197; Iria, 1956, 107; Marques, 1992, 73, 75.

139.1. PRESA DOS MOUROS, BARRAGEM DE (ESTOMBAR)

2. No barranco do Vale da Lapa, a 30m do mar, a cerca de 3Kms, sudeste, de Ferragudo e a 1Km, naquela mesma direcção, do v.g. Boa Nova.
3. W 678 151 (C.M.P., 603, Portimão, esc. 1:25.000, 1978).
4. Barragem, com 3m de espessura média e que teria cerca de 6m de altura. Hoje conserva-se um troço com 5.15m de comprimento.
5. Período Romano.
6. Cardoso e Gomes, 1993-94, 137-144; Oliveira, 1911, 162; Serafim, 1986, 89.

140.1. LAGEAL, JAZIDA DE (CARVOEIRO)

2. Depósito de antiga praia, muito desmantelado, com 43m de altitude, na arriba litoral, a cerca de 5Kms, sudoeste, de Lagoa e a 2Kms, na

mesma direcção, do v.g. Pias. O substrato é constituído por calcários do Miocénico marinho.

3. W 681 150 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Recolheram-se indústrias de pedra lascada, nomeadamente seixos afeiçãoados, de tipo «languedocense», e abundantes restos de talhe.

Predominam as peças de grauvaque, embora se tenham identificado outras de quartzito e de sienito nefelínico.

Os artefactos estão representados por seixos afeiçãoados, de talhe remontante, por um «disco», um raspador, um machado mirenses inteiro e outro fragmentado, etc...

5. Epipaleolítico.
6. Inédita.

#### 141.1. PADRE VICENTE, ALGAR DO (CARVOEIRO)

2. Na falésia litoral, a 4Kms, sudoeste, de Lagoa e a cerca de 2Kms, sul, do v.g. Pias.
3. W 689 148 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Grande cavidade natural, aberta pelo mar.
5. Indeterminada.
6. Inédita.

#### 142.1. PADRE VICENTE, ALCARIA DO (CARVOEIRO)

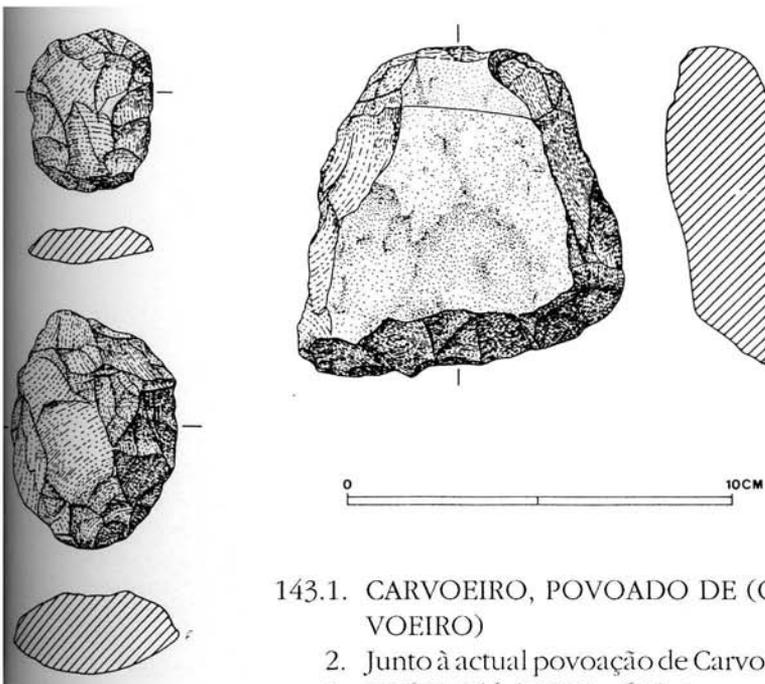
2. A nordeste do algar do Padre Vicente e a 4Kms, sudoeste, de Lagoa.
3. W 690 148 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Recolheram-se, num corte, fragmentos de cerâmicas comuns, assim como de peças vidradas e esmaltadas, de cor castanha e verde, pertencentes a taças e a uma jarra ou panela.



Fig. 60 – Torre da Lapa (RIII/94-1).

Fig. 61 – Barragem de Presa dos Mouros (RV/94-15).

5. Idade Média (sécs XII-XIII).
6. Inédita.



143.1. CARVOEIRO, POVOADO DE (CARVOEIRO)

2. Junto à actual povoação de Carvoeiro.
3. W 699 146 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Possível povoação muçulmana, denominada *Caboiere*, talvez amuralhada.
5. Idade Média (muçulmano).
6. Domingues, 1971, 194, 197; Iria, 1956, 263, 264; Lopes, 1841, 527; 1848, 116.

144.1. SALICOS, JAZIDA DE (CARVOEIRO)

2. Planalto de areias quaternárias, com 86m de altitude, a cerca de 3Kms, sul, de Lagoa, onde se encontra implantado o v.g. Carvoeiro, a poente do Km 2 da E.N. 1273.
3. W 719 153 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Recolheram-se, em cortes e à superfície, artefactos paleolíticos e neolíticos, designadamente lascas, fragmentos de cerâmicas, um elemento dormente de mó e pequeníssima enxó de anfíbolito.
5. Paleolítico e Neolítico.
6. Inédita.

145.1. CRASTOS, JAZIDA DE (PORCHES)

2. Área planáltica, com areias plis-tocénicas, a cerca de 2Kms, sul-sudoeste, de Porches e a 750m, poente, da E.N. 530.
3. W 761 161 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Encontraram-se artefactos líticos lascados (raspadeira nucleiforme sobre seixo de quartzito, raspador sobre lasca de grauvaque, percutor e restos de talhe), assim como de pedra polida.
5. Epipaleolítico e Neolítico.
6. Veiga, 1887, 377, 378.

146.1. CRASTOS, NECRÓPOLE DOS (PORCHES)

2. No sítio dos Crastos a cerca de 1Km, poente, do v.g. Alporchinhos e da E.N. 530.
3. W 767 155 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Necrópole de cistas, com forma sub-quadrangular, constituídas por lages dispostas de cutelo. Nesta zona foi encontrada uma ponta de seta ou de dardo, de cobre, que guarda o Museu Municipal de Arqueologia de Silves.
5. Idade do Bronze.
6. Gamito, 1988, 27; Gomes, 1994, 91; Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, 64; Marques, 1992, 89, 91; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Rodrigues, s/d, 234; Schubart, 1975, 192; Veiga, 1891, 99.

147.1. QUINTA DOS MOCHOS, FURNA DA (PORCHES)

2. Sobre a ribeira de Vale de Engenho, a cerca de 1Km, oeste-sudoeste, do v.g. Alporchinhos.
3. W 764 151 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).

Fig. 62 - Lagedal. Artefactos lascados.

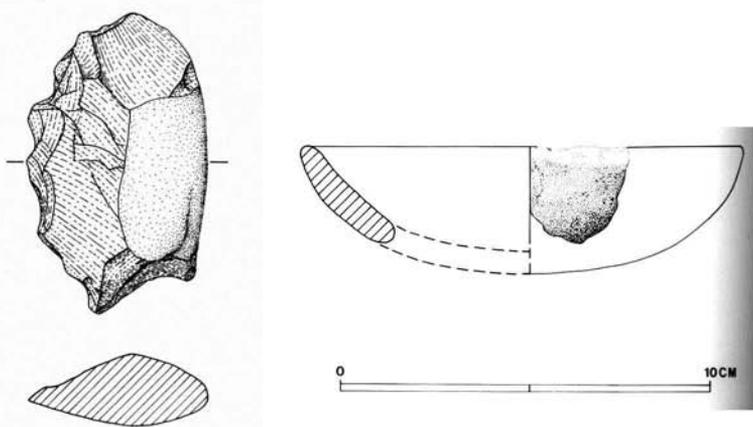
4. Encontrada aquando da abertura de uma cisterna. Desenvolve-se no sentido da praia do Barranco.
5. Indeterminada.
6. Oliveira, 1912, 118; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31.

#### 148.1. ALPORCHINHOS, JAZIDA DE (PORCHES)

2. Encosta planáltica, voltada a sul, de areias quaternárias, com 62m de altitude, a cerca de 2.5Kms, sul-sudeste, de Porches e a 250m, poente, do v.g. Alporchinhos, junto à E.N. 530.
3. W 772 152 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Reconheceu-se sequência estratigráfica, constituída por complexo argilo-arenoso, consolidado e de cor vermelha, coberto por nível de areias soltas de cor amarela esbranquiçada. No seio destas identificaram-se três estruturas de combustão, denunciadas por manchas carbonosas, de planta subcircular ou oval e secção lenticular, sendo uma delas estruturada por pequenas pedras de calcário. A disposição daquelas estruturas sugere povoamento disperso.

A parte superior do depósito era constituída por areias soltas, de cor castanha clara.

À superfície do terreno recolheu-se um raspador denticulado, sobre seixo de xisto silicioso muito fino, restos de talhe de grauvaque e de sílex, assim como diversos fragmentos de cerâmica neolítica, entre os quais um pertencente a taça sub-hemisférica, contendo porção do bordo. Também ali foram recolhidos machados e enxós de pedra picotada/polida e um formão de arado, com



1.07m de comprimento, que guarda o Museu Nacional de Arqueologia.

5. Epipaleolítico e Neolítico.
6. C., 1913, 159; Veiga, 1891, 97-99.

#### 149.1. PRAIA NOVA, JAZIDA DA (PORCHES)

2. Resto de terraço quaternário sobre a praia Nova, a poente do forte e ermida de Nossa Senhora da Rocha.

Fig. 63 - Alporchinhos. Estrutura de combustão (RV/94-19).

Fig. 64 - Alporchinhos. Seito afeiçoado e cerâmica.

3. W 772 145 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Recolheram-se, à superfície do solo, indústrias de pedra lascada, em grauvaque, sobretudo lascas, com bolbo e restos da superfície cortical.
  5. Epipaleolítico.
  6. Inédita.
- 150.1. PORCHES, CASTELO DE (PORCHES)
2. Tem sido identificado com os restos de uma estrutura, de planta quadrangular, construída em taipa e hoje quase desaparecida, situada imediatamente a noroeste da ponta da Senhora da Rocha.
  3. W 773 146 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Fortificação, doada, em 1250, a Estevam Annes, chanceler de D. Afonso III (*Castrum Porches*). Com a morte daquele regressou à Coroa.
  5. Idade Média (muçulmana e portuguesa).
  6. Aavv, 1976, 447; Adragão, 1985, 86; Cardoso, 1758, 1496; Botão, 1990; 1992, 85; Callixto, 1991, 17, 18; Gouveia, 1928, 3, 10; Iria, 1956, 101, 103, 110-113, 157, 210, 213, 264, 271, 294, 295, 301, 311, 411; Marques, 1987, 115, 116; 1992, 81, 82; Oliveira, 1912, 50, 55, 56, 72, 83, 85, 139-143; Ramos, Ribeiro e Peres, 1929, 254, 255; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Rosa, 1966a, 1, 2; 1992, 221; 1975b, 136; 1990, 70; Veiga, 1887, 377; n/a, 1987m, 7.
- 151.1. NOSSA SENHORA DA ROCHA, FURNA DE (PORCHES)
2. A norte da fortaleza e ermida de Nossa Senhora da Rocha. Aberta nos calcários miocénicos.
3. W 774 145 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Oferece forma subcircular e ali perto encontrou Estácio da Veiga três machados de pedra polida.
  5. Neolítico.
  6. Machado e Machado, 1948, 454; Oliveira, 1912, 15; Rocha, Marques, Antunes e Pais, 1989, 31; Rosa, 1966a, 1, 2; 1970, 94; 1992, 221; Veiga, 1886, 68, 69, 378; Viana, 1939w, 1, 2.
- 152.1. FURNA DA COVA REDONDA (PORCHES)
2. Junto à praia da Cova Redonda, a cerca de 750m, nascente, da ponta da Sr<sup>a</sup> da Rocha.
  3. W 781 147 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural.
  5. Indeterminada.
  6. Adragão, 1985, 87.
- 153.1. ARMAÇÃO DE PÊRA, JAZIDA DE (PORCHES)
2. Depósito plistocénico e holocénico, com 24m de altitude, sobranceiro ao lado poente da praia de Armação de Pêra, 100m, sul, da E.N. 530-1.
  3. W 789 151 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Reconheceu-se sequência estratigráfica constituída, na base, por complexo argilo-arenoso, consolidado e de cor vermelha, contendo artefactos sobre seixos, de quartzito ou de quartzo, com forma ovóide achatada, muito rolados após o talhe. Sucede-se nível de areias claras e menos compactas, embalando escassos restos de talhe, de quartzito, com pátina eólica. Por fim, um nível de areias soltas, de cor castanha,

ofereceu um «gomo de laranja», de grauvaque, um raspador, simples rectilíneo sobre lasca de quartzito, e uma ponta com retoque inverso, sobre lasca de sílex. Este último nível é atribuível ao Epipaleolítico.

5. Paleolítico e Epipaleolítico.
6. Inédita.

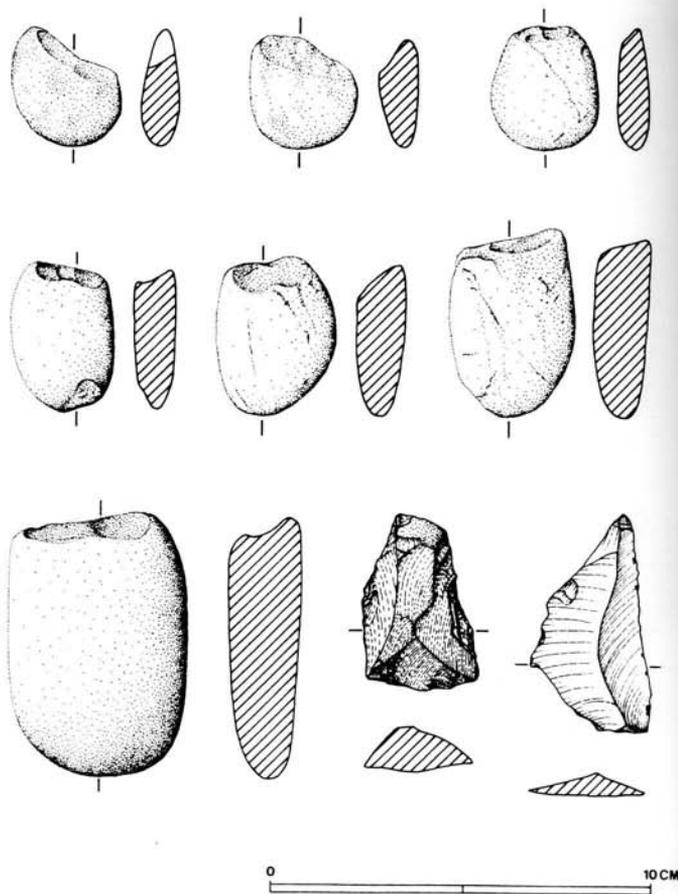
154.1. CARVOEIRO, CANHÃO DE (CARVOEIRO)

2. Recolhido a poente da praia de Carvoeiro, não longe de terra.
3. W 698 144 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Pequeno canhão, de ferro, hoje integrado em um muro no largo da Praia, no Carvoeiro.
5. Idade Moderna.
6. Inédito.

155.1. CARVOEIRO, FATEIXAS DE (CARVOEIRO)

2. A cerca de 120m, sudoeste, do promontório onde se erguem o forte e a ermida de Nossa Senhora da Encarnação.
3. W 699 142 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Duas fateixas, de ferro, com quatro garras cravadas, descobertas em 1978. A maior, mantinha restos de corda enrolada, o que possibilitou a sua datação radiocarbónica no século XIII D.C. (ICEN-321). Esta encontra-se exposta no Museu Municipal de Arqueologia de Silves.
5. Idade Média (séc. XIII).
6. Alves, Soares, Cabral, Gomes e Ribeiro, 1994, 409, 410, ests IX, X.

156.1. CARVOEIRO, FORTÊ E ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO OU DE (CARVOEIRO)



2. Na arriba sobranceira ao lado nascente da praia de Carvoeiro, a sul de E.N. 530 e a cerca de 5Kms, sul-sudoeste, de Lagoa.
3. W 700 143 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Fortificação, abaluartada e de planta poligonal, mandada edificar por Nuno de Mendonça, capitão-general do Reino do Algarve, em 1670-75.

Destruída pelo terramoto de 1755 foi reedificada em 1796, tendo sofrido novas obras de recuperação, em 1840, e encontrando-se desactivada em 1861. Além da capela, do paiol, e de outras instalações, possuía uma cisterna.

Fig. 65 - Armação de Pêra. Lascas e seixos afeiçãoados.

No século XVIII a capela era abobadada e o telhado oferecia forma piramidal, com oito lados.

Guarda imagem policroma, de Nossa Senhora, do século XVII.

5. Idade Moderna e Idade Contemporânea (séculos XVII-XIX).
6. Adragão, 1985, 151; Almeida, 1947, 444; Callixto, 1989, 216; 1991, 77-102; Cardoso, 1975, 90; Dias, 1902, 41; Júdice, 1929b, 3; Iria, 1956, 109; Lameira, 1992, 15-19; Leal, 1873, 123; Linha, 1984, 4, 8; Valadares, 1958b, 1; 1958i, 1, 2; n/a, 1948a, 1.

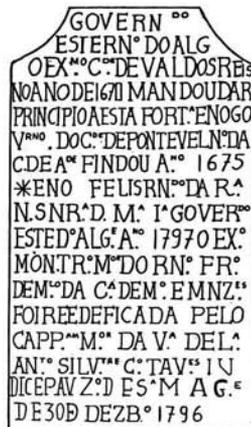
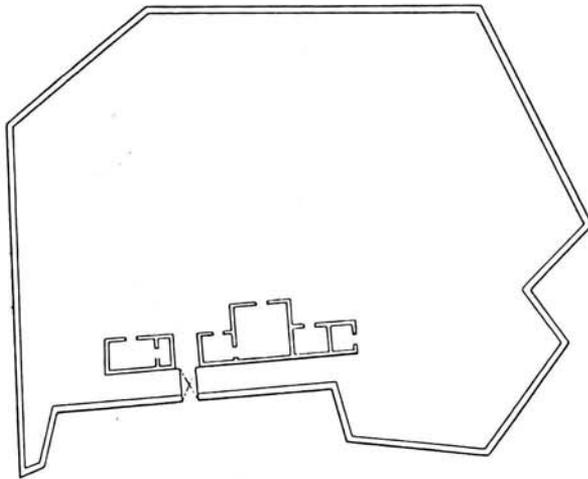


Fig. 66 - Carvoeiro. Forte de Nossa Senhora da Encarnação. Planta e lápide.

#### 157.1. CARVOEIRO, JAZIDA DE (CARVOEIRO)

2. Resto de praia plistocénica, muito erodida, nas falésias litorais, entre o forte de Carvoeiro e o Algar Sêco, a cerca de 5Kms, sul-sudoeste, de Lagoa.
3. W 702 143 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Recolheram-se, à superfície do terreno, artefactos de pedra lascada, de tipo «languedocense», e resíduos de talhe. Foram utilizados, como matérias-primas, o grauvaque e o microsienito.
5. Epipaleolítico.
6. Inédita.

#### 158.1. ALGAR SÊCO (CARVOEIRO)

2. Na falésia, a cerca de 1Km, sueste, da povoação de Carvoeiro. Aberto no substrato calcário do Miocénico.
3. W 704 142 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Cavidade natural.
5. Indeterminada.
6. Adragão, 1985, 152; Linha, 1984, 4, 8; Machado e Machado, 1945, 215; 1948, 454.

#### 159.1. FURNA DE VALE COVO (CARVOEIRO)

2. Na falésia litoral, a poente do barranco de Vale Covo (Vale-de-Côve), e a cerca de 1Km, este-sudeste, de Carvoeiro. Aberta nos calcários do Miocénico.
3. W 711 141 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Cavidade natural.
5. Indeterminada.
6. Machado e Machado, 1945, 215; 1948, 454.

- 160.1. VALE DE CENTIANES, JAZIDA DE (CARVOEIRO)
2. Numa elevação com 73m de altitude, 500m, poente, do Km 3 da E.N. 1273 e a 4.5Kms, sul-sudeste, de Lagoa.
  3. W 724 143 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Recolheram-se, em cortes e à superfície do terreno, assente em nível de areias argilo-arenosas de cor vermelha, artefactos sobre seixo, de forma ovóide achatada, de «estilo microlusitaniano», e muito rolados pelo mar responsável pela acumulação do depósito. Encontrou--se, ainda, num nível superior, pequeno seixo, de grauvaque, afeiçoado em ponta.
  5. Paleolítico e Epipaleolítico.
  6. Inédita.
- 161.1. AREIAS DE ALFANZINA, POVOADO DE (CARVOEIRO)
2. Planalto de areias plio-pleistocénicas, com 83m de cota máxima, a cerca de 750m, sudeste, do v.g. Carvoeiro e a poente do Km 2.5 da E.N. 1273.
  3. W 727 146 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Habitat, descoberto em 1975 (M.V.G.). Ali recolhemos cerâmicas, artefactos de pedra polida, percutores e o elemento dormente de uma mó, em calcário conquífero.
  5. Neolítico.
  6. Gomes, 1989, 248; Gomes e Monteiro, 1979, 20; Gomes, Monteiro e Serrão, 1978, 38, 39, 68; Marques, 1992, 85, 86.
- 162.1. MONTE DA FAZENDA, JAZIDA DO (LAGOA)
2. Planalto de areias quaternárias, com 65m de altitude, a cerca de 5Kms, sudeste, de Lagoa e a 500m, sudoeste, do v.g. Vale d'El-Rei.
  3. W 744 145 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Reconheceram-se dois níveis arqueológicos. O mais antigo entregou artefactos, de grauvaque, com talhe de tipo «languedocense», e, o mais recente, fragmentos de cerâmicas neolíticas, uma lasca laminar, de sílex, assim como pequeno núcleo da mesma rocha.
  5. Epipaleolítico e Neolítico.
  6. Inédita.
- 163.1. ALGAR RAIVOSO (LAGOA)
2. A poente da praia da Marinha.
  3. W 748 137 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural.
  5. Indeterminada.
  6. Machado e Machado, 1945, 215; 1948, 454; Viana, 1938, 238.
- 164.1. MARINHA, JAZIDA DA (LAGOA)
2. Resto do depósito de praia plio-pleistocénica, muito erodido, com 38m de altitude, na arriba litoral, a cerca de 6Kms, sudeste, de Lagoa e a 1.5Kms, sul, do v.g. Caramujeira.
  3. W 750 138 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Recolheram-se indústrias de pedra lascada, de tipo «languedocense», além de abundantes restos de talhe. Encontraram-se raspadores sobre seixo, núcleos, percutores e lascas retocadas ou com sinais de utilização. As matérias-primas empregues, foram o grauvaque, o sienito, o micro-sienito e o sílex.
  5. Epipaleolítico.
  6. Inédita.

- 165.1. FURNA DA MALHADA DO BARAÇO (LAGOA)
2. Na arriba litoral, a cerca de 500m, nascente, da praia da Marinha.
  3. W 756 138 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural, com nascente de água doce.
  5. Indeterminada.
  6. Inédita.
- 166.1. ALBANDEIRA, JAZIDA DE (PORCHES)
2. Restos de praia plistocénica, na arriba litoral, a nascente da Praia de Albandeira, e a cerca de 2Kms, sudeste, do v.g. Caramujeira.
  3. W 763 139 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Recolheram-se artefactos de pedra lascada, de tipo «languedocense», predominando os seixos afeiçoados, de grauvaque (raspadores e núcleos). Descobriram-se, ainda, numerosas lascas de talhe e descorticagem, de grauvaque, e outras, raras, de sílex, das quais uma transformada em raspador.
  5. Epipaleolítico.
  6. Inédita.
- 167.1. FURNAS DOS PENTES OU DAS GRALHAS (PORCHES)
2. Cerca de 250m, nascente, da praia de Albandeira.
  3. W 765 138 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Duas cavidades naturais.
  5. Indeterminada.
  6. Machado e Machado, 1945, 215; 1948, 454.
- 168.1. FURNA DAS POMBAS, BURACO DA AVÓ OU (PORCHES)
2. A cerca de 250m, poente, do Pontal.
3. W 767 141 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Cavidade natural.
  5. Indeterminada.
  6. Bello, 1960, 2, 6.
- 169.1. FURNA DOS FRADINHOS (PORCHES)
2. Entre a praia do Barranco e o Pontal.
  3. W 771 141 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural.
  5. Indeterminada.
  6. Machado e Machado, 1945, 216; 1948, 454.
- 170.1. FURNA DO PONTAL (PORCHES)
2. Na falésia litoral, a 500m, sudoeste, da ponta da Senhora da Rocha e a cerca de 3.5Kms, sul, da povoação de Porches.
  3. W 770 143 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural, sub-hemisférica, aberta nos calcários do Miocénico.
  5. Indeterminada.
  6. Adragão, 1985, 87; Machado e Machado, 1945, 215; 1948, 454; Passos, 1967, 10; Viana, 1938, 238.
- 171.1. PRAIA DO BARRANCO, FURNAS DA (PORCHES)
2. Nas falésias litorais, a cerca de 4Kms, sul-sudoeste, do v.g. Alporchinhos, aberta nos calcários miocénicos.
  3. W 770 145 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidades subterrâneas, junto à praia.
  5. Indeterminada.
  6. Viana, 1939w, 1, 2.
- 172.1. PRAIA NOVA, FURNAS DA (PORCHES)
2. Na praia Nova, a poente do forte e ermida de Nossa Senhora da Rocha.

3. W 772 148 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Duas cavidades naturais junto à praia.
5. Indeterminada.
6. Viana, 1939w, 1, 2.

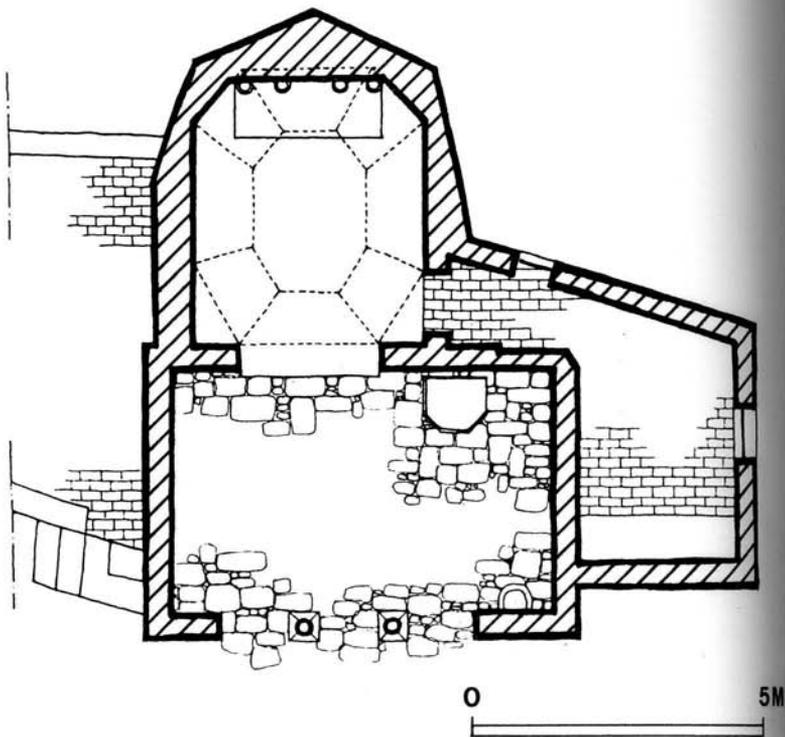
173.1. FURNAS DA PONTA DA ADEGA (PORCHES)

2. Na ponta da Adega, a cerca de 250m, nascente, da ponta de Nossa Senhora da Rocha.
3. W 777 145 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Cavidades naturais, denominadas por Furnas, Escaleirinhas e Algarinhos.
5. Indeterminada.
6. Adragão, 1985, 87; Viana, 1939w, 1, 2.

174.1. NOSSA SENHORA DA ROCHA, FORTE E ERMIDA DE (PORCHES)

2. Na extremidade da ponta da Senhora da Rocha, a cerca de 3.5Kms, sul-sudeste, de Porches, onde se encontra o v.g. Rocha.
3. W 774 145 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Restos de fortificação já existente em 1592, provida no século XVII (1606-1614) de muralha abaluartada e cisterna, defendida por poço e ponte levadiça, reparada em 1654. No seu interior conserva-se a ermida de Nossa Senhora da Rocha documentada, pelo menos, desde o século XVI. Esta oferece planta rectangular com cobertura de cúpula octogonal e galilé, com três arcos, sustentados por duas colunas encapiteladas, onde foi incorporado elemento visigótico.

Guarda retábulo, de talha policroma e dourada, do séc. XIX, a imagem da padroeira, de madeira, do século XVI, assim como ex-votos dos finais do século XIX. A pia de água benta





67 - Nossa Senhora da  
Graça. Ermida (RXVI/94-29).

68 - Nossa Senhora da  
Graça. Planta da ermida.

69 - Nossa Senhora da  
Graça. Entrada da galilé  
(I/94-25).

reutiliza um capitel medieval. Ali se realizava uma romaria, no primeiro Domingo de Agosto.

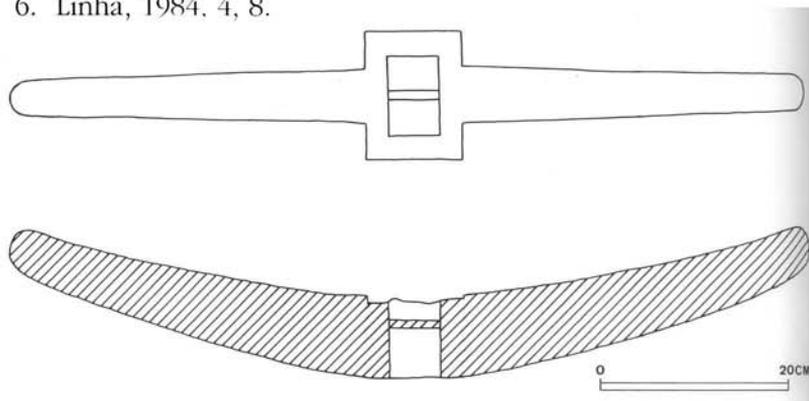
As peças de artilharia foram retiradas em 1840.

É, desde 1963, Imóvel de Interesse Público (dec. nº 45.327/63).

5. Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.
  6. Aavv, 1976, 447; Adragão, 1985, 86; Alarcão, 1988, 184; Almeida, 1947, 445; 1966-67, 233, 234; Callixto, 1979, 153; 1989, 216; 1991, 19-76; Campos, 1970, 23; Cardoso, 1758, 1495, 1496; Castela, 1950, 22, 23; Chaby, 1869, 300; Dias, 1902, 47; Guedes, 1988, 128; Guerreiro e Magalhães, 1983, 157; Iria, 1956, 112, 113; 1973, 14-18; Lameira, 1982, 268-271; Leal, 1873f, 204; 1873h, 379, 384; Linha, 1984, 4, 8; Lopes, 1841, 298; 1993, 15; Magalhães, 1988, 84; Marques, 1992, 89, 91; Mateus, 1973, 10; Nunes, 1955b, 1, 4; Oliveira, 1892, 2; 1898, 237; 1912, 71, 72, 83-85, 124-136; Pimentel, 1899, 177, 469; Pinto, 1984, 57; Proença, 1927, 263, 270; Reis, 1967, 514; Rocha, Marques, Antunes e Faria, 1989, 31; Rosa, 1978k, 8; 1990, 70; Santa Maria, 1718, 458, 459; Santos, 1937g, 2; 1942i, 3; 1971, 139, 140; Sousa, 1915, 41; Valadares, 1958, 1, 2; 1958b, 1, 3; 1958h, 1, 2; Veiga, 1887, 378; n/a, 1898g, 390; 1963b, 1; 1967d, 1, 4; 1975b, 84; 1987m, 7.
- 175.1. CARVOEIRO, CEPO DE (CARVOEIRO)
    2. Ao largo, a cerca de 1500m, sudoeste, da praia de Carvoeiro e a 23m de profundidade, perto do emissário submarino.
    3. W 690 135 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).

4. Cepo de âncora, de chumbo, do «tipo com cavilha mediana», medindo 0.90m de comprimento e descoberto em Abril de 1993. Encontra-se no Portisub-Clube Subaquático de Portimão.
5. Período Romano.
6. Inédito.

- 176.1. ALFANZINA, JAZIDA DE (CARVOEIRO)
  2. Restos de praia quaternária, com 44m de altitude, no cabo Carvoeiro, a poente do farol de Alfanzina e da E.N. 1274.
  3. W 723 135 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Recolheram-se, à superfície do terreno, resíduos de talhe de artefactos de pedra lascada, nomeadamente de grauvaque.
  5. Epipaleolítico.
  6. Inédita.
- 177.1. ALFANZINA, GRUTA DE (CARVOEIRO)
  2. Na falésia litoral, do cabo Carvoeiro, a cerca de 200m, poente, do farol de Alfanzina ou de Carvoeiro.
  3. W 723 135 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural, aberta nos calcários do Miocénico marinho, a poente do farol de Alfanzina ou de Carvoeiro.
  5. Indeterminada.
  6. Linha, 1984, 4, 8.



- 178.1. FURNA DO FAROL DE ALFANZINA (CARVOEIRO)
2. Na falésia litoral, do cabo Carvoeiro, a cerca de 100m, poente, do farol de Alfanzina.
  3. W 724 134 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural, aberta nos calcários do Miocénico.
  5. Indeterminada.
  6. Machado e Machado, 1945, 216; 1948, 454.
- 179.1. ALFANZINA, TORRE DE (CARVOEIRO)
2. No cabo Carvoeiro, frente ao local onde hoje se ergue o farol de Alfanzina, a cerca de 5Kms, sul, de Lagoa.
  3. W 725 135 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Torre de vigia, ou facho, com planta quadrangular, de que restam pouco mais que os alicerces.
  5. Idade Moderna (séc. XVI?).
  6. Guerreiro e Magalhães, 1983, 157.
- 180.1. FURNA DO BARCO (LAGOA)
2. Entre as praias do Carvalho e de Benagil.
  3. W 738 134 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Cavidade natural.
  5. Indeterminada.
  6. Machado e Machado, 1945, 216; 1948, 454.
- 181.1. BENAGIL, JAZIDA DE (LAGOA)
2. Restos de praia plistocénica, na arriba litoral, cerca de 6Kms, sul-sudeste, de Lagoa, e a 1.2Kms, sul, do v.g. Vale d'El Rei.
  3. W 742 135 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
4. Recolheram-se indústrias, sobre seixos rolados, de grauvaque, incluindo um núcleo e raspadores, convexos, sobre lasca.
5. Epipaleolítico.
6. Inédita.
- 182.1. CABO CARVOEIRO, NAVIO DO (CARVOEIRO)
2. Perto do cabo Carvoeiro.
  3. W 724 127 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Navio inglês, com mercadorias que se destinavam a Faro, afundado por dois corsários de Salé.
  5. Idade Moderna (1719).
  6. n/a, 1719, 370.
- 183.1. CABO CARVOEIRO, NAVIO DO (CARVOEIRO)
2. Ao largo do cabo Carvoeiro, a cerca de 30m de profundidade.
  3. W 723 133 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Navio, de tipo indeterminado, onde foram recuperadas duas ânforas, cuja tipologia se desconhece.
  5. Período Romano (?).
  6. Inédito.
- 184.1. CABO CARVOEIRO, GALÉ DO (CARVOEIRO)
2. Na enseada do Carvoeiro, «*hum pouco a Leste do Cabo*», perto da Senhora da Rocha.
  3. W 778 127 (C.M.P., 604, Lagoa, esc. 1:25.000, 1979).
  4. Galé, afundada no Verão de 1554, durante o recontro entre a frota do corsário «turco» Xaramet Arraes, com oito galés, e a esquadra do Algarve, comandada por D. Pedro da Cunha. Esta era composta por quatro galés, três patachos e duas caravelas.

Xaramet foi preso e enviado para Lisboa, sendo, em 1561, trocado por um «turco» convertido.

5. Idade Moderna (1554).
6. Iria, 1973, 16; 1976, 41-43; Lopes, 1841, 120; Oliveira, 1912, 92, 93; Quintella, 1839, 465-467; Vasconcellos, 1921, 2.

### 3. Bibliografia

- AAVV, 1976, *Tesouros Artísticos de Portugal*. Selecções do Reader's Digest, 667 pp., Lisboa.
- ADRAGÃO, J.V., 1985, *Algarve*. Novos Guias de Portugal, Editorial Presença, 196 pp., Lisboa.
- ALARCÃO, J. de, 1973, *Portugal Romano*. col. História Mundi, Editorial Verbo, 273 pp., 55 figs, 84 ests, Lisboa.
- 1988, *Roman Portugal*, vol.II, fasc. 3, Aris & Philips Ltd, 216 pp., 166 figs, 6 mapas, Warminster.
- ALEGRIA, J.A., 1986, Arquitectura tradicional: Marrocos e Algarve, *Anais do Município de Faro*. vol XVI, pp. 241-268.
- ALMEIDA, F. de, 1962, Arte visigótica em Portugal, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, vol. IV, pp. 7-256, LXXI ests.
- 1966-67, Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo Lusitânico, *Arquivo de Beja*. vols XXIII-XXIV, pp. 224-240, 4 plantas.
- ALMEIDA, F. de, 1970, *História da Igreja em Portugal*, Livraria Civilização Editora, vol. III, 654 pp., Porto.
- ALMEIDA, J. de, 1947, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. vol.III, Edição do Autor/Instituto para a Alta Cultura, 574 pp., 1 fig., XXIV ests, 4 mapas, Lisboa.
- ALVES, F.J.S., 1986, O desenvolvimento da Arqueologia Subaquática e da defesa do Património Cultural submerso do Algarve, *4º Congresso do Algarve*, vol. 1, pp. 129-141, Rocal Clube, Silves.
- 1993, Os canhões da Ponta do Altar B, *Notícias do Mar*, nº 98, p. 25.
- 1993a, Os destroços de ponta do Altar B, *Mundo Náutico*, nº 12, pp. 72, 73.
- 1994, Os canhões da Ponta do Altar B, *Tribuna do Algarve*. ano XII, nº 135, pp. 45-52.
- ALVES, F.J.S., BLOT, J., KERMORVANT, A., LORIN, A., e MATIAS, M.J., 1990, Sistemas de detecção geofísica em arqueonáutica utilizados em Portugal: Os casos Arade 1, Redoutable e Alfeizerão, *Actas do IIIº Jornadas de Teledetecção e Geofísica Aplicadas à Arqueologia, Geociências*, vol. 5, p. 135.
- ALVES, F.J.S., REINER, F., ALMEIDA, M.J.R., e VERÍSSIMO, L., 1988-89, Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas — Contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade, *O Arqueólogo Português*, série IV, vols 6-7, pp. 109-185.
- ALVES, F.J.S., SOARES, A.M.M., e CABRAL, J.M.P., 1993, As primeiras datações de radiocarbono em Portugal directamente relacionados com o património arqueológico naval e subaquático, *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior*, vol. II, pp. 151-163, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- ALVES, F.J.S., SOARES, A.M.M., CABRAL, J.M.P., GOMES, M.V., e RIBEIRO, M.I.M., 1994, Datações de radiocarbono relacionadas com o património arqueonáutico em Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. vol. XXXIV, pp. 405-411, XII ests.
- ANDRADE, C.F. de, 1937, *Os Vales Submarinos Portugueses e o Diastrofismo das Berlengas e da Estremadura*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 235 pp., 96 figs, IX ests, Lisboa.

- ANTUNES, M.T., AZZAROLI, A., FAURE, M., GUÉRIN, C., MEIN, P., 1986, Mammifères pléistocènes de Algoz, en Algarve: une révision, *Ciências da Terra*. vol.8, pp. 73-86.
- ARNAUD, J.M., 1978, O Megalitismo em Portugal. Problemas e Perspectivas, *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. vol. I, pp. 97-112, 1 quadro, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- ARNAUD, J.M., OLIVEIRA, V.S. de, e JORGE, V. de O., 1971, O povoado fortificado Neo e Encolítico do Penedo de Lexim (Mafra). Campanha preliminar de escavações — 1970, *O Arqueólogo Português*. série III, vol. V, pp. 97-131.
- AZEVEDO, J.M.S. de, 1963, Albufeira Medieval, *Actas do Congresso Histórico de Portugal Medieval, Bracara Augusta*. vols XIV-XV, pp. 41-44.
- AZEVEDO, P.A. de, 1898, Extratos archeologicos das -Memórias Parochias de 1758-, *O Archeologo Português*. vol. IV, pp. 135-153, 245-253.
- AZEVEDO, T.M.; CARDOSO, J.L., PENALVA, C., e ZBYSZEWski, G., 1979, Contribuição para o conhecimento das indústrias líticas mais antigas do território português: as jazidas com -pebble culture- da Formação de Belverde (Vilafrankiano médio), *Setúbal Arqueológica*. vol.V, pp. 31-44.
- BEIRÃO, C. de M., 1986, *Une Civilisation Protobistorique du Sud du Portugal (Ter Âge du Fer)*. Ed. de Boccard, 168 pp., XV ests, Paris.
- BEIRÃO, C. de M., e GOMES, M.V., 1980, *A 1.ª Idade do Ferro no Sul de Portugal - Epigrafia e Cultura*. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 33 pp., Lisboa.
- 1986, Testemunhos arqueológicos na área do Funcho - Alto Arade (Silves), *4º Congresso do Algarve*. vol. II, pp. 1231-1238, Racial Clube, Lisboa.
- BELLO, L., 1957, Al-Gharb -Onde a Terra se acaba e o mar começa-, *Notícias do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano V, nº 230, pp. 1, 4.
- 1960, Al-Gharb. Onde a Terra se acaba e o mar começa, *Notícias do Algarve* (Vila Real de Stº António). ano VII, n.º 361-363, pp. 2, 6.
- BENTES, M., s/d, Cerâmicas das Furnas da Mexilhoeira da Carregação (Idade do Bronze), separata com 23 pp.
- BLÁZQUEZ, A., 1901, *Abu-Ab-Alla-Mohamed-al-Edrisi - Descripción de España*. s/editora, 63 pp., Madrid.
- BONNET, C., 1850, *Algarve-Portugal. Description Geographique et Géologique de cette province*. Académie Royale des Sciences de Lisbonne. VIII + 186 pp., Lisbonne.
- BOTÃO, M. de F., 1990, *O Foral de Porches*. Algarve em Foco, 45 pp., Faro.
- 1992, *Silves Capital de um Reino Medieval*. Câmara Municipal de Silves, 192 pp., 16 figs. Silves.
- BOTELHO, H., 1903, Archeologia do Algarve, *O Archeologo Português*. vol. VIII, pp. 212-214.
- BOTTO, J.M.P., 1899, *Glossário Critico dos Principais Monumentos do Museu Archeológico Infante D. Henrique, ornado com a planta de Milreu (Estoi) e respectiva interpretação iconográfica*. 120 pp., 1 mapa, Faro.
- BRANCO, V., 1937, Velharias. Os pelourinhos algarvios, *Correio do Sul* (Faro), ano 18, nº 1049, p. 2.
- 1937d, Velharias. Os pelourinhos algarvios, *Correio do Sul* (Faro), ano 18, nº 1053, p. 2.
- C., A., 1958, Importantes obras de restauro efectuadas na igreja da Misericórdia de Estombar, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 2, nº 92, p.3.
- CABRITA JÚNIOR, J., 1940, *O Bispo Santo D. Francisco Gomes do Avelar (Esboço Biográfico)*. Tip. União, 78 pp., Faro.
- CALLIXTO, C.P., 1979, Apontamentos para a História das Fortificações da Praça de Faro. III. Curiosas e importantes informações sobre o passado da cidade de Faro, *Anais do Município de Faro*. vol. IX, pp. 143-155.
- 1989, As fortificações marítimas do tempo da Restauração, *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, pp. 207-220, Publicações Alfa S.A., Lisboa.
- 1991, *Castelos e Fortificações Marítimas do Concelho de Lagoa*. Algarve em Foco, 203 pp., Faro.
- CAMPOS, C., 1970, *Monumentos da Antiguidade árabe em Portugal*. Edição do Autor. 396 pp., 392 figs. Lisboa.
- CANANA, A., 1981, Defesa do Património Histórico de Silves e não só... conversa com José Luís Cabrita, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 25, nº 1285, pp. 1, 4.
- CARDOSO, L., 1758, *Diccionario Geographico do Reino de Portugal*. vols 14, 15, 19, 29, manuscrito da Torre do Tombo.
- CARDOSO, J.L., 1985, Pré-História da Península de Setúbal, *Livro— Guia da Excursão -Formação Plio-Quaternárias- da Península de Setúbal*. pp. 37-54, I Reunião do Quaternário Ibérico, Lisboa.
- 1990, Barragens Romanas do Algarve, *Encontro de Arqueologia do Algarve*. pp. 85-107, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Faro.
- 1995, As mais antigas presenças humanas na Estremadura, *Actas dos Primeiros Cursos Internacionais de Verão*. pp. 85-116, Câmara Municipal de Cascais, Cascais.
- CARDOSO, J.L., e GOMES, M.V., 1993-94, Presa dos Mouros — uma barragem romana inédita do Algarve (Lagoa), *Contimbriga*. vols. 32, 33, pp. 137-144.
- CARDOSO, J.L., e GOMES, M.V., 1994, Caracterização do -machado mirenses-. Os materiais de Monte dos Amantes (Vila do Bispo, Algarve), *Setúbal Arqueológica*. vol. XI (em publicação).

- CARDOSO, J.L., e PENALVA, C., 1979, Vestígios de praia Calabriana com indústrias da «Pebble Culture» no Alto de Leião — Paço de Arcos, *Boletim da Sociedade Geológica Portuguesa*, nº 21, pp. 185-195.
- CARRAPICO, F.J., 1971a, O esquecido património espeleológico algarvio, as grutas de Ibne-Ammar ou de Estombar, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 15, nº 732, pp. 1, 3.
- CASIMIRO, E., 1987c, Lagoa — Origens de Lagoa, *A Avezniba* (Paderne — Albufeira), ano 67, 2ª série, nº 148, p. 5.
- CASTELA, V., 1950, Armação de Pêra, a noiva do mar, *Revista Algarvia* (Faro), ano I, nº 4, pp. 22, 23.
- CHABY, C., 1869, *Synopse dos Decretos Remetidos ao Extinto Conselho de Guerra*, vol. I, Imprensa Nacional, 327 pp., Lisboa.
- CHAVES, L., 1914, Os «ex-votos» esculpturados do Museu Etnológico Português, *O Archeologo Português*, vol. XIX, pp. 290-300.
- 1924, *Lendas de Portugal. Contos de Mouras Encantadas*, Livraria Universal, 244 pp., Lisboa.
- 1955, Contas de pasta vítrea policrómicas do Museu Etnológico, *Revista de Guimarães*, vol. LXV, pp. 137-141.
- 1962, Notícias de Pelourinhos Algarvios, *Correio do Sul* (Faro), ano 44, nº 2299, pp. 1, 4.
- 1972, Os Pelourinhos do Algarve em notícias de Silva Lopes, *Correio do Sul* (Faro), ano 53, nº 2821, pp. 1, 3.
- CORREA, A.A.M., 1924, Ensaio Sobre a Idade do Bronze em Portugal, *Revista de Estudos Históricos*, 1º ano, pp. 22-45.
- 1928, A Lusitânia Pré-Romana, *História de Portugal* (dir. Damião Peres), vol. I, Portucalense Editora, 214 pp., 148 ests, Barcelos.
- CORREIA, J.E.C.H., 1984, *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600* (projecto de investigação como prova complementar do Doutoramento em História da Arte na F.C.S.H. da U.N.L.), texto datilografado, 49 pp., 1 mapa, 1 quadro, Lisboa.
- 1987, *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*, Publicações Ciência e Vida Lda, 162 pp., Lisboa.
- CORTE-REAL, 1994, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, *Tribuna do Algarve*, ano XII, nº 135, pp. 40-44.
- COSTA, A.C. da, 1712, *Corografia Portuguesa*, tomo III, Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 13 + 671 pp., Lisboa.
- COSTA, J.P. da, 1971, Estudo da fauna malacológica no espólio da gruta natural de Ibne-Amar, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II, pp. 599-615, Ministério da Educação Nacional, Coimbra.
- CRUZ, M.I., 1960, *Castelos de Portugal*, Colecção Turismo, nº2, Editorial Publicações Turísticas, 31 pp., 46 figs, Lisboa.
- CUNHA, F.R., 1957, *O Clima do Algarve*, Relatório Final do Curso, de Engenheiro Agrónomo, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, 589 pp., Lisboa.
- DEVIGNES, M., 1993, Contribution a l'étude de l'art mégalithique peint ibérique, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33, pp. 69-91.
- 1994, L'art mégalithique peint. Récentes découvertes, *Archéologia*, nº 304, pp. 44-49.
- DIAS, E.R., 1902, Notícias Archeológicas Extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes*, 4ª série, tomo IX, nº 9, pp. 39-48.
- DOMINGUES, J.D.G., 1945, *História Luso-árabe. episódios e figuras meridionais*, Imprensa Portuguesa, 379 pp., II ests, Porto.
- 1955b, Silves e os seus valores históricos, *Voz do Sul* (Silves), ano XL, nº 1714, p.1.
- 1957, Novos aspectos da Silves arábica, *Gil Vicente*, 2ª série, vol. VIII, pp. 13-20, 47-52, 111-118, 140-146.
- 1960, O Garb extremo do Andaluz e «Bortugal» nos historiadores e geógrafos árabes, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, vol. 78, pp. 327-362.
- 1967a, Castelos e Fortificações do Algarve, *Correio do Sul* (Faro), ano 49, nº2577, pp. 1, 4.
- 1971, Ossónoba na Época arabe, *Anais do Município de Faro*, vol. III, pp. 179-229.
- F., J. S., 1957, Deve olhar-se para Ferragudo que parece ter sido esquecida, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 1, nº 13, p.1.
- FABIÃO, C., 1992-93, *Garum* na Lusitânia Rural? Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve, *Studia Historica-Historia Antiqua*, vols X-XI, pp. 227-252.
- FABIÃO, C., e CARVALHO, A., 1990, Ânforas da Lusitânia: Uma perspectiva, *As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*, pp. 37-63, Museu Monográfico de Conimbriga, Diffusion E. de Boccard, Paris.
- FERREIRA, O. da V., 1964b, Antiguidades da Egitânia. Alguns achados dignos de nota, *Arqueologia e História*, 8ª série, vol. XI, pp. 93-101.
- 1966-67, Algumas considerações sobre as fábricas de peixe da Antiguidade encontradas em Portugal, *Arquivo de Beja*, vols XXIII-XXIV, pp. 123-134.
- 1983, Arqueologia, *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 52-A, Portimão*, Serviços Geológicos de Portugal, p. 52, Lisboa.
- FERRO, J. P., 1990, *Para a História de Lagoa no Século XVIII. A Criação do Concelho (1773)*, Algarve em Foco Editora, 106 pp., Faro.
- FIGUEIREDO, A.M. de, 1948, *Correspondência Epistolar entre Emílio Hubner e António Mesquita de Figueiredo (Arqueologia e Epigrafia, 1898-1900)*, 52 pp., Lisboa.
- FORMOSINHO, J., FERREIRA, O. da, e VIANA, A., 1953-54, Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique (Geologia, Escorço

- FORMOSINHO, J., VAULTIER, M., e ZBYSZEWSKI, G., 1945-46, Nouvelles découverts paléolithiques en Algarve, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. X, pp. 185-198.
- FRANCÊS, F. da S., 1963, As grutas de Ibne-Ammar em Estombar constituirão uma atracção turística, *Jornal do Algarve*. (Vila Real de São António), ano 7º, nº 320, pp. 1, 7.
- FRANCO, M.L., 1929, O Algarve, *Exposição Portuguesa em Sevilha*. Imprensa Nacional, 64 pp., Lisboa.
- GAMEIRO, J., PISCARRETA, A., e PALHINHA, J., 1989, *Rio Arade. Navegá-lo é Preciso*. Museu Municipal de Portimão, 16 pp., Portimão.
- GAMITO, T.J., 1983, Breve apontamento sobre o povoamento no Algarve desde a Pré-história até à época Romana e o seu condicionalismo geográfico, *Anais do Município de Faro*, vol. XIII, pp.331-358.
- 1988, *Social Complexity in Southwest Iberia 800-300 B.C. The Case of Tartessos*. British Archaeological Reports, International Series 439, 293 pp., Oxford.
- GOMES, J.J.F., e DOMINGOS, J.B.B., 1983, A «orca» da Serra das Ripas (Alenquer), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. I, pp. 287-300.
- GOMES, M.E.H.H., 1958, Monumentos arqueológicos inéditos do concelho de Silves, *Actas e Memórias de I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II, pp. 75-94, Instituto de Alta Cultura, Lisboa.
- GOMES, M.V., 1983, El «smiting god» de Azougada (Moura), *Trabajos de Prehistoria*, vol. 40, pp. 199-220.
- 1983a, Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs, *Valcamonica Symposium III. The Intellectual Expressions of Prehistoric Man: Art and Religion*. Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 385-401, Capo di Ponte.
- 1986, *Silves no Passado. Cinco anos de trabalhos arqueológicos*. Câmara Municipal de Silves, 8 pp., 9 figs. Silves.
- 1986a, O touro da Herdade de Corte Pereiro (Alcácer do Sal), *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, vol. 1., pp. 59-73.
- 1989, Arte rupestre e contexto arqueológico, *Almansor*, vol. 7, pp. 225-269.
- 1994, A Necrópole de Alfaroqueira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves, *Xelb*, nº 2, 162 pp., 80 figs.
- GOMES, M.V., e GOMES, R.V., 1988, *Levantamento Arqueológico-Bibliográfico do Algarve*. Secretaria de Estado da Cultura, Delegação Regional do Sul, 225 pp., Faro.
- GOMES, M.V., GOMES, R.V., BEIRÃO, C. de M., e MATOS, J.L. de, 1986, *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular*. Trabalhos de Arqueologia, 02, Instituto Português do Património Cultural, 139 pp., 92 figs, Lisboa.
- GOMES, M.V., e MONTEIRO, J.P., 1976, Caramujeira — Estação Pré-histórica, *Barlavento* (Portimão), ano II, nº 52, p. 6.
- 1976a, Caramujeira - Estação Pré-histórica, *Barlavento*(Portimão), ano II, nº 53, p. 7.
- 1976b, Caramujeira - Estação Pré-histórica, *Barlavento*(Portimão), ano II, nº 54, p.4.
- 1979, Lagoa — Povoado Pré-histórico de Alfanzina, *Informação Arqueológica*, nº 1, p. 20.
- 1979b, Novo menir decorado no povoado das Areias das Almas, *Informação Arqueológica*, nº 1, p. 200.
- GOMES, M.V., MONTEIRO, J.P., e SERRÃO, E. da C., 1976, Caramujeira — estação pré-histórica, *Gapa*, 03, pp. 7-24.
- 1978, A Estação Pré-histórica da Caramujeira, *Trabalhos de 1975/76, Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, pp. 33-72, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GOMES, M.V., e SILVA, C.T. da, 1987, *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 84 pp., 38 figs, Faro.
- GOMES, R.V., 1993, A cidade muçulmana, *A cidade — Jornadas Inter e Pluridisciplinares*, vol.II, pp. 27-54, Universidade Aberta, Lisboa.
- GONÇALVES, V.S., 1981b, Arqueologia do Algarve: sinopse retrospectiva e perspectiva de mudança, *Clio*, vol.3, pp. 177-181.
- GOODOLPHIM, C., 1897, *As Misericórdias*. Imprensa Nacional, 460 pp., 4 ests, Lisboa.
- GOUVEIA, A., 1928, O Algarve no livro «Castelos Portugueses», *Correio Olbanense* (Olhão), ano VIII, nº 277, pp. 3, 10.
- GUEDES, L. da C., 1988, *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII. A Descrição de Alexandre Massati (1621)*. Arquivo Histórico Militar, 269 pp., 3 ests, Lisboa.
- GUERREIRO, M.V., e MAGALHÃES, J.R., 1983, *Dois descrições do Algarve do século XVI*. Cadernos da Revista de História Económica e Social, nº 3, Sá da Costa Editora, 182 pp., 1 fig., Lisboa.
- GUILAINE, J., 1994, *La Mer Partagée. La Méditerranée Avant l'Écriture. 7000-2000 avant Jésus-Christ*. Hachette, 453 pp., 334 figs. Paris.
- IRIA, A., 1941, *A Invasão de Junot no Algarve (Subsídios para a História da Guerra Peninsular - 1808-1814)*. Edição do autor, 476 pp., Lisboa.
- 1950, As ruínas de tanques de salga de peixe encontradas recentemente em Olhão, *Indústria Portuguesa*, ano 23, nº 273, pp. 727-732, 4 figs.
- 1956, *Descobrimientos Portugueses. O Algarve e os Descobrimientos*, vol. II, 761 pp., Instituto de Alta Cultura, Lisboa.
- 1973, *Ex-votos de mareantes e pescadores do Algarve (Religião & Náutica)*. Centro de Estudos de Marinha, 54 pp., 11 figs, Lisboa.
- 1976, *Da Importância Geo-Política do Algarve na Defesa Marítima de Portugal, nos Séculos XV a XVIII*. Academia Portuguesa da História, 201 pp., 6 ests, Lisboa.

- Portugal, nos Séculos XV a XVIII*. Academia Portuguesa da História, 201 pp., 6 ests, Lisboa.
- 1982, *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do Século XIV (Subsídios para a sua História)*. Academia Portuguesa da História, 142 pp., Lisboa.
- 1983, O Vinho no Algarve Medieval (Subsídios para a sua História), *O Vinho na História Portuguesa - séc. XIII-XIX*, pp. 127-166, Academia Portuguesa da História - Fundação Eng. António de Almeida, Porto.
- 1984, Ex-votos Marítimos Inéditos dos Séculos XVII ao XIX (Novos Subsídios para a História), *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, vol. 29, pp. 311-393.
- 1990, *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do Século XV (Subsídios para a sua História). I- 1404-1449*. Academia Portuguesa da História, 273 pp., Lisboa.
- JÚDICE, P.M., 1929, Pelo Algarve. Apontamentos monográficos. Lagoa no Dicionário Geográfico, *Voz do Sul* (Silves), ano XIV, nº 542, p. 3.
- 1929a, Pelo Algarve. Apontamentos monográficos. Lagoa no Dicionário Geográfico, *Voz do Sul* (Silves), ano XIV, nº 543, p. 3.
- 1929b, Pelo Algarve. Apontamentos monográficos. Lagoa no Dicionário Geográfico, *Voz do Sul* (Silves), ano XIV, nº 544, p. 3.
- JÚNIOR, J.P., 1977, O Pelourinho, *Correio do Sul* (Faro), ano 58, nº2998, pp. 1, 3.
- 1977a, Azulejos, *Correio do Sul* (Faro), ano 58, nº 2999, pp. 1, 3.
- L., C., 1913, Aquisições do Museu Etnológico Português, *O Arqueólogo Português*, vol. XVIII, pp. 131-165.
- L., J., 1978, O aproveitamento turístico das grutas de Ibne Ammar em Estombar, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 22, nº 1102, p. 1.
- LAGOA, J. de, 1995, As fáticas pedras do amor, *Gazeta de Lagoa*, nº 262, p.12.
- LAMEIRA, F.I.C., 1988, *Itinerário do Barroco no Algarve*. Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 104 pp., 140 figs, Faro.
- 1992, *Inventário Artístico do Algarve. A talha e a imaginária. IX Concelho de Lagoa*. Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Algarve, 277 pp., Faro.
- LAPA, A., 1959, Portimão -Cidade- duas vezes e o compromisso dos seus pescadores, *Boletim de Pesca*, nº 62, separata com 62 pp., 15 figs., Lisboa.
- LEAL, P., 1873, *Portugal, Antigo e Moderno*, Livraria Matos e Moreira & Cª, vol. I, 512 pp., Lisboa.
- 1873b, *Portugal, Antigo e Moderno*, Livraria Matos e Moreira & Cª, vol. III, 431 pp., Lisboa.
- 1873d, *Portugal, Antigo e Moderno*. Livraria Matos e Moreira & Cª, vol. V, 596 pp., Lisboa.
- 1873f, *Portugal, Antigo e Moderno*, Livraria Matos e Moreira & Cª, vol. VII, 716 pp., Lisboa.
- 1873h, *Portugal, Antigo e Moderno*. Livraria Matos e Moreira & Cª, vol. IX, 764 pp., Lisboa.
- LEAL, M.J., e DOMINGUES, J.D.G., 1984, *Livro do Almoarifado de Silves (século XV)*. Câmara Municipal de Silves, 151 pp., Silves.
- LEITÃO, J., 1917, A Volta da Moirama, *Diário Nacional* (Lisboa), ano II, nº 357, p. 1.
- LENCASTRE, F., 1994, Forte de São João do Arade, *Tribuna do Algarve*, ano XII, nº 135, pp. 34-39.
- LINHA, A.M., 1984, Lagoa, O concelho e as freguesias, *Tribuna do Algarve* (Lagoa), ano II, nº 21, pp. 4, 8.
- LOPES, F., 1993, *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado. Distrito de Faro*. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. 47 + XXII pp., Lisboa.
- LOPES, J.B. da S., 1841, *Corografia ou Memória Económica, Estadística e Topográfica do Reino do Algarve*. Typographia da Academia Real das Sciencias, 512 pp., 33 mapas, Lisboa.
- 1848, *Memórias para a História Ecclesiástica do Bispado do Algarve*. Typographia da Academia Real das Sciencias, 654 pp., 24 docs, Lisboa.
- LOUREIRO, A., 1909, *Os Portos Marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*. vol. IV, Imprensa Nacional, 360 pp., Lisboa.
- MACHADO, A. de B., e MACHADO, B. de B., 1945, Inventário das Cavernas Calcárias de Portugal, *O Instituto*, vol. 105, pp. 198-245.
- 1948, *Inventário das Cavernas Calcárias de Portugal*. Publicações do Instituto de Zoologia do Porto, vol. 36, Imprensa Portuguesa, pp. 444-473.
- MACHADO, J.L.S., 1970, Documentos de Estácio da Veiga, para o estudo da arqueologia do Algarve. I- Catálogo de Plantas, Desenhos e Mosaicos, *Actas das Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I, pp. 333-385, 41 figs, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- MACHADO, J.P., 1978, Crónica da Conquista do Algarve. Comentários e notas de J.P. Machado, *Anais do Município de Faro*, vol. VIII, pp. 239-274.
- MAGALHÃES, J.A.R., 1970, *Para o Estudo do Algarve Económico Durante o Século XVI*, Edições Cosmos, 289 pp., 8 figs, Lisboa.
- 1988, *O Algarve Económico 1600-1773*. Editorial Estampa, 452 pp., XV quadros, IX mapas, XXV gráficos, Lisboa.
- MANUPELLA, G., 1992, *Carta Geológica da Região do Algarve*. Escala de 1/100 000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- MARQUES, A.H. de O., 1984, *Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*. Instituto Nacional de Investigação Científica, 656 pp., Lisboa.
- MARQUES, G., e ANDRADE, M., 1973, Aspectos da Proto-história do

- território português-I — Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, pp. 125-148, 1 quadro, Ministério da Educação Nacional, Porto.
- MARQUES, J., 1987, Os castelos algarvios da Ordem de Santiago no reinado de D. Afonso III, *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, pp. 101-130, Câmara Municipal de Loulé, Loulé.
- MARQUES, T., 1992, *Carta Arqueológica de Portugal. Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé, São Brás de Alportel*, Instituto Português do Património Cultural, 303 pp., 14 figs, Lisboa.
- MARTINS, G. de O., 1969, Poderão as grutas do Algarve constituir atracção turística?, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 13, nº 648, pp. 1, 4.
- 1969a, Poderão as grutas do Algarve constituir atracção turística?, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 13, nº653, pp. 1, 3.
- MARTINS, J.A. de J., 1990, *Estudo Histórico-Monográfico da Freguesia de Ferragudo do Concelho de Lagoa*. Algarve em Foco Editora, 228 pp., 25 figs, Faro.
- MASCARENHAS, J.F., 1978, Espeleologia em Moncarapacho seus objectivos e possíveis reflexos da sua actividade no Turismo Algarvio, *Correio do Sul* (Faro), ano 58, nº 3002, pp. 1, 4.
- MATEUS, J.I., 1973, Quem olha pela Ermida de Nossa Senhora da Rocha, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 17, nº 848, p. 10.
- 1973a, A Povoação de Porches tem motivos de interesse para a arqueologia, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 7, nº 867, pp. 1, 4.
- MATOS, M.C. de, e ALVES, F.J.S., 1987, Datam de meados do século XVI as mais antigas embarcações do rio Arade, *Diário de Notícias*, nº 43.289, pp.14, 15.
- MIGUEL, I. R. de, 1984-85, En torno a la problemática del habitat al aire libre en el neolítico peninsular, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, n.º 11-12, pp. 153-161
- MENDONÇA, A.E., 1988, Moinhos de maré no rio Arade, 5º Congresso do Algarve, vol.1, pp.29-34, Raçal Clube, Silves.
- MESQUITA, J.C.V., 1982, O Palácio de Estói (1). A escassez do património Algarvio - tentativa de explicação, *O Algarve* (Faro), ano 75, nº 3752, pp. 1, 9.
- MONTEIRO, J.P., e GOMES, M.V., 1979, Menires do Algarve, *Actas del XV Congreso Nacional de Arqueología*, pp. 355-374, Zaragoza.
- 1981, The Menhirs of Portugal, *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. XVIII, pp. 75-88.
- MONTJARDIN, R., 1987, Observation sur la question des steles et statues-menhirs de France et d'ailleurs, *Actes des Journées d'Études des Statues-Menhirs*, pp. 107-119, Saint-Pons-de-Thornières.
- MOURINHO, A. da E., 1966, De Estombar, *Jornal de Lagoa* (Lagoa), ano I, nº 1, pp. 4, 5.
- 1966a, Crónica de Estombar, Reminiscências, *Jornal de Lagoa* (Lagoa), ano I, nº8, pp. 2, 4.
- 1967, Reminiscências de Estombar, *Jornal de Lagoa* (Lagoa), ano I, nº 17, p. 3.
- 1976, Os fustes historiados da Matriz de Estombar, *Folha do Domingo* (Faro), ano LXII, nº 3188, p. 6.
- 1983, Estombar. As suas terras e as suas gentes, *Barlavento* (Portimão), ano VIII, Nº 341, p. 3.
- 1983a, Estombar. As suas terras e as suas gentes, *Barlavento* (Portimão), ano VIII, nº 342, p.3.
- 1983b, Estombar. As suas terras e as suas gentes, *Barlavento* (Portimão), ano VIII, nº 343, p. 3.
- 1983c, Estombar. As suas terras e as suas gentes, *Barlavento* (Portimão), ano VIII, nº 345, p. 3.
- NORONHA, F. de, 1921, Silves, *Voz do Sul* (Silves), ano V, nº 181, pp. 1, 2.
- 1921a, Silves, *Voz do Sul* (Silves), ano V, nº 182, pp. 1, 2.
- NUNES, A. de S., 1955b, A Conquista do Algarve aos Mouros e a Castela, *Notícias do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano II, nº 93, pp. 1, 4.
- 1963, D'Aqui Rio Arade. A Ilha do Rosário, *Jornal do Algarve*, ano 6, nº 303, p. 8.
- OLIVEIRA, F.X. d'A., 1898, *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*. Typographia Burocrática, XXV + 299 pp., 7 ests, Tavira.
- 1911, *Monografia de Estombar, Concelho de Lagoa*. Typographia Universal de Figueirinhas & Cª, 255 pp., 6 ests, Porto.
- 1912, *Monografia de Porches, Concelho de Lagoa*. Typographia Universal de Figueirinhas & Cª, 191 pp., 9 ests, Porto.
- PASSOS, V., 1967, Igrejas Manuelinas sobre o mar do Algarve, *Jornal de Lagoa* (Lagoa), ano II, nº 26, p.10.
- PENALVA, C., 1979, A «Pebble Culture» de tradição africana em Portugal. O estilo lusitaniano, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol.65, pp. 215-223.
- PEREIRA, J.P., e BICHO, N.F., 1994, Reprodução, tecnologia e função do machado mirenses, *Vipasca. Arqueologia e História*, vol.3, pp. 31-40.
- PEREIRA, M.L.V.S., 1974-77, Marcas de oleiros algarvios do período romano, *O Arqueólogo Português*, série III, vols VII-IX, pp. 243-268.
- PEREIRA, M.L.E. da V.A. dos S., 1976, Alguns aspectos da arqueologia romana do Algarve — Palestra proferida em 14/6/73 na Casa do Algarve em Lisboa, *Anais do Município de Faro*, vol. VI, pp. 161-203.
- PIMENTEL, A., 1899, *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Livraria Editora Guimarães, Libanio & Cª, 501 pp., Lisboa.

- PINTO, J.L., 1984, *O Algarve (notas impressionistas)*. Livraria Portuense, 172 pp., Portugal.
- PINTO, M.H.M., e PINTO, V.R.M., 1968, *As Misericórdias do Algarve*. Ministério da Saúde e Assistência, 392 pp., 258 figs, Lisboa.
- PROENÇA, R., 1927, *Guia de Portugal*. vol. II, Biblioteca Nacional, XXXIX + 697 pp., 17 plantas, 51 ests, Lisboa.
- QUINTELA, A.C., CARDOSO, J.L., e MASCARENHAS, J.M., 1988, Barragens romanas do Algarve, *5º Congresso do Algarve*, vol. I, pp. 19-27, Racial Clube, Lisboa.
- QUINTELA, I. da C., 1839, *Annaes da Marinha Portuguesa*, vol. I, 525 pp., Typografia da Academia das Sciencias, Lisboa.
- RAMOS, M., RIBEIRO, A., e PERES, D., 1929, História Política, *História de Portugal* (dir. Damião Peres), vol. II, Portucalense Editora, 391 pp., 343 ests, Barcelos.
- RAMOS, M.F.C., 1990, Três obras-primas do mestre manuelino de Alvor, *6º Congresso do Algarve*, vol. 1, pp. 39-44, Racial Clube, Silves.
- REIS, J. dos, 1967, *Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e Além-Mar e o seu Padroado*, Ed. do Autor, 656 pp., Lisboa.
- RIBEIRO, A., 1921, Odelouca. Rio da Louca. A sua lenda, *Voz do Sul* (Silves), ano V, nº 180, p. 2.
- RIBEIRO, A., 1979, Scismicité et Néotectonique, *Introduction à la Géologie Générale du Portugal*, pp. 29-31, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- ROCHA, R.B., MARQUES, B.L., ANTUNES, M.T., e PAIS, J., 1989, *Carta Geológica de Portugal. Folha 52-B. Albufeira*, Serviços Geológicos de Portugal, 36 pp., Lisboa.
- RODRIGUES, A.V., s/d, *Arqueologia da Península Hispânica, do Paleolítico à Romanização*, Porto Editora, 487 pp., 245 figs, Porto.
- ROSA, J.A.P. e, 1966, *Arte Sacra em Tavira*. 99 pp., 64 figs, Tavira.
- 1966a, As Cavernas do Algarve. Mais um motivo de atracção que ainda está por explorar científica e artisticamente, *O Algarve* (Faro), ano 59, nº 3060, pp. 1, 2.
- 1970, Quatro Meses com Estácio da Veiga (Estudo arqueológico-bibliográfico), *Anais do Município de Faro*, vol. II, pp. 87-98.
- 1971, Quatro Meses com Estácio da Veiga (Estudo arqueológico-bibliográfico), *Anais do Município de Faro*, vol. III, pp. 263-274.
- 1975, O Largo de S. Francisco através dos tempos, *Anais do Município de Faro*, vol. V, pp. 53-57.
- 1975b, Quatro Meses com Estácio da Veiga (Estudo arqueológico-bibliográfico), *Anais do Município de Faro*, vol. V, pp. 133-142.
- 1977b, Tesouros sem Cortes, *Folha de Domingo* (Faro), ano LXIII, nº 3243, p. 5.
- 1978k, Tesouros sem Cortes, *Folha de Domingo* (Faro), ano LXV, nº 3307, p. 8.
- 1978, Machado de Castro e o Algarve, *O Algarve*, nº 3628, pp. 1-6.
- 1984b, São José de Lagoa também para rui?, *Folha de Domingo* (Faro), ano LXX, nº 3577, pp. 1, 4.
- 1990, *Tesouros Artísticos do Algarve*, Secretaria de Estado da Cultura, Delegação Regional do Sul, 114 pp., Faro.
- 1992, *Crónicas. Viagens e Outras Engrenagens*. Edição do Autor, 357 pp., Faro.
- SÁ, B. de, 1906, Relatório de uma excursão archeológica ao Alentejo e Algarve, *O Archeologo Português*, vol. XI, pp. 197-201.
- SAA, M., 1957, *As Grandes Vias da Lusitânia. O Itinerário de Antonino Pio*, vol. IV, Ed. do Autor, 337 pp., 27 figs, 1 mapa, Lisboa.
- SALGADO, Fr. V., 1786, *Memórias Ecclesiásticas do Reino do Algarve*. Régia Officina Typográfica, tomo I, 316 pp., Lisboa.
- SANTA MARIA, Fr. de, 1718, *Santuário Mariano*. vol. VI, Officina de António Pedrozo Galram, 522 pp., Lisboa.
- SANTO AGOSTINHO, Fr. J. de, 1792, Memoria sobre huma Chronica inedita da Conquista do Algarve, *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. I, pp. 74-97, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa.
- SANTOS, H., 1915, Coisas antigas do Algarve, *O Sul*, ano IV, nº 193, p. 3.
- 1937d, História do Passado. Castelos do Algarve (nº4), *O Algarve* (Faro), ano 30, nº 1526, p. 1.
- 1937g, História do Passado. Castelos do Algarve (nº7), *O Algarve* (Faro), ano 30, nº 1529, p. 2.
- 1942b, Coisas Antigas do Algarve, *Povo Algarvio* (Tavira), ano VIII, nº 401, p. 1.
- 1942i, Investigando no Passado, *Voz do Sul* (Silves), ano XXVII, nº 1124, p. 3.
- 1942j, Investigando no Passado, *Voz do Sul* (Silves), ano XXVII, nº 1125, p. 4.
- 1945a, Quem foram os capitães estrangeiros no cerco de Silves, *Voz do Sul* (Silves), ano XXXI, nº 1270, p. 4.
- SANTOS, M.L.E. da V.A. dos, 1971, *Arqueologia Romana do Algarve*, vol. I, 406 pp., 171 figs, 4 mapas, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- 1972, *Arqueologia Romana do Algarve*, vol. II, 459 pp., 194 figs, 2 mapas, Associação do Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- SANTOS, R. dos, s/d, *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. II, Editorial Notícias, 310 pp., 194 figs, 30 ests, Lisboa.
- SCHUBART, H., 1971, O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Neolítico final no Sudoeste da Península Ibérica, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXI, pp. 189-215, 15 figs.
- 1975, *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*,

- Walter de Gruyter & Co., vol. I, 300 pp., 29 figs; vol. II, 94 ests, 56 mapas, Berlim.
- SEQUEIRA, M., s/d, *Palácios e Solares Portuguezes*, col. Enciclopédia pela Imagem, Lello-limitada-Editores, 64 pp., 109 figs, Porto.
- SERAFIM, J.L., 1986, Algumas Barragens do Mundo Antigo, *4º Congresso do Algarve*, vol. I, pp. 85-91, Racial Clube, Lisboa.
- SILVA, A.C.F. da, e GOMES, M.V., 1992, *Proto-História de Portugal*, Universidade Aberta, 275 pp., 67 figs, Lisboa.
- SILVA, C.T. da, SOARES, A.C., e CORREIA, V.H., 1990, Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres), *As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*, pp. 225-246, Museu Monográfico de Conimbriga, Conimbriga.
- SILVA, C.T. da, SOARES, J., e PENALVA, C., 1985, Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo Litoral: O Concheiro do Medo Tojeiro, *Arqueologia*, nº 11, pp. 5-15.
- SILVA, C.T. da, SOARES, A.C., e SOARES, J., 1987, Nota sobre material anfórico da foz do Arade (Portimão), *Setúbal Arqueológica*, vol. VIII, pp. 203-220.
- SIMÃO, A., 1953, Portimão Turístico, *Notícias do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano I, nº 23, pp. 4, 5, 8.
- SIMÕES, J.M. dos S., 1949d, Os Azulejos das Igrejas Matrizes de Estombar e de S. Clemente de Loulé, *Correio do Sul* (Faro), ano 30, nº 1660, pp. 1, 4.
- SMITH, R.C., 1940, A sixteenth century manueleine doorway in the Algarve, *Congresso do Mundo Português*, vol. V, pp. 135-159, Lisboa.
- SOUSA, F.L.P. de, 1915, O Megasismo do 1º de Novembro de 1755 em Portugal - Distrito de Faro, *Revista de Obras Públicas e Minas*, separata com 165 pp., V ests, Lisboa.
- THORTHWAITE, C.W., 1948, An approach toward rational classification of climate, *The Geographic Review*, vol. XXXVIII.
- VALADARES, A. de, 1958, Igrejas, Capelas e Ermidas do Algarve, *O Algarve* (Faro), ano 50, nº 2602, pp. 1, 2.
- 1958b, Invocação das Igrejas Algarvias (I), *O Algarve* (Faro), ano 50, nº 2604, pp.1, 3.
- 1958c, Invocação das Igrejas Algarvias (II), *O Algarve* (Faro), ano 50, nº 2607, p. 1.
- 1958d, Invocação das Igrejas Algarvias (III), *O Algarve* (Faro), ano 51, nº 2609, pp. 1, 4.
- 1958h, História das Igrejas do Algarve II - Primeiros Séculos Cristãos, *O Algarve* (Faro), ano 51, nº 2621, pp. 1, 2.
- 1958i, História das Igrejas do Algarve III - Séculos XIV a XVII, *O Algarve* (Faro), ano 51, nº 2623, pp. 1, 2.
- 1958j, História das Igrejas do Algarve IV - Do século XVIII até hoje, *O Algarve* (Faro), ano 51, nº 2625, pp. 1, 4.
- 1959, O Manuelino, a Renascença e o Barroco no Algarve, *O Algarve* (Faro), ano 51, nº 2649, pp. 1, 4.
- VARELA, M., 1981, Arqueologia em Silves, para quê?, *Património e Cultura*, ano I, nº 4, pp. 3-5.
- VASCONCELLOS, D. de, 1921, A Cidade de Tavira, *A Folha Tavirense* (Tavira), ano I, nº 11, p.2.
- 1921o, A Cidade de Tavira. Apontamentos para a sua história, *A Folha Tavirense* (Tavira), ano I, nº 17, pp. 1, 2.
- 1938e, Ecos do Passado de Tavira, *Povo Algarvio* (Tavira), ano IV, nº 200, p. 3.
- 1938f, Ecos do Passado de Tavira, *Povo Algarvio* (Tavira), ano IV, nº 201, p. 3.
- VASCONCELLOS, J.L., 1913, *Religiões da Lusitania*, vol. III, Imprensa Nacional, XVIII + 636 pp., 1 mapa, Lisboa.
- 1917, Coisas Velhas, *O Archeologo Português*, vol. XXII, pp. 107-169.
- 1918, Pelo Sul de Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XXIII, pp. 104-138.
- 1919-20, Estudos sobre a época do Ferro em Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XXIV, pp. 99-107.
- 1927, *De Terra em Terra*, vol. II, Imprensa Nacional, 300 pp., 255 figs, Lisboa.
- 1927-29b, Antiguidades do Alentejo, *O Archeologo Português*, vol. XXVIII, pp. 158-200.
- VEIGA, S.P.M.E. da, 1886, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Imprensa Nacional, vol. I, 7 + XVI + 305 pp., XXX ests, 1 mapa, Lisboa.
- 1887, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Imprensa Nacional, vol. II, pp. 306-609, XXVIII + XII + IV ests, 1 mapa, Lisboa.
- 1891, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Imprensa Nacional, vol. IV, 346 pp., XLV ests, Lisboa.
- VIANA, A., 1938, Necessidade de uma lei reguladora de exploração arqueológica e acauteladora do património arqueológico nacional, *Revista de Arqueologia*, vol. III, pp. 237-246.
- 1939w, Algumas Investigações Arqueológicas na cidade de Faro. IV — Onde foi Ossónoba, *O Algarve* (Faro), ano 32, 1646, pp. 1, 2.
- 1939ab, Algumas Investigações Arqueológicas na cidade de Faro. IV — Onde foi Ossónoba, *O Algarve* (Faro), ano 32, nº 1651, pp. 1, 2.
- 1955b, Notas de corografia arqueológica, *Brotéria*, vol. LXI, pp. 162-172, 545-556.
- 1960-61, Vidros Romanos em Portugal, breves notas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVIII, pp. 5-42.
- VIANA, A., FERREIRA, O. da V., e FORMOSINHO, J., 1954, Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações

- nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XV, pp. 17-54.
- VIANA, A., FORMOSINHO, J., e FERREIRA, O. da V., 1953, De lo prerromano a lo árabe en el Museo Regional de Lagos, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVI, pp. 113-138.
- VICENTE, E.P., e MARTINS, A. da S., 1979, Menires de Portugal, *Etnos*, vol. VIII, pp. 108-138.
- VIDAL, J.E. de L., 1938, *D. Teresa de Saldanha e suas Dominicanas*, Seminário das Missões, 519 pp., Cucujães.
- 1938a, *D. Tereza de Saldanha e as suas Dominicanas. Album de gravuras*, Cucujães.
- VIEIRA, J.G., 1911, *Memória Monographica de Villa Nova de Portimão*, Typographia Universal (A Vapor), VII + 104 pp., 7 ests, Porto.
- VILAÇA, R., 1988, *Subsídios para o Estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego*, *Trabalhos de Arqueologia*, 05, 114 pp., 38 figs, 11 ests, 10 mapas, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O. da V., SOUSA, H.R. de, NORTH, C.T., e LEITÃO, M., 1977, Nouvelles Découvertes de Cromlechs et de Menhirs au Portugal, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. LXI, pp. 63-73.
- ZURARA, G.E. de, 1915, *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I*, Academia das Ciências de Lisboa, CXV + 341 pp., Lisboa.
- N/A, 1719, *Gazeta de Lisboa Occidental*, nº 40, p. 370.
- 1723a, Algarve. Villa Nova de Portimão, 17 de Janeiro, *Gazeta de Lisboa Occidental*, nº 4, p. 31.
- 1856, Villa Nova de Portimão, *O Panorama — Jornal Literário e Instructivo* (Lisboa), vol. V, 3ª série, p. 369.
- 1898g, Lagoa, *O Domingo Ilustrado* (Lisboa), II vol., nº 89, pp. 389, 390.
- 1932c, Ferragudo. Traços Monográficos, *O Baluarte* (Faro), ano 1, nº 5, pp. 2, 4.
- 1938e, O Castelo de Arade uma homenagem a prestar, *O Algarve* (Faro), ano 30, nº 1563, p. 2.
- 1946i, Novo aproveitamento pitoresco - O Castelo de Arade, *Correio do Sul* (Faro), ano 27, nº 1518, p. 1.
- 1948, O Panorama do Azulejo em Portugal. Azulejos Algarvios, Duas Interessantes Descobertas em Portugal, *Correio do Sul* (Faro), ano 29, nº 1586, pp. 1, 2.
- 1948a, Algarve Pitoresco. A praia do Carvoeiro, *Correio do Sul* (Faro), ano 29, nº 1593, p. 1.
- 1948h, Terras da Nossa Terra, Vila de Lagoa, *Correio Olbanense* (Olhão), ano I, nº 9, pp. 1, 4.
- 1949c, Castelos Medievais de Portugal, *II Congresso do Centro Europeu para o Estudo dos Castelos*, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 61 pp., 64 figs, Porto.
- 1957a, A Igreja Matriz de Estombar vai ser classificada Monumento Nacional, *Correio do Sul* (Faro), ano 38, nº 2057, pp. 1, 6.
- 1957c, A Igreja Matriz de Estombar e o que resta do Castelo, *Correio do Sul* (Faro), ano 38, nº 2060, pp. 1, 4.
- 1957e, A Freguesia de Estombar e as Povoações de Parxal e Mexilhoeira da Carregação carecem de bairros económicos, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 1, nº 25, pp. 1, 4.
- 1963b, A ermida de Nossa Senhora da Rocha, foi classificada como Imóvel de Interesse Público, *Correio do Sul* (Faro), ano 45, nº 2377, p. 1.
- 1965a, Já está reparada a igreja matriz de Estombar, *Correio do Sul* (Faro), ano 47, nº 2477, p. 1.
- 1966b, Ferragudo e o Turismo, *Jornal de Lagoa* (Lagoa), ano I, nº 1, p. 8.
- 1967, A restauração da Ermida de Nossa Senhora do Rosário, no Ilhéu do mesmo nome a poucos quilómetros de Faro, *Correio do Sul*, ano 49, nº 2572, pp. 1, 4.
- 1967d, Uma curiosa monografia da Senhora da Rocha num estudo de D. Fernando de Almeida, *Correio do Sul* (Faro), ano 49, nº 2579, pp. 1, 4.
- 1975b, *Catálogo dos Imóveis Classificados*, Imprensa Nacional, 237 pp., Lisboa.
- 1976g, Arqueólogos apresentaram resultados das investigações arqueológicas no Algarve, *Folha do Domingo* (Faro), ano LXII, nº 3187, p. 5.
- 1976k, Importantes achados arqueológicos no Algarve, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 20, nº 1009, p. 1.
- 1977c, Aproveitamento de grutas no Algarve para fins turísticos, *O Algarve* (Faro), ano 70, nº 3610, p. 1.
- 1979, Manuel Tapadinha fala-nos do «Museu de Lagoa», *Barlavento* (Portimão), ano V, nº 176, pp. 6, 7.
- 1983a, Castelo de Paderne e a ponte Romana, *A Avezinba* (Paderne), ano 62, 2ª série, nº 41, p. 7.
- 1983b, Nós vamos contar a velha história de Loulé, *A Avezinba* (Paderne), ano 62, 2ª série, nº 43, p. 1.
- 1983i, Lagoa, 270 anos de História, *Barlavento* (Portimão), ano IX, nº 369, pp. 3, 4.
- 1983o, Um Jardim Muçulmano: Estombar, *Crónica do Algarve* (Portimão), ano I, nº 1, p. 5.
- 1983p, Os Fenícios no Rio Arade, *Crónica do Algarve* (Portimão), ano I, nº 1, p. 11.
- 1983u, Dragas «monstros do arrasto», *Crónica do Algarve* (Portimão), ano I, nº 2, p. 24.

- 1983x, O Convento de Praxel no sítio do Calvário. Ruína que urge salvar, *Crónica do Algarve* (Portimão), ano I, nº 3, p. 24.
- 1983ap, O «Algarve» em Notícia, *O Algarve* (Faro), ano 76, nº 3827, p. 3.
- 1983ar, Das origens ao presente de Silves, *O Arade* (Silves), ano 1, nº 1, p. 3.
- 1984c, Grande vila aberta a futura cidade Hora de Lagoa, ano I, nº 1, *A Avezimba* (Paderne), ano 64, 2ª série, nº 67, pp. 1-8 + 1-4.
- 1984ah, Convento de S. José em Lagoa, *O Algarve* (Faro), ano 76, nº 3843, p. 8.
- 1985b, Lagoa: seu retrato físico histórico, *Alfange*(Silves), ano 1, nº 9, p. 4.
- 1985t, Grutas algarvias estão ameaçadas, *O Algarve* (Faro), ano 78, nº 3922, pp. 1, 7.
- 1987m, De Porches a Mexilhoeira da Carregação, *Jornal do Algarve* (Vila Real de Stº António), ano 31, nº 1587, p. 7.

Depósito Legal n.º 92039/95

Tiragem 2.000 exemplares